



Maria Betânia e Silva
Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2004). Graduada em Educação Artística/Artes Plásticas – Licenciatura pela Universidade Federal de Pernambuco (1992). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (2020). Professora da Graduação e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB.



Fabiana Souto Lima Vidal
Doutora em Educação pela UFPE (2016). Mestre em Educação – UFPE (2011). Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas – UnB. Licenciada em Educação Artística/Artes Plásticas – UFPE. Docente de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFPE e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Editora-chefe da Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica.

PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO EM/SOBRE/COM ARTES VISUAIS

A partir das produções visuais e escritas, criadoras e inovadoras, elaboradas pelos/as estudantes/artistas da Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB, apresentamos modos outros de pensar ações pesquisantes para além dos modelos construídos e largamente utilizados na modernidade, em busca de caminhos traçados e desenhados nas nossas próprias histórias. As temáticas de pesquisa envolvem histórias de vida, autobiografia, artografia, cartografia e processo de criação. Produzir conhecimento e gerar possibilidades de pensamentos potentes envolvendo o campo das Artes Visuais tem sido um convite ainda maior ao deslocamento. O que pesquisamos não está alheio a nós. Atravessa nossa subjetividade. Implica vivências cotidianas presentes, passadas. Traz marcas dos nossos corpos e tessituras da vida. Contém fios, recortes, colagens, costuras das experiências que atravessam nossas inquietações perante o mundo e a existência. A reunião desses processos criativos, além de contribuir com a produção de conhecimento teórico-artístico, colabora como referência para novas investigações e produções de imagens.



Editora CRV

PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO EM/SOBRE/COM ARTES VISUAIS

PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO EM/SOBRE/COM ARTES VISUAIS

Maria Betânia e Silva
Fabiana Souto Lima Vidal
(Orgs.)



Pensar e produzir conhecimento em/sobre/com Artes Visuais em um contexto em que o campo da cultura, simultaneamente, é atacado e sofre com as mazelas desses tempos sombrios, passa a ser a mola propulsora das nossas vivências pandêmicas. Resistimos aos embates políticos que assolam a educação pública no país e à Ciência que vem sendo continuamente atacada, na direção de descredibilizá-la. Assim, este livro traz formas outras de (re)pensar caminhos de pesquisas que estão sendo delineadas no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB, durante a pandemia do Covid-19.

Fabiana Souto Lima Vidal
Maria Betânia e Silva

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

Maria Betânia e Silva
Fabiana Souto Lima Vidal
(Organizadoras)

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO EM/SOBRE/COM ARTES VISUAIS

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2021

Copyright © da Editora CRV Ltda.

Editor-chefe: Railson Moura

Diagramação e Capa: Designers da Editora CRV

Imagem da Capa: “Costurando manchas para marcar espaços/tempos”,
aquarela, linha de costura e manipulação de imagem em app digital,
de Fabiana Souto Lima Vidal

Revisão: Fabiana Souto Lima Vidal e Maria Betânia e Silva

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária Responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

P962

Processos de investigação em/sobre/com Artes Visuais / Maria Betânia e Silva, Fabiana Souto Lima Vidal (organizadoras) – Curitiba : CRV, 2021.
120 p.

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-251-0562-8

ISBN Físico 978-65-251-0561-1

DOI 10.24824/978652510561.1

1. Artes 2. Processos metodológicos 3. Memórias (auto)biográficas 4. Mapas de pesquisa
I. Silva, Maria Betânia e. org. II. Vidal, Fabiana Souto Lima. org. III. Título IV. Série.

CDU 742

CDD 700

Índice para catálogo sistemático

1. Artes – 700

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL

EM FORMATO DIGITAL.

CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2021

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial:

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Federico Dominguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer .Nacional
Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Elíone Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Élsio José Corá (UFSF)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade
de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade
de La Havana – Cuba)
Helmuth Krüger (UCP)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lidia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Comitê Científico:

Afonso Cláudio Figueiredo (UFRJ)
Andre Acastro Egg (UNESPAR)
Andrea Aparecida Cavinato (USP)
Atilio Butturi (UFSC)
Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM)
Daniel de Mello Ferraz (UFES)
Deneval Siqueira de Azevedo Filho (Fairfield
University, FU, Estados Unidos)
Jane Borges (UFSCAR)
Janina Moquillaza Sanchez (UNICHRISTUS)
João Carlos de Souza Ribeiro (UFAC)
Joezer de Souza Mendonça (PUC-PR)
José Davison (IFPE)
José Nunes Fernandes (UNIRIO)
Luís Rodolfo Cabral (IFMA)
Patrícia Araújo Vieira (UFC)
Rafael Mario Iorio Filho (ESTÁCIO/RJ)
Renata Fonseca Lima da Fonte (UNICAP)
Sebastião Marques Cardoso (UERN)
Simone Tiemi Hashiguti (UFU)
Valdecy de Oliveira Pontes (UFC)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF)
Zenaide Dias Teixeira (UEG)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.



PPGAV



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DAS REELABORAÇÕES AOS DESENHOS DE PESQUISAS: experiências vivenciadas e provocadoras de modos outros de pensar ações pesquisantes.....	11
<i>Fabiana Souto Lima Vidal</i> <i>Maria Betânia e Silva</i>	
PREFÁCIO DOS RISCOS E RISCADOS EM POÉTICAS DE INVESTIGAÇÃO APRENDENTE.....	15
<i>Maria Emilia Sardelich</i>	
CARTOGRAFIAS DE SI NOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA: a experiência encarnada na construção de trajetórias acadêmicas decoloniais.....	17
<i>Ana Paula Abrahamian de Souza</i>	
TODO CONHECIMENTO É AUTOCONHECIMENTO: uma conversa- diálogo-manifesto por uma ciência humana autobiográfica	23
<i>Luciane Germano Goldberg</i>	
ENTRE FIOS E NÓS DA MINHA CABELEIRA EMARANHADA	35
<i>Ana Carolina Monteiro da Fonte</i>	
CARTOGRAFIA MEMORIAL	39
<i>Andréa Sobreira de Oliveira</i>	
CARTOGRAFIA IMAGÉTICA: imagens do feminino	41
<i>Ane Beatriz dos Santos Reis</i>	
CAMINHOS DA PESQUISA.....	43
<i>Anna Rayanne Lins de Moraes</i>	
CORPO EM TRANSIÇÃO	45
<i>Brenda Gomes Bazante</i>	
HISTÓRIAS E RESGATES DA MEMÓRIA.....	49
<i>Cláudia Magalhães Rodrigues dos Santos</i>	

GUIAS E LUTA.....	51
<i>Cleyton de Melo Nóbrega</i>	
MANDALA COM ESPIRAL.....	53
<i>Elizabeth de Carvalho Simplicio</i>	
CONEXÕES ENTRE “BIOGRAFIAS E HISTÓRIAS DE VIDA” E “AUTOBIOGRAFIA”: um paralelo com a minha pesquisa acadêmica.....	55
<i>Emanuelly Mylena Velozo Silva</i>	
AQUI HÁ DRAGÕES	57
<i>Felipe Neves dos Santos Cesar</i>	
ARTBOOK	59
<i>Giovanni Lucena Costa</i>	
CARTOGRAFIA	63
<i>Ingrid Borba de Souza Pinto Domingos</i>	
TRAJETÓRIAS DE MIM: encontros, desencontros e atravessamentos	65
<i>Jéssica Ribeiro de Oliveira</i>	
CARTA NÁUTICA SOBRE OS TERRITÓRIOS, EXPERIÊNCIAS E PROCESSOS.....	71
<i>João Victor Pinto Baía</i>	
CAMINHOS EM TRANS FORMA ÇÃO	73
<i>Luís Massilon da Silva Filho</i>	
A VIDA É UM CARNAVAL: a memória e a tradição do frevo na construção artística e cultural da família Moraes	75
<i>Marco César de Oliveira Brito Filho</i>	
CARTOGRAFIA IMAGÉTICA.....	77
<i>Marina Soares da Silva</i>	
CAMINHOS ENTRELAÇADOS: museu e escola	79
<i>Naliana da Silva Mendes</i>	
MARBORIS	81
<i>Niara Mackert Pascoal</i>	
CAMINHO DE PEDRAS SOBRE O MAR	85
<i>Patricia Correia Vilela da Silva</i>	

UBUNTU.....	87
<i>Rennan Mendes dos Santos</i>	
ARTEDOSCORPOS EM MIM.....	89
<i>Ridelda Barbosa de Moura</i>	
MAPA DAS TERRAS ABELARDAS.....	101
<i>Rosalvo Felisberto de Oliveira Filho</i>	
MORRA.....	103
<i>Sandro Gonçalves Guerra</i>	
ABRINDO UMA CARTOGRAFIA ACADÊMICA: para não me esquecer de caminhar.....	107
<i>Thais Leandro Cavalcanti</i>	
ÍNDICE REMISSIVO	111
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES	113

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

APRESENTAÇÃO

DAS REELABORAÇÕES AOS DESENHOS DE PESQUISAS: experiências vivenciadas e provocadoras de modos outros de pensar ações pesquisantes

*Fabiana Souto Lima Vidal¹
Maria Betânia e Silva²*

Escrevemos essa apresentação em tempos difíceis e duros. Exatamente um ano após o início da pandemia da COVID-19 ter paralisado as atividades presenciais na Universidade Federal de Pernambuco, em um momento em que novamente nos encontramos em *lockdown* e que o número de mortes alcança marcas extremamente elevadas. Mas, produzir conhecimento e gerar possibilidades de pensamentos potentes envolvendo o campo das Artes Visuais, parece que nos tem sido um convite ainda maior ao deslocamento.

Para falar da produção desse livro, nos reportamos ao início do ano de 2020. Naquele momento, tínhamos acabado de vivenciar a semana de abertura das atividades do Mestrado em Artes Visuais e na semana seguinte, fomos paralisados/as pela pandemia. A princípio, imaginávamos, seria apenas alguns dias em casa e logo estaríamos retomando nossas vidas e rotinas. Não imaginávamos os rumos e desafios que ainda nos seriam revelados.

Pouco tempo depois, a notícia de que as aulas não seriam retomadas. Para os/as estudantes, um hiato, um período sem aulas e ainda difuso, pois até então não sabíamos como seria essa retomada e em pouco tempo, precisamos todos/as, técnicos/as, docentes e estudantes, nos (re)organizarmos para os desafios que o momento nos colocava.

Paralelamente, enquanto docentes, nos preparávamos com formações e reuniões, buscando os ajustes para a retomada das atividades, agora de maneira remota. Em meio a tudo isso, nós docentes questionávamos: como repensar aulas planejadas inicialmente para encontros presenciais com 4 horas de duração, de repente, durarem 2 horas? Como reconfigurar o planejamento inicial e conteúdos tão meticulosamente discutidos, sem perder o essencial para os processos de aprendizagens? Precisamos aprender um novo vocabulário e a buscar plataformas e aplicativos que pudessem compor nossa prática, enfim, passamos a nos formar para este modo de ser docente remoto, buscando caminhos e estratégias.

1 PPGAV UFPE/UFPB.

2 PPGAV UFPE/UFPB.

Naquele momento, antes de iniciarmos a experiência de compartilhar um componente curricular obrigatório no Mestrado em Artes Visuais de maneira remota, não tínhamos noção do quão grande seria o desafio e mais ainda, do quão importante seriam as descobertas para todos/as nós envolvidos/as, sobretudo no contexto atual, quando precisamos ter fôlego para resistir aos embates políticos que assolam a educação pública nesse país e quando a ciência vem sendo continuamente atacada, na direção de descredibilizá-la. Para nós, pensar e produzir conhecimento em/sobre/com Artes Visuais em um contexto onde o campo da cultura, simultaneamente, é atacado e sofre com as mazelas desses tempos sombrios, passa a ser a mola propulsora das nossas vivências pandêmicas. Sendo assim, (re)pensar os caminhos a serem trilhados em um componente curricular remotamente passou a ser para nós um movimento de resistência.

Nesse movimento, redesenhamos o componente curricular obrigatório “Processos de Investigação em/sobre/com Artes Visuais” do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB (PPGAV UFPE/UFPB) para ser vivenciada no segundo semestre de 2020. Para tanto, elegemos alguns elementos norteadores de nossa prática, tentamos, como quem costura manchas para marcar espaços/tempos, buscar tecer caminhos de estudos metodológicos de maneira significativa, consistente, mas acima de tudo, respeitando e entendendo as dinâmicas que poderiam nos acometer durante a caminhada.

Assim, considerando os desejos de pesquisas dos/as estudantes, a partir de uma análise dos projetos apresentados ainda na seleção do PPGAV UFPE/UFPB, realinhamos as temáticas de estudos a serem contempladas. Em seguida, ao reconhecermos os desafios postos a uma turma que não seria possível utilizar a biblioteca da universidade disponível para acessar livros e, ao mesmo tempo, por entendermos a importância de fomentar a leitura de artigos publicados em periódicos, reorganizamos o planejamento buscando em diferentes Revistas Acadêmicas as temáticas de diversos/as pesquisadores/as que seriam norteadoras dos nossos estudos e que teceriam diálogos mais estreitos com os interesses das pesquisas a serem desenvolvidas.

Paralelamente, buscamos parcerias com seis pesquisadores/as que compartilharam conosco suas ações pesquisantes, transformando nossos encontros de 2 horas em grandes possibilidades de costuras, caminhos e recortes de investigação. Com a Professora Doutora Madalena Zaccara discutimos a temática da Pesquisa Histórica; com a pesquisadora doutoranda em Educação (UFC), Larissa Rogério Bezerra, estudamos a A/r/tografia; com o pesquisador Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV, Jailson Valentim, adentramos no estudo da Pesquisa Cartográfica, por sua vez, o também Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV, Augusto Barros, nos trouxe a temática da Pesquisa sobre processos de criação.

A cada aula, para além das leituras de textos, debates, palestras, a turma se envolveu com a produção de diversos tipos de atividades – resumos, resenhas, mapas conceituais, produção de Estado da Arte, produção visual. Mais especificamente, para o presente livro, elegemos as produções realizadas a partir do encontro e dos atravessamentos com duas docentes pesquisadoras, a Professora Doutora Ana Paula Abrahamian de Souza (UFRPE) e a Professora Doutora Luciane Germano Goldberg (UFC). Elas adentraram no estudo, respectivamente das temáticas, Biografia e

Histórias de Vida e Pesquisa (auto)biográfica e os/as estudantes, por sua vez, foram provocados/as a produzir uma cartografia imagética da pesquisa que estão realizando no Mestrado, tendo estas temáticas como norteadoras e dando corpo a desenhos de pesquisas que são entendidas como defende Souza no texto que abre este livro, como cartografias de si. Assim, entendemos e defendemos a partir da perspectiva de pesquisa qualitativa que o que pesquisamos não está alheio a nós. Ao contrário, passa pela nossa subjetividade, está implicado em nossas vidas, faz parte de nós, das nossas histórias e memórias, das marcas dos nossos corpos, das tramas da vida, dos recortes e fios que costuramos, das experiências de atravessamentos, dos nossos desejos (CORAZZA, 2007; SOUZA, 2007; LARROSA, 2016).

Diante do exposto, nas páginas que seguem vocês encontrarão dois textos provocativos produzidos pelas pesquisadoras Ana Paula Abrahamian de Souza e intitulado “Cartografias de si nos processos de construção de projetos de pesquisa: a experiência encarnada na construção de trajetórias acadêmicas decoloniais” e o texto “Todo conhecimento é autoconhecimento: uma conversa-diálogo-manifesto por uma ciência humana autobriográfica” de autoria de Luciane Germano Goldberg. Em seguida, convidamos vocês a adentrar nos caminhos de pesquisas que estão sendo delineadas no PPGAV UFPE/UFPB, durante este ano pandêmico.

A partir das produções visuais e escritas elaboradas pelos/as estudantes participantes do componente curricular que fomenta todo esse livro, somos levadas a perceber que existem modos outros de pensar ações pesquisantes, para além dos modelos construídos e largamente utilizados na modernidade, em busca de caminhos traçados e desenhados nas nossas próprias histórias.

Referências

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In*: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (org.). **Memória e formação de professores [on-line]**. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. Disponível em: <http://books.scielo.org>>. ISBN: 978-85-232-0484-6.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

PREFÁCIO

DOS RISCOS E RISCADOS EM POÉTICAS DE INVESTIGAÇÃO APRENDENTE

Este é um corajoso livro de riscos, elaborado por quem entende do riscado, em um momento de muitas perdas e que nos oferece ganhos contáveis. São riscos de lápis, de cor, de sulcos em veias expostas. São traços primeiros de notáveis ideias digitalizadas. São projetos, delineamentos, traçados. São topografias encarnadas.

Em meio aos riscos de um estado de emergência em saúde pública de importância nacional e internacional, Fabiana Souto Lima Vidal e Maria Betânia e Silva revelam fôlego para subsistir aos trancamentos e investidas contra o precarizado saber/fazer docente, alargando mediações possíveis do e no campo do visível.

Elas não estão sós e nos apresentam a tribo afetiva reunida em torno da emocional experiência de aprender a se localizar, a se posicionar, a reconfigurar espaços e tempos individuais e coletivos. Implicantes docentes e discentes demandando modos outros de pensar ações pesquisantes que tentam a sorte para além dos modelos e programas regrados.

Arriscam-se nas e pelas cartografias que expressam a impossibilidade da repetição desses percursos. Descrevem trajetórias não lineares em reflexões pessoais que rejeitam as ações sequenciadas de cronogramas pasteurizados. Narram como o vai e vem de suas vidas se aproximam e se afastam dos problemas esquadrinhados.

Registram o tempo vivido que dá licença ao tomar ar, ventilar, renovar. Alentam conversas com outros que encorajam a criação de novos mapas para caminhos de pedras em mares e rios, mapas cabeleiras, mapas árvores, mapas de paisagens inominadas, territórios de transições, transposições, transgressões.

Questionam as superfícies das extensões limitadas. Discutem as fronteiras da docência, da criação, da investigação. Acolhem o acaso, o fortuito, o nem ao menos imaginado.

Encontram guinadas, voltas e giros, rotações e restaurações. Sucessivas reconfigurações de objetos e objetivos de pulsantes subjetividades. São processos de criação que não se limitam a comunicar o fazer no feito, nem o por fazer. São escrituras que se sabem pensantes. São poéticas de investigação que se querem aprendentes e nos convidam a juntar-nos nessa aventura.

Aproveitemos a ocasião, pois a trilha já foi aberta para as nossas passagens.

Maria Emilia Sardelich

Aqui, no alto da terceira onda da COVID-19.

Outono de 2021.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

CARTOGRAFIAS DE SI NOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA: a experiência encarnada na construção de trajetórias acadêmicas decoloniais

Ana Paula Abrahamian de Souza³

As linhas que seguem esse artigo podem ser interpretadas como uma espécie de suicídio. Preciso então, antes de mais nada expressar a angústia que hoje me atravessa. Vocês compreenderão que, enquanto feminista, fui formada e passei a compartilhar os conceitos básicos que agora quero desfazer. Penso que minha angústia não deve ser menor que aquela sentida por qualquer mulher que se autonomeie feminista. Não é fácil enfrentar o monstro, sobretudo quando você descobre que você é parte dele.

Início esse texto com fragmentos da obra da dominicana Yuderkys Espinosa Miñoso para problematizar uma questão que me toma tempo e espaço como professora da Graduação e de Pós-Graduação de uma universidade pública federal no Nordeste brasileiro: sou interpelada cotidianamente sobre as formas de produzir, analisar e compartilhar pesquisas calcadas numa neutralidade inexistente, mas discursivamente colonizada (MOHANTY, 2008) a partir da modernidade ocidental, capitalista e eurocentrada (DUSSEL, 2005), produzindo uma *colonialidade do saber* (CASTRO-GÓMES, 2007), onde “um tipo de racionalidade técnico-científica, epistemológica, que se coloca como um modelo de produção válido de produção do conhecimento (MIÑOSO, 2020, p. 128).

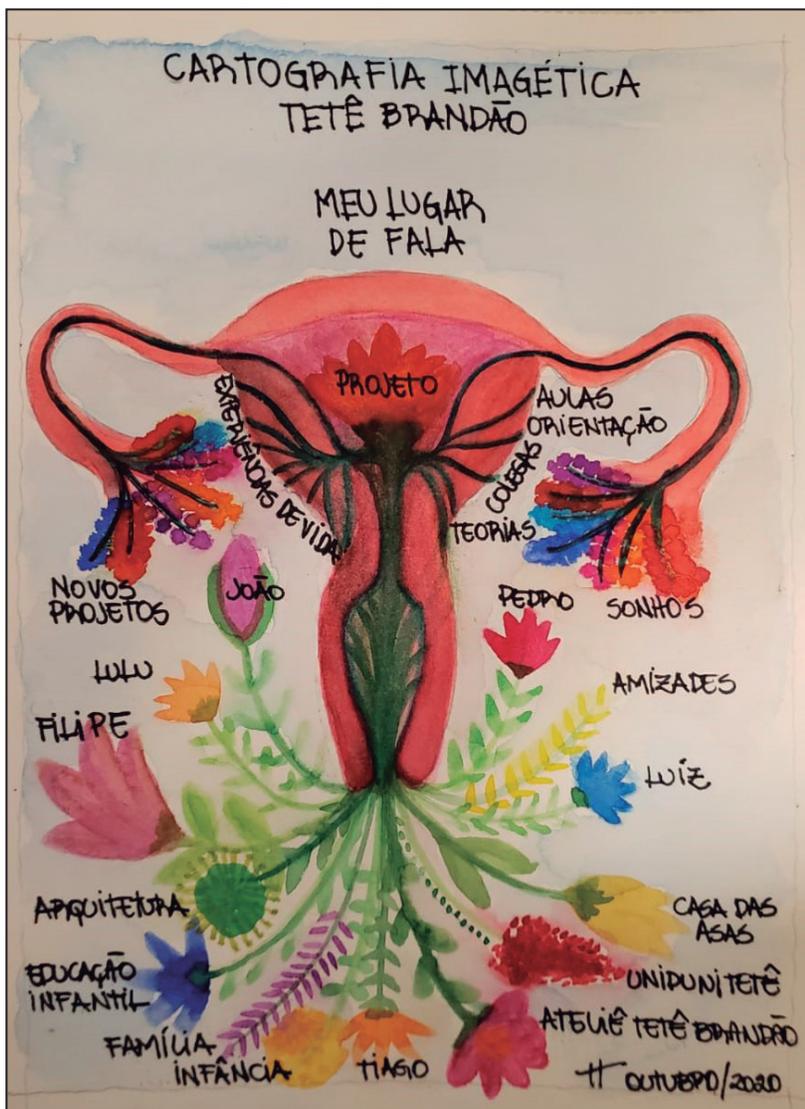
Nessa perspectiva, tenho buscado refletir junto as/aos estudantes possibilidades outras que considerem não somente as experiências encarnadas na vida, mas a consciência sobre elas nos processos de produção de uma pesquisa acadêmica. Tal perspectiva não é uma ideia recente e vem sendo problematizada por teóricos de diferentes campos de conhecimento, a exemplo dos Estudos dos Cotidianos. Para Souza, Vicentini e Lopes (2018)

As narrativas expressam experiências que são redimensionadas pelo ato de narrar, implicando processos de constituição e reconstituição de histórias pessoais e sociais, construção de identidades do narrador, face aos desafios que se colocam entre o vivido, a memória e o narrado, em plena articulação com as experiências, a temporalidade biográfica as aprendizagens que são propiciadas nas narrativas (SOUZA; VICENTINI; LOPES, 2018, p. 17).

No entendimento dessas reflexões, ao propor a imersão nas narrativas e com as histórias de vida de cada pesquisador/a tenho observado suas trajetórias de empoderamento para com os objetos de suas pesquisas, ou seja,

O sujeito, na condição de ator-autor de sua própria história, ao biografar-se entra em transação consigo próprio, como os outros, os contextos, suas histórias e experiências formadoras. Esse movimento remate o ator-autor a empoderar-se, como dimensão individual e coletiva, através de sentidos e significados que estabelecemos à nossa vida e as nossas narrativas cotidianas (SOUZA; VICENTINI; LOPES, 2018, p. 18).

Imagem 1 – cartografia de Tête Brandão que está desenvolvendo a pesquisa intitulada “Da formação de cuidadores à observação de bebês: uma proposta inspirada na abordagem pikleriana



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020.

Ao se questionarem sobre como as suas histórias de vida interpelam suas pesquisas entendendo o uso das narrativas como um processo de autoformação, que foge da neutralidade fixada em padrões fora das pesquisadoras e pesquisadores, produzindo uma nova racionalidade que parte de “si mesmo” como um sujeito da experiência, entendida como Larrosa (2016) como algo que “nos passa ou que nos toca, ou o que nos acontece, e, ao nos passar nos forma e nos transforma” (LARROSA, 2016, p 28). São experiências encarnadas, advindas de diferentes pontos de vista, muitas vezes subalternizados e silenciados pela produção acadêmica.

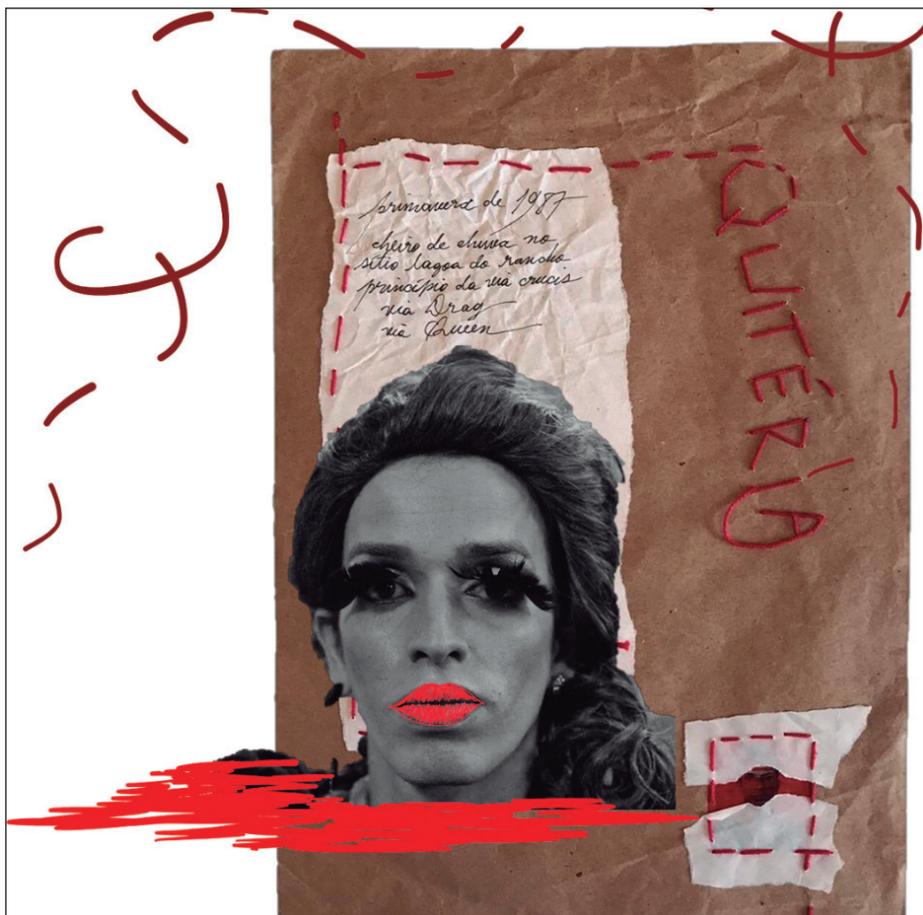
Imagem 2 – cartografia imagética de Gabriela Maitê Turetta que está desenvolvendo a pesquisa intitulada “Arte-educadores museais e suas trajetórias na construção do fazer: desafios e perspectivas da profissão

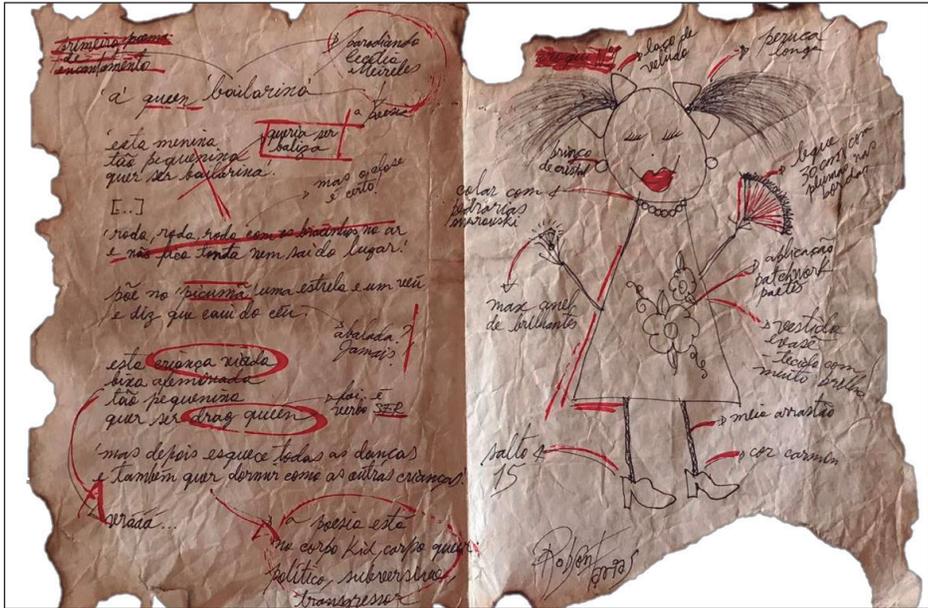


Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020.

No bojo dessas reflexões, gostaria de ampliar o debate com as reflexões produzidas numa perspectiva feminista decolonial (LUGONES, 2008) que, no campo da produção do conhecimento têm provocado um conjunto de questionamentos acerca das epistemologias cisheteronormativas e coloniais, como nos coloca Heloísa Buarque de Holanda (2020). Nos limites desse texto, poderia argumentar que o diálogo com os pressupostos do feminismo decolonial nos ajuda a pensar sobre a construção de modos de fazer pesquisa que toma a experiência situada (CURIEL, 2020) como fonte de conhecimento, problematizando o que Patricia Hill Collins (2019) chama de *matriz de dominação*.

Imagens 3 e 4 – cartografia imagética de José Robson da Silva que desenvolveu a pesquisa intitulada “ATO I – OBSCENA 24: o experimento carne fresca sob o viés contrassexual dos corpos-campos-afeminados e a educação para além das lições de casa, das carteiras vazias e das notas vermelhas”





Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2018.

Ochy Curiel (2020) ao refletir que a proposta decolonial fissa a colonialidade do poder, do saber e do ser, discurso hegemônico da modernidade, nos provoca a refletir sobre o reconhecimento e a legitimação de “outros” saberes subalternizados que são produzidos “a partir das experiências vividas e que contribuem com a proposição de mundos mais justos e humanos, fora da matriz liberal/colonial” (CURIEL, 2020, p. 134).

Para finalizar, gostaria de pontuar que, ao mesmo tempo em que proponho horizontes outros para pensar a pesquisa, estou em constante refazimento enquanto artista/docente/pesquisadora. Isso é um ponto importante, pois o exercício da profissionalidade docente precisa ser reconfigurado cotidianamente para modos de ser outros, afetados pelas experiências e pelas trocas com os diferentes coletivos ao diálogo com diferentes matrizes de saber que estão fora da universidade.

Referências

CASTRO-GÓMES, Santiago. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: IESCO, 2007.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decolonias Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

DUSSEL, Henrique. Europa, modernidade e Eurocentrismo. *In*: DUSSEL, Henrique. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLASCO, 2005.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. De por qué es necesario un feminismo decolonial: diferenciación, dominación con-constituída de la modernidad occidental y el fin de la política de la identidad. **Solar**, Lima, ano 12, n. 1, 2016.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: um método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica da América Latina. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decolonias Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MOHANTY, Chandra. Bajo los ojos de occidente: academia feminista y discursos coloniales. *In*: NAVAZ, Lilian Suárez; HERNÁNDEZ, Aída (org.): **Descolonizando el Feminismo**: Teorías y Prácticas desde los Márgenes. MADRID: Ed. Cátedra, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino; VICENTINI, Paula Perin e LOPES; Celi Espasandin. Viver, narrar e resistir: diálogos sobre biografização e empoderamento. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino; VICENTINI, Paula Perin; LOPES, Celi Espasandin (org.). **Vida, narrativa e resistência**: biografização e empoderamento. Curitiba: CRV, 2018.

TODO CONHECIMENTO É AUTOCONHECIMENTO: uma conversa-diálogo-manifesto por uma ciência humana autobiográfica

*Luciane Germano Goldberg*⁴

*O olho vê,
a lembrança revê
e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo
Manoel de Barros*

Olá, venho a convite das queridas professoras Fabiana e Betânia dialogar um pouco sobre pesquisa (auto)biográfica e derivações, inspirada pelas reverberações geradas a partir de um diálogo com a turma do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPA, na disciplina de Processos de Investigação em/sobre/com Artes Visuais. Agradeço por demais a oportunidade de dialogar com essa bonita turma e fazer movimentar ideias, reflexões, conhecimentos, sentimentos e percepções que possam colaborar com suas pesquisas e com a produção acadêmica no campo das Artes. Ahow!

Pois bem, estive lá e estou aqui por uma defesa pessoal e profissional de uma ciência viva, humana, conectada com nossas existências, emaranhada de sentidos, sentimentos, significados. Defendo o Paradigma Emergente que Boaventura de Sousa Santos, em seu livro “Um discurso sobre as ciências” (2008) nos apresenta, como um lastro de confiança e esperança de que deve haver lugar para várias ciências e não para apenas uma, dominante e hegemônica e que precisamos, assim construí-la e alimentá-la.

Aceitei o convite pelo prazer que tenho em partilhar minhas experiências, estudos e pesquisas e, mais ainda pela oportunidade do diálogo, naquilo que nosso ilustre Paulo Freire (1980) define como um encontro entre seres humanos em que há uma verdadeira troca e interação, no exercício da humildade e da esperança junto ao comprometimento com o pensamento crítico, no qual a ação e a reflexão são inseparáveis para transformar e humanizar o mundo.

Nessa perspectiva do diálogo e de se pensar, portanto, uma pesquisa dialógica, que me empenhei em construir durante minha tese de doutorado em Educação – especialmente por adotar princípios metodológicos da *Démarche Clinique-Dialogique* de Martine Lani-Bayle (2007), nas busca por princípios éticos que permitissem fazer pesquisa **com** o outro e não somente **sobre** o outro, aceitando e acolhendo o fato de

que não há neutralidade na pesquisa e que nós também fazemos parte desse processo, nos afetamos, em diferentes medidas, e que é possível fazermos pesquisas “afetados” sem perder o rigor científico (FAVRET-SAADA, 2005). Os outros são também nós.

Nessa caminhada acadêmica me deixei afetar por muita coisa, e falo “não de afeto no sentido da emoção que escapa da razão, mas de afeto no sentido do resultado de um processo de afetar, aquém ou além da representação” (GOLDMAN, 2005, p. 150), portanto, me permiti me misturar com os sujeitos do caminho, com autores e autoras, acadêmicos ou literários, com professores e professoras, com meus pares, com o mundo sensível das artes como um todo, com a poética do cotidiano, com a vida. Me permiti acolher e aceitar minhas limitações como pesquisadora e aprendi que poderia falar abertamente sobre elas, pois certamente são questões que muitos de nós trazemos, mas que nem sempre sabemos que é possível abordá-las nas nossas pesquisas.

Enquanto pesquisadora eu assumo: sou humana, sou falha, não sei tudo e não se pode saber tudo, posso errar e no erro eu aprendo e partilho o erro para que outros também possam praticar essa ação-reflexão-ação em suas pesquisas. Hoje tenho mais dúvidas e perguntas do que certezas – me assumo em movimento e em constante revisão do que aprendi, tudo pode ser questionado e repensado – e que bom! Concordando com Manoel de Barros, na epígrafe primeira de minha tese, “Todas essas informações têm soberba desimportância científica”, foi esse espírito que me guiou e me suspendeu durante o longo processo de pesquisa e depois de escrita durante o doutorado, essa capacidade poética de “transver” a realidade, esse sentimento de “inutensílio” que nos traz o poeta Manoel e que rompe com a lógica mecanicista e utilitária do nosso mundo capitalista, falar sobre o “infimo”, sobre o “inefável”, sobre o que é sagrado e não está à venda, e que nós, em grande parte, andarilhos do “mundo das artes” sabemos bem do que se trata.

Manoel de Barros, entre outros, segurou a minha mão durante 10 meses de escrita de tese, horas e horas de leitura e escrita e um quase total isolamento do convívio social – só quem escreve dissertação ou tese sabe o que é dedicar-se à uma obra e cada um/a trilha esse caminho de maneira diferente, alguns com mais leveza, outros em completo sofrimento e angústia – escrevi com um misto de tudo. Não é possível parar o mundo para escrever, mas é preciso pausar os acessos e entradas desse mundo para conseguir escrever, colocar limites nos nossos consumos de toda ordem, definir tempo e espaço. A poesia foi meu guia e está lá em cada título e subtítulo, que questionaram em uma das bancas de qualificação, afirmando que confundia o leitor, imagine. Lembro de dizer “podem criticar o que quiserem, mas nada vai me fazer tirar os trechos dos poemas de Manoel catados com tanto suor para cada título” – foi uma artesanaria danada, uma caça ao tesouro! Usem poesia em suas pesquisas científicas/acadêmicas e defendam esse direito!

Claro que não posso deixar de trazer também Martin Buber, pensador e criador da filosofia do diálogo, por quem também me apaixonei. Buber (2001) afirma que há uma convivência ontológica entre o Eu e o Tu para o conhecimento do mundo, em que a coparticipação dialógica seria o fundamento do existir, desenvolvida na reciprocidade. O que eu acho mais bonito na teoria do Buber é o que ele define como “fenômeno do inter-humano”, que contém em si a implicação, a presença e o encontro mútuo na totalidade. Em sua teoria existem duas palavras-princípios,

que são pares de vocábulos e que podem ser proferidas pelo humano: o Eu-Tu e o Eu-Isso. Uma vez proferidas, elas fundamentam uma existência. Desta forma, toda vez que dizemos “eu”, queremos dizer um dos dois, o que externa nossa relação com o outro e com as coisas. Precisamos estar inteiros para estarmos implicados, presentes para proferirmos o verdadeiro “tu”, na totalidade da reciprocidade. É aí que nasce o verdadeiro diálogo! “O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro” (BUBER, 2001, p. 59). É nessa premissa que ousou realizar pesquisa e participar desse encontro.

Por uma pesquisa científica humana-dialógica-existencial-implicada

[...] nada se pode conhecer do que nos interessa (o mundo afetivo) sem que sejamos parte integrante, “actantes” na pesquisa, sem que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência, na integralidade de nossa vida emocional, sensorial, imaginativa, racional. É o reconhecimento de outrem como sujeito de desejo, de estratégia, de intencionalidade, de possibilidade solidária.

René Barbier

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

A partir da provocação de elaborar essa conversa-diálogo senti-me impelida vorazmente a partilhar um pouco do que me motivou e me motiva na defesa de uma pesquisa existencial, dialógica, implicada e, por que não, afetada. Em dias de pandemia, após um ano em isolamento social, onde encontramos forças para continuar? Em tempos de necropolítica, do assalto dos nossos ofícios docentes – do prazer de se estar fisicamente e presencialmente com nossos estudantes – o que está nos restando nos fazeres do cotidiano? O que está nos movendo com esperança diante de tantas mortes, de tanta dor, desigualdade e injustiça? Como sobreviveremos a essa guerra? Será que há pessoas que conseguem seguir no topo de seus castelos sem vê-los ruir?

Sobrecarregadas de trabalho em frente à uma tela horas e horas por dia, nos foi colocado o desafio assustador da reinvenção, pois ou é isso ou a deserção? Podemos desistir? E para quem está fazendo pesquisa nesse momento? Qual o sentido de seguir pesquisando? Qual a importância e o sentido das nossas pesquisas para esse mundo que se desmorona a cada dia? Há muitas perguntas e poucas respostas. Não há mais certezas em que possamos nos apoiar, não sabemos como será o amanhã. Nisso, a docência e a ciência humana precisam também mudar, se adaptar, se transformar, mudar de pele.

Durante muito tempo, eis que se pensava que se podia fazer ciências humanas copiando métodos e abordagens das ciências naturais e exatas, muito disso pela batalha travada contra o reconhecimento do campo subjetivo, sensível e, por que não, intuitivo como importantes para se fazer ciência. Em um paradigma moderno, a dualidade razão-emoção se fazia, aparentemente, necessária, já que não se podia confiar no lado afetivo e existencial, e mais, não se devia ter nenhuma conexão com o “objeto” da pesquisa, deveria haver um total distanciamento, uma neutralidade completa dos pesquisadores e pesquisadoras para que o resultado de seus trabalhos científicos pudesse ser confiável. No mundo das exatas ainda é assim – falar sempre de modo impessoal, “fez-se”, “realizou-se”

ou “foi realizado”, “foi feito”, “foi medido”, “foi aferido”. Falar em 1ª pessoa ainda deve ser um “crime”. Quem fez? Por que fez? Para que e para quem? Para que serve?

Não quero aqui defender uma ciência humana tentando destruir as outras formas de se fazer ciência, ao contrário, quero que encontremos nosso espaço, quero que, mesmo que em ilhas, aparentemente isoladas, possamos compreender que podemos nadar, remar, nos projetar e nos transportar nesses territórios, formando um vigoroso arquipélago. Quero que, para encontrarmos o rigor de nossas pesquisas, que seja pela natureza de nossos questionamentos, que seja por aquilo que nos mobiliza profundamente, nos identifica, nos indigna, nos afeta e que, por isso mesmo, tenha sua validade, que seja pela ética nobre de sermos humanos e porque o somos, nossos interesses são singulares e plurais, como aponta Franco Ferrarotti (2014).

Já estamos cansados daquilo que não nos toca, Walter Benjamin já nos alertava sobre o empobrecimento da experiência! Já estamos entristecidos pelo domínio das forças midiáticas sobre nossos corpos e mentes, da banalização cotidiana e fútil das aparências e do consumo, hoje mais do nunca! Estamos mesmo adoecidos, ansiosos, deprimidos, exaustos. Toda nossa indignação e vontade de sair às ruas para lutar ou até para “carnavalizar” está se esvaindo em máscaras, álcool gel, acusações, julgamentos, polaridades, perseguições e discursos de ódio. Volto a perguntar: o que será das ciências humanas nesses tempos? Qual o sentido de se fazer ciência? Precisamos, creio, e nem sei se sei como, encontrar a força e a lucidez para fazermos uma pesquisa engajada, uma pesquisa-sentido, uma pesquisa-rebelião, uma pesquisa-indignação.

Voltando ao ilustríssimo Boaventura de Sousa Santos, posso dizer que a primeira leitura de seu livro já citado levou-me ao êxtase quando eu ainda era estudante de mestrado em educação ambiental na FURG/RS, quando ele traz à tona questionamentos fundamentais propostos por Rousseau no século XVIII (!) sobre o então paradigma dominante já em decadência, sobre as verdadeiras contribuições das ciências e das artes para “diminuir o fosso crescente em nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, o saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática” (2008, p. 16). É assim que ele invoca a “urgência de dar respostas a perguntas simples, elementares, inteligíveis”, pois que, segundo ele:

Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade (SANTOS, 2008, p. 18).

E aqui fico refletindo, como manter e se dedicar a projetos que não têm em si sentidos para melhorar nossa existência? Como passar horas, dias, meses, estudando e escrevendo dissertações e teses sem sentirmos a importância de tanto empreendimento? Fazemos ciência para colecionar títulos? Para alavancar a “carreira”? Para ter aumento salarial? Para satisfazer nossos egos? Para ganhar prestígio social? Ou para salvar vidas? No meio de uma “guerra”, como a que estamos vivendo hoje,

onde estamos encontrando raízes para o nosso prazer em construir conhecimento e em partilhar? Especialmente em períodos tão sombrios de negacionismo da ciência. Haja força para todos nós!

Por uma pesquisa (auto)biográfica

[...] a formação do sujeito é concebida como sucessão de transformações de suas qualidades socioculturais e a pesquisa é entendida como a realização de atividades transformadoras da subjetividade do sujeito aprendente e cognoscente. É, portanto, igualmente o sujeito da pesquisa e o sujeito cognoscente que estão em formação.

Marie-Christine Josso

Desde o início dos anos 2000 (há 21 anos atrás!) Boaventura de Sousa Santos veio me chacoalhar, assim como João Francisco Duarte Júnior, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, René Barbier, Jorge Larrosa e outros tantos autores, professores e pessoas que mudaram minha vida, por somarem conhecimentos que hoje estão já, de certa maneira, incorporados. Você, certamente, também tem a sua “horda”, todos aqueles que te acompanham e te sustentam. Nunca estamos sós! Somos vários e devemos convocar aqueles que nos inspiram e nos mobilizam para enfrentarmos tamanha desconstrução. Nesta parte desta conversa vou me direcionar mais especificamente à abordagem de pesquisa (auto)biográfica, nesse emaranhado que compõe esse texto quase manifesto.

Quando me vi adentrando o universo da Pesquisa (Auto)biográfica me deparei com as ideias de René Barbier sobre o que ele denomina “pesquisa-ação-existencial”. Digeri e ainda estou em processo de digestão as revolucionárias ideias que ele defende em seu livro “A pesquisa-ação” (2002) e é lógico que nem toda pesquisa tem que ser assim, mas pensar que há espaço para isso no campo das ciências humanas dá asas a quem nesse céu quer voar. Eu entendi que encontrava o lugar em que me sentia “confortável” para pesquisar. E, na verdade, me sentia confortável diante dos desconfortos de pensar uma ciência viva, em movimento, aberta e imprevisível em que o humano e o subjetivo não são abomináveis, mas a condição para se empreender pesquisa. Foi um marco. É revolucionário assim, admitir a participação ativa dos sujeitos na construção das pesquisas e o que esse fazer coletivo e interativo implica. Barbier nos diz:

A pesquisa-ação supõe uma conversão epistemológica, isto é, uma mudança de atitude da postura acadêmica do pesquisador em Ciências Humanas. Quando a pesquisa-ação se torna cada vez mais radical, essa mudança resulta de uma transformação da atitude filosófica do pesquisador envolvido com respeito à sua própria relação com o mundo (BARBIER, 2002, p. 32).

Em suas palavras encontrei a liberdade para ser uma pesquisadora humana-existencial (risos) e ousei assim empreender pesquisas nesse espírito audacioso. Barbier

(2002) ainda afirma que a pesquisa-ação-existencial “não convém aos “mornos”, nem aos aloprados, nem aos espíritos formalistas, nem aos estudantes preguiçosos” (p. 33) e me vi completamente capturada por essa possibilidade! Para ele há riscos pessoais de a pesquisa-ação, pela intersubjetividade (no fazer pesquisa com o outro), levar o pesquisador para “regiões de si mesmo que ele, sem dúvida, não tinha vontade de explorar” (p. 33). E eu pensei comigo “uau, e isso pode?”, quero viver isso. Quero fazer pesquisa **com** o outro! E por quê? Porque fazer pesquisa para mim é mais do que cumprir com uma exigência social e acadêmica em busca de um título. Eu acredito que a pesquisa com o outro pode promover grandes transformações pessoais e sociais – a ciência que responde, devolve, integra, dialoga, se faz a várias mãos, é porta-voz e denúncia.

Ao compreender as relações entre a pesquisa-ação-existencial e as Histórias de Vida em Formação, no que Gaston Pineau identifica em sua gênese a corrente de pesquisa-ação-formação-existencial meu universo se ampliou vertiginosamente. Todas essas transformações paradigmáticas que me referi até aqui permitiram e permitem novas possibilidades e horizontes das pesquisas na área de humanas e a definição da corrente de pesquisa-ação-formação abordada por Pineau (2006) em um sobrevoou histórico, pois:

Sua aposta biopolítica é a da reapropriação, pelos sujeitos sociais, da legitimidade de seu poder de refletir sobre a construção de sua vida. Essa vida não é completamente pré-construída. E ela é muito complexa para ser construída unicamente pelos outros. Novas artes formadoras da existência são inventadas (PINEAU, 2006, p. 336).

Assim, podemos dizer que ciência social de hoje reconhece o estatuto epistemológico do biográfico, revelando que o “objeto” nada mais é que a continuação do sujeito-pesquisador e que a pesquisa se faz ao caminhar, se constrói lentamente no processo. O sociólogo Franco Ferrarotti teve importante papel neste reconhecimento da autonomia do método biográfico, com base no paradigma do singular-plural. Em suas palavras, “[...] o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos actos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história de vida individual” (FERRAROTTI, 1979, p. 26).

E se no Paradigma Emergente, apontado por Boaventura de Sousa Santos (2008, p. 80), “todo conhecimento é autoconhecimento”, a ciência seria autobiográfica, ou seja, “o caráter autobiográfico e auto-referenciável da ciência é plenamente assumido” (FERRAROTTI, 1979, p. 85). Para ele, a incerteza do conhecimento, vista antes pela ciência moderna como limitação, hoje leva ao entendimento de um mundo que “mais do que ser controlado tem de ser contemplado” (FERRAROTTI, 1979, p. 86). No Paradigma Emergente, as fronteiras entre arte e ciência tornam-se cada vez mais tênues e passa-se a reconhecer a dimensão estética da ciência (GOLDBERG, 2016).

Para Passeggi (2008, 2014), a pesquisa (auto)biográfica já não se trata mais de um “método”, mas de uma abordagem, ou mesmo de uma área em desenvolvimento nas Ciências da Educação. Segundo a autora a pesquisa sobre o biográfico no domínio da formação tem duas tradições, a primeira, que parte do movimento socioeducativo

das “Histórias de Vida em Formação”, surgida nos países de língua francesa no fim dos anos 70 e que traz como colaboradores Gaston Pineau, Pierre Dominicé e Marie-Christine Josso e a segunda, a da “Pesquisa biográfica”, com origem nos países anglo-saxões e na Alemanha.

Importante compartilhar algumas diferenciações terminológicas que provêm da biografia. Segundo Pineau e Le Grand (2012, p. 43), as histórias de vida escritas surgiram na Grécia Antiga, em V antes de Cristo, com a denominação de *bios*. Somente dez séculos mais tarde, é que vai surgir o termo “biografia”, e vinte quatro séculos mais tarde, o termo “autobiografia”, surgido em torno de 1800, na Alemanha e na Inglaterra.

Pineau (2006, p. 339-341), afirma que biografia é a “escritura da vida de outrem”, a autobiografia, “a escrita de sua própria vida”; o relato de vida “aponta para a importância da expressão do vivido pelo desdobrar narrativo”, é a narrativa de um fragmento de uma experiência vivida. Já as histórias de vida referem-se a uma corrente que entrelaça o biográfico, o autobiográfico e os relatos de vida, visam uma “construção de sentido temporal” de uma vida, num sentido mais amplo, tendo sempre um sentido autopoietico, ou seja, de invenção de si. Vai nos interessar aqui, a primeira tradição: as “histórias de vida em formação”, pela perspectiva da apropriação do processo de formação pelo sujeito e da sua “autorização”, no sentido de tornar-se autor da própria vida. Essa é a perspectiva formativa, que conecta o biográfico ao educativo e que tem a narrativa como “ato autopoietico”, como potencial de enunciação, de figuração e de permanente reinvenção de si, pois como afirma Delory-Momberger (2008, p. 56) “[...] a narrativa não é apenas o meio, mas o lugar: a história da vida acontece na narrativa”.

Ferrarotti (1979, p. 20-21) vai afirmar que um olhar mais amplo para o biográfico no campo epistemológico das ciências sociais surge da necessidade de uma “hermenêutica social dos atos individuais concretos”, pois a ciência moderna não dava conta de responder às questões mais vitais do ser humano, além de se distanciar do senso comum, da vida comum das pessoas. Ele afirma que essa crise vai levar a um interesse pelo que é ordinário e subjetivo, pelo que é humano, pois “as pessoas querem compreender a sua vida cotidiana, as suas dificuldades e contradições, e as tensões e problemas que esta lhe impõe”. Desta forma, o biográfico na pesquisa vai ao encontro dessas necessidades, ao “atribuir à subjectividade um valor de conhecimento” em que se lê a realidade social a partir do “ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado” em que o individual e o social estão intrinsecamente relacionados. Este seria o paradigma do singular-plural que nos auxilia a encontrar processos formativos decorrentes das operações de biografização, que “contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524).

Delory-Momberger (2008) amplia a abordagem biográfica tratando-a como um campo disciplinar, atuando como um “dispositivo de pesquisa, formação e intervenção” (p. 15), aproximando escrita de si e aprendizagem, além de pensar a formação como um processo de emancipação da pessoa, em que o sujeito se torna autor de sua própria história em todos os tempos de sua vida e em todos os espaços de aprendizagem (p. 16). Assim, a meu ver, se o processo de biografização ocorre em todos os

tempos de vida, ele começa a ser elaborado na infância, o que nos confirma Passeggi (2014). Para a autora supracitada, o biográfico seria “uma das formas privilegiadas da atividade mental reflexiva, segundo a qual o ser humano se representa e compreende a si mesmo no seio do seu ambiente social e histórico” (p. 26). Ela destaca que a escrita de si é uma “atitude primordial e específica do vivido humano”. O sujeito escreve/ produz sua vida, conforme explicita Delory-Momberger (2008, p. 27):

A percepção e o entendimento do seu vivido passam por representações que pressupõem uma figuração do curso de sua existência e do lugar que nela pode ocupar uma situação ou um acontecimento singular. Essa atividade de biografição aparece assim como uma hermenêutica prática, um quadro de estruturação e significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo atribui uma figura no tempo, ou seja, uma história que ele reporta a um si mesmo. Esses espaços-tempos biográficos não são, entretanto, criações espontâneas nascidas unicamente da iniciativa individual: trazem a marca de sua inscrição histórica e cultural e têm origem nos modelos de figuração narrativa e nas formas de relação do indivíduo consigo mesmo e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem.

No contexto da Educação, a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos, o que vejo ser facilmente ampliado para o campo da pesquisa em arte que tenha como objetivos a pesquisa com o outro a partir de seus próprios “mundos de vida”.

Importante aqui destacar as categorias consideradas fundamentais para a Pesquisa (Auto)Biográfica: Experiência, Narrativa e Formação. A experiência é, segundo Larrosa (2002, p. 21) “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”, a narrativa seria o espaço de elaboração, criação e expressão daquilo que nos passou, nos aconteceu, nos tocou, as experiências que nos constituem como os sujeitos que somos num movimento de “pré-figuração”, “configuração” e “reconfiguração” de acordo com Paul Ricoeur (2010). Segundo Delory-Momberger (2008), é a narrativa que dá uma história à nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida. Por fim, todo esse processo de autoexaminação e configuração narrativa promove a formação através do processo reflexivo e das tomadas de consciência geradas, entre a ação dos outros – heteroformação) e a do meio ambiente – ecoformação), ligada a estas últimas e dependente delas uma terceira força de formação, a do eu – autoformação) (PINEAU, 2012).

No caso da minha pesquisa de doutorado, apresentei para a turma uma possibilidade concreta de pesquisa (auto)biográfica com crianças. Pensando sobre essa abordagem com crianças, muitos questionamentos podem ser lançados, especialmente pela importância do processo reflexivo para a tomada de consciência de si e de sua trajetória de vida: será a criança capaz de refletir sobre seu processo de formação? Passeggi (2014) afirma que a criança, logicamente atentando para suas fases de desenvolvimento e para sua forma particular de representar e significar o mundo, é sim, capaz de refletir sobre

si e sobre seu mundo, tanto quanto empenhar um processo (auto)biográfico bastante rico e significativo.

Na oportunidade do encontro com os/as mestrandos/as partilhei um pouco das experiências do nosso grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA)⁵, fundado e coordenado pela Prof.^a Dr.^a Ercília Maria Braga de Olinda por mais de 10 anos, hoje liderado por mim. Ercília foi a criadora do Círculo Reflexivo Biográfico (CRB)⁶, dispositivo metodológico inspirado nos grupos reflexivos coordenados por Marie Christine Josso (2004), envolvendo adultos que faziam um trabalho reflexivo sobre seus processos formativos, produzindo suas biografias educativas; a experiência de Cristine Delory-Momberger (2006) com os ateliês biográficos de projetos e a tradição freireana dos Círculos de Cultura (2020). O CRB foi e é bastante trabalhado em nossas pesquisas com diferentes grupos (crianças, jovens e adultos) e se apresenta uma ferramenta valiosa para promover a elaboração de narrativas de vida a partir de um roteiro de atividades sensíveis, integradoras e artísticas capazes de criar um sentimento de pertencimento ao grupo proporcionando um ambiente de acolhimento e confiança essenciais para as narrativas de cada membro/membra, que inclui o/a pesquisador/a, mediador/a do processo. Para Braga de Olinda (2020), a arte é elemento primordial nesse processo de elaboração de si, em suas palavras:

Insisto na importância da utilização, em todos os momentos, de diferentes linguagens artísticas. A arte permite expressar uma gama de sentimentos e de conhecimentos, além de ajudar na construção/articulação do sentido, que nunca é algo dado, mas tecido. Tal tessitura exige educação da sensibilidade e coragem para que cada sujeito construa sua história (OLINDA, 2020, p. 38).

Por fim, busquei partilhar, além dessa perspectiva do DIAFHNA e do meu processo pessoal de pesquisa (auto)biográfica, aspectos éticos importantes a serem estudados e organizados nesse contexto, como a leitura e estudo da Carta da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação (ASIHVIF)⁷, a qual “atesta a existência de uma reflexão sobre nossas referências comuns, axiológicas, epistemológicas e metodológicas. Ela dá parâmetros éticos para as práticas da Associação”. Para aqueles e aquelas que desejam trilhar os caminhos da pesquisa (auto)biográfica, a leitura e entendimento dos princípios éticos, epistemológicos e metodológicos é obrigatória, assim como “a Associação solicita que o futuro formador tenha vivenciado, ele mesmo, a experiência de um procedimento autobiográfico”.

Diante dessa premissa ética orientamos, no CRB a elaboração de um acordo biográfico entre os sujeitos participantes das pesquisas, em que todos e todas estão cientes do processo, das implicâncias e do respeito a si e ao outro, assim como sabem

5 Para saber mais sobre o DIAFHNA: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/28146>; ver Braga de Olinda, Nogueira e Castro (2017).

6 Para saber mais sobre o CRB ver OLINDA, Ercília Maria Braga de. Círculo reflexivo biográfico: reflexões epistemo-metodológicas sobre tessituras coletivas das narrativas de si. In: OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho. **Narrativas Autobiográficas e Religiosidade**. Fortaleza: EdUECE, 2020.

7 Ver em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2530/1715>.

que podem interromper o processo quando quiserem, caso sintam-se desconfortáveis diante do trabalho com/sobre suas histórias de vida.

Encerro aqui esse manifesto de defesa de uma pesquisa humana-dialógica, existencial-implicada-afetada que encontra caminhos potentes de expressão e transformação na pesquisa (auto)biográfica porém, acima de tudo, independente das escolhas metodológicas e epistemológicas de cada um/uma em suas pesquisas no campo da educação ou da arte, faço um apelo pela busca do sensível, pelo encontro consigo e com o sentido de se fazer pesquisa, pela abertura e aceitação do biográfico como acesso àquilo que nos move e nos torna humanos e conectados com nossa essência; que a poesia se faça presente na academia; que não tenhamos medo de errar e que saibamos aprender com nossos erros e acolher nossos processos; que pratiquemos a escuta sensível e saibamos do nosso papel político de pesquisadores/as; que sejamos porta-vozes dos/as excluídos/as, dos/as marginalizados/as, das pessoas “comuns” e, por fim, que façamos pesquisa com amor e com rigor. Gratidão.

Referências

ASIHVIF, A. Carta da ASIHVIF. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 1, n. 1, p. 177-179, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2530/1715>.

BARBIER, René. **Pesquisa-Ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. (Série Pesquisa, v. 3).

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BORBA, Sérgio da Costa. **Multirreferencialidade na formação do professor-pesquisador**: da conformidade à complexidade. Maceió: Edufal, 2001.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set./dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Trad. Carlos Eduardo Galvão Braga; Maria da Conceição Passeggi e Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012. (Coleção pesquisa (Auto)Biográfica – Educação).

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Trad. de Paula Siqueira. **Cadernos de campo**, n. 13, p. 149-153, 2005.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida**: o método biográfico nas Ciências Sociais. Trad. Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In*: DUVIGNAUD, Jean (coord.). **Sociologie de la Connaissance**, Paris: Payot, p. 131-152, 1979.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo**: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional. 2016. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de campo**, n. 13, p. 149-153, 2005.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010.

LANI-BAYLE, Martine. Aux origines de la Clinique. **Chemins de Formation**, Université de Nantes: Téraèdre, n. 10/11, out. 2007.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan./fev./mar./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças piruetas e mascaradas. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. Círculo reflexivo biográfico: reflexões epistemológicas sobre tessituras coletivas das narrativas de si. *In*: OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (org.). **Narrativas Autobiográficas e Religiosidade**. Fortaleza: EdUECE, 2020.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; NOGUEIRA, Maria Neurilane Viana Nogueira; CASTRO, Rogério Paiva. As produções de um grupo de pesquisa que se reinventa no diálogo e na busca de um novo rigor. *In*: OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (org.). **Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação**: Afetos e (Trans) Formações. Fortaleza: EdUece, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina;

PASSEGGI, Maria da Conceição; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba, PR: CRV, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição (org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Trad. Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

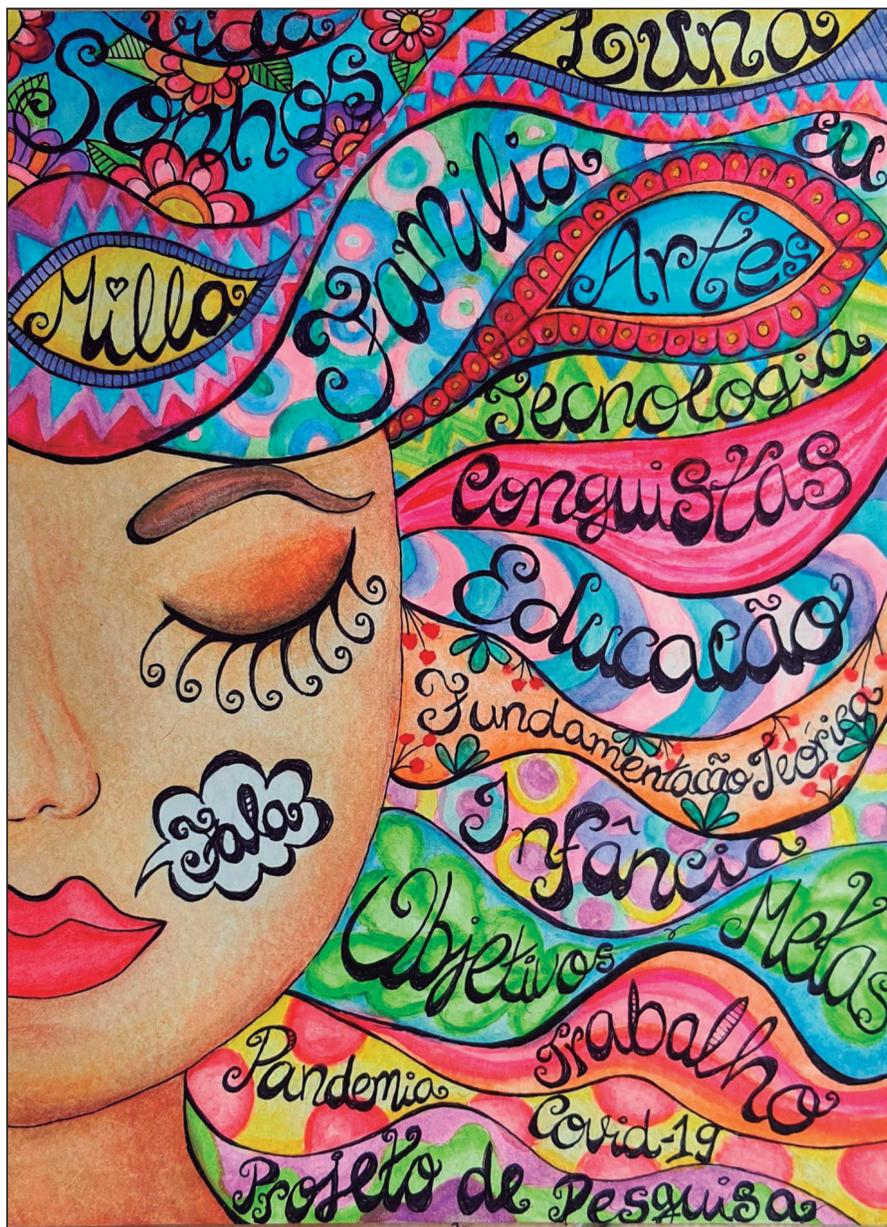
RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ENTRE FIOS E NÓS DA MINHA CABELEIRA EMARANHADA

Ana Carolina Monteiro da Fonte

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização



“Todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou, mas tenho muito tempo. Temos todo o tempo do mundo”.
Renato Russo (1989).

A biografia é um tipo de texto que narra a história da vida de alguém. A palavra biografia é composta pelos termos de origem grega bio (vida) e grafia (escrita). (Auto) biografia é o texto escrito pela própria pessoa a ser retratada na biografia. Mas como escrever sobre mim, se nem eu mesma sei quem sou? Escrituras de uma autobiografia, são escritas de si, uma narrativa de sua própria vida, que pode ser uma missão bastante desafiadora. Esta será uma jornada que pretendo fazer posteriormente. De descobertas, empoderamento, pesquisa e busca, que me levará a uma reflexão mais profunda sobre a minha identidade como pessoa, artista, pesquisadora e professora.

Na cartografia imagética que criei representando a proposta do meu memorial de pesquisa, cito palavras como: meu projeto, Milla (minha filha), Luna (minha neta), sonhos, família, infância, arte, minha fala, amor, trabalho, educação, fundamentação teórica, objetivos, tema. Escolhi usar o cabelo para representar essa conexão, pois os fios de cabelo se entrelaçam e o conjunto de cada unidade de fio de cabelo se forma um todo conectados à nossa cabeça, onde fica nosso cérebro. Essas palavras são as conexões dos pontos mais importantes que me fizeram chegar onde estou hoje, desde a escolha de voltar ao Brasil, depois de quase 10 anos morando em outro país, de tentar ingressar no mestrado, até a escolha do meu tema de pesquisa.

Como cheguei no Mestrado em Artes Visuais, quase vinte anos após minha Graduação? Filha do meio de uma mãe feminista que me incentivou a ser independente e correr atrás dos meus sonhos. Cresci meio “rebelde” querendo fugir dos rótulos e padrões impostos pela sociedade, por isso muitas vezes considerada a “ovelha negra” da família. Tímida, mas sempre com pensamentos inquietantes, questionando sobre tudo e todos. Procuo pensar fora da caixa e de alguma forma tentar ajudar a inovar as coisas de algum modo, querendo contribuir e fazer parte de algo transformador. Mãe solteira, chefe de família, vivendo e trabalhando no exterior sozinha com minha única filha. Até que um certo dia minha filha, ainda adolescente, engravidou e eu me vi na situação de precisar voltar para o Brasil e procurar acolhimento na família, meu porto seguro e base de tudo. Voltando para minha terra e para as minhas origens, reacendeu um sonho muito antigo, seguir a carreira acadêmica, me inspirando na minha mãe.

Minha relação com a docência veio de berço. Sou filha, neta, sobrinha de professoras incríveis, então, sempre sonhei em ser professora, as mulheres da minha família sempre foram minha inspiração e orgulho. Posso dizer que o meu contato com as tecnologias digitais e o mundo cibernético começou muito cedo, em 1988, pois era o meio de comunicação mais rápido que tínhamos com minha mãe quando ela foi fazer doutorado em Londres. Ligações internacionais naquela época eram caríssimas. Íamos no laboratório de informática da UFPE uma vez por semana e trocávamos mensagens longas, impressas em um rolo de papel contínuo. Tive meu primeiro endereço de e-mail em 1997, quando o Yahoo ainda não tinha o “.br”. Sempre fui apaixonada pelos avanços tecnológicos digitais e estava sempre atenta com o que surgia de novo no mercado. Já na fase adulta, dependia da internet e redes sociais, para manter contato com a minha família e amigos. Sou adepta e apaixonada pela plataforma YouTube, onde aprendo desde a fazer uma receita, a consertar meu

celular, a trocar o HD do meu laptop, como também habilidades que me ajudaram a abrir minha própria empresa. Hoje uso músicas infantis no Youtube, para ensinar o bilinguismo simultâneo à minha neta, como também uso muito como ferramenta educacional em minhas aulas.

A arte também chegou muito cedo, mas era algo meu, minha mãe dizia que nasci artista, sempre gostei muito de pintar e desenhar, de música, de tocar instrumentos, de dançar etc.

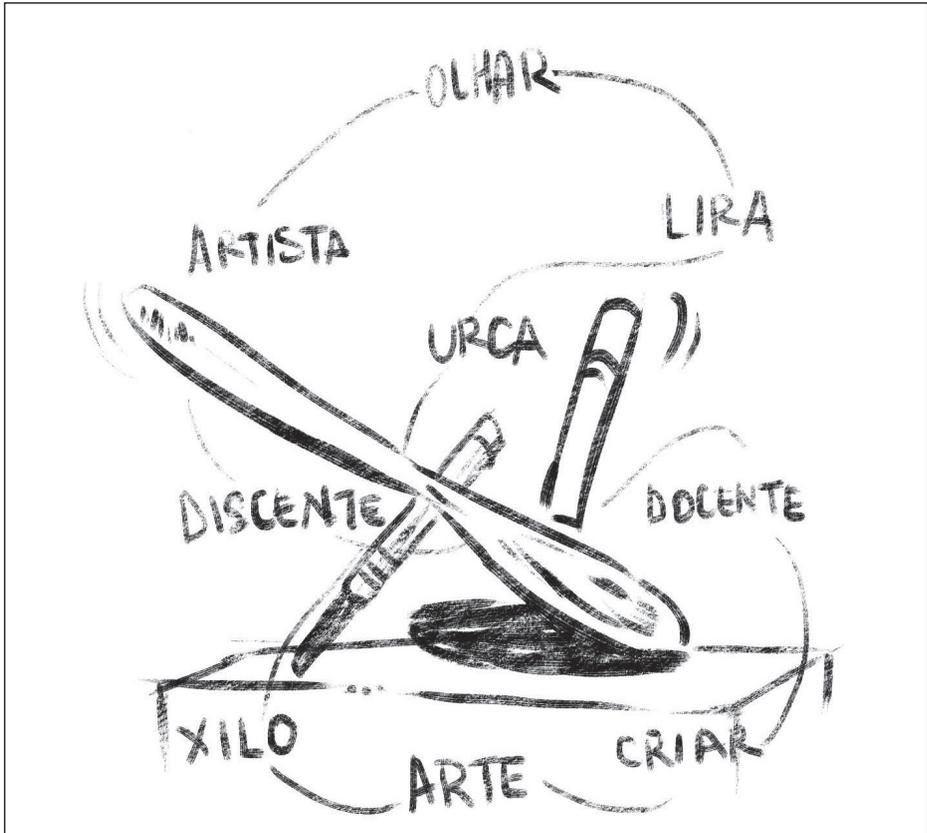
O meu presente projeto de pesquisa revela um interesse despertado ao perceber, através das minhas experiências como professora em escolas particulares, onde trabalhei em Recife e Camaragibe, que o uso das tecnologias em sala de aula, ainda sofre um grande preconceito e dificuldade de aceitação por parte das famílias e responsáveis pelos alunos, assim como alguns professores e funcionários das escolas. Em contrapartida, também obtive experiências, como professora e coordenadora pedagógica em cursos de Inglês, onde o uso da tecnologia não só é bem aceito, como as aulas são realizadas, quase todas, utilizando-se de diversas formas de novas tecnologias digitais. Pude também perceber através de minhas experiências pessoais a contribuição significativa a partir do uso das tecnologias e a poderosa ferramenta que podemos ter em nossas mãos sabendo usá-las. O impacto positivo que obtinha em resultados com o ensino aprendizagem observados em meus alunos em cursos de inglês me fez questionar e repensar a tecnologia também em aulas de artes em escolas do ensino fundamental. Destaco que tenho a clareza de que há um outro lado, posto que muitas escolas e alunos não têm esse acesso, o que acaba se tornando algo excludente.

De modo mais específico, o meu interesse de estudo e pesquisa, é sobre o uso de recursos tecnológicos para melhorar o engajamento e aprendizado do aluno, assim como as formas que as tecnologias digitais podem auxiliar nos processos de ensino-aprendizagem no ensino de artes visuais. Neste ano de 2020, com a chegada da pandemia do COVID-19, professores de todos os níveis e áreas do saber, tiveram que se reinventar para se adaptar a essa nova realidade de aulas remotas, afetando a rotina de todos os envolvidos. Partindo do pressuposto de que se fez necessária a reinvenção dos processos de ensino e de aprendizagem, me interessei em investigar o uso das tecnologias digitais como ferramentas em aulas de artes visuais remotas. Inspirada nos dilemas da Arte/Educação e no uso de tecnologias digitais, gostaria de pesquisar as tramas do ensino de artes visuais e as tecnologias digitais, o que mudou com o ensino remoto emergencial? A partir da experiência de produção de narrativas, a pesquisa se propõe a pensar as tramas feitas, crises e relações que constroem a docência no contexto escolar, entendendo o desafio de encontrar formas para reelaborar as narrativas produzidas dos professores de artes visuais no novo contexto atual. Há a necessidade de dar saída aos desejos que movimentam o ensino de artes visuais, e os investimentos feitos pelos professores e escolas para atualização de suas práticas.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

CARTOGRAFIA MEMORIAL

Andréa Sobreira de Oliveira



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

Acredito que da mesma forma como discutimos dentro da história da arte sobre os entrelaçamentos entre arte e vida, não conseguimos entender o fazer pesquisa que não tenha algo de nós, quer seja de forma consciente ou não.

A autobiografia faz parte da minha escolha de pesquisa, quando revisito experiências enquanto docente/artista nas artes gráficas em 2018/2019 na cidade de Juazeiro do Norte, interior cearense. A cidade abriga inúmeras manifestações culturais de potência, desde uma tradição popular com danças e cantos nascidos na terra e nutridos dela, até uma produção contemporânea de artistas que circulam galerias pelo mundo afora.

A pesquisa em desenvolvimento será ser nutrida com a produção gráfica local, e mais especificamente da xilogravura, pois é o tipo produção em grande volume. Tão importante quanto essas produções de gravuras são os artistas que a constroem. E logo será feita uma apresentação dessa produção juntamente com alguns artistas que

fizeram parte dessa construção na região, se fazendo necessário então uma pesquisa histórica para um reconhecimento desse trajeto de produção que se faz presente em Juazeiro do Norte, chegando a refletir até nas cidades próximas.

Existe uma linha invisível que costura alguns elementos que fazem parte da minha pesquisa, não existe uma hierarquia de valores, existem lugares, pessoas e experiências igualmente importantes que fazem sentido juntos. Quando penso imageticamente esse trajeto de pesquisa, faço uma alusão a experiência prática do fazer xilogravura.

Para a feitura de uma xilo, traço um roteiro de sequência que normalmente se repete. Primeiro existe o pensar qual imagem deverá vir na minha gravura, e para construí-la preciso revisitar o arsenal de imagens que já fazem parte de mim, além de outras fontes, tudo partindo da intenção que quero com a imagem.

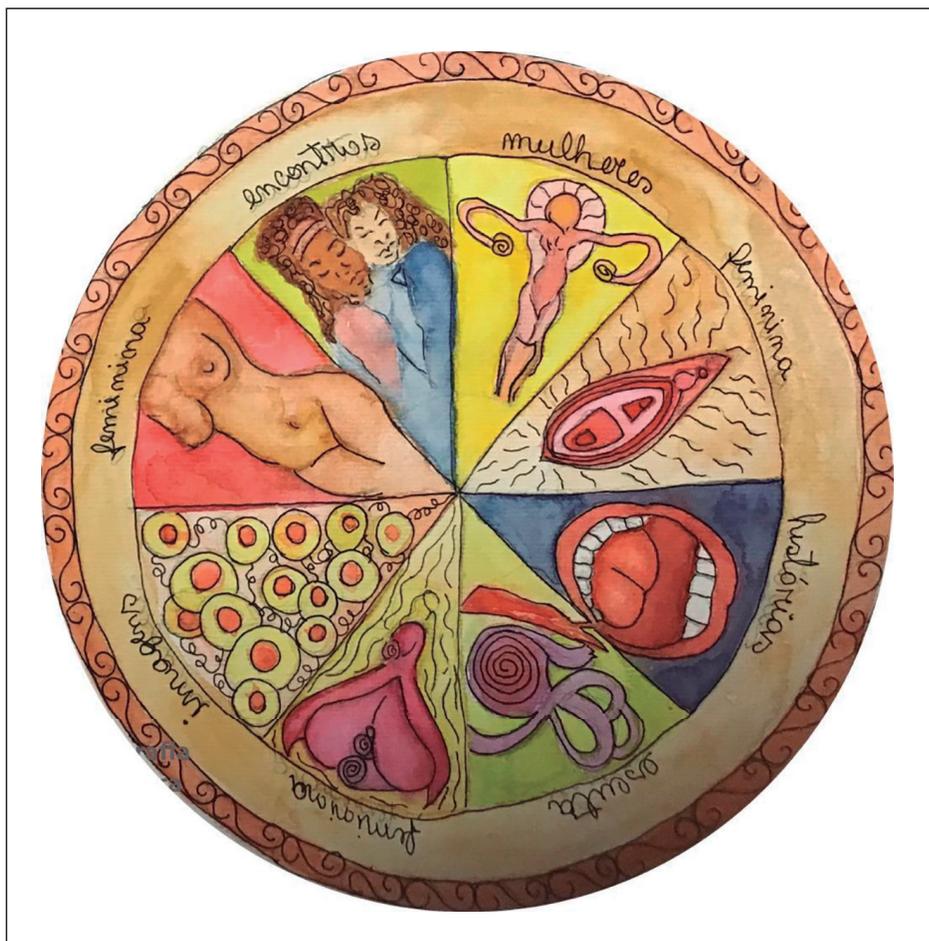
Como aconteceu para a escolha da pesquisa, como elegi esse tema de pesquisa? Qual a intenção a partir dessa escolha? Depois de pensar a imagem vou dar forma a ela, rascunhando em um papel para melhor pensar sua apresentação. Acredito que estou nesse processo ainda de rascunhar, deixando claro do que trata a pesquisa, e qual forma tenciono dar a ela, a partir da minha intenção, assim tendo mais clareza e objetividade para construir. Depois da imagem pronta, devo transferir para minha matriz de madeira e começar o processo de encavo, onde retiro fragmentos da madeira e deixo outras partes que serão necessárias para compor a imagem.

Nesse processo de pesquisa é preciso observar as referências que embasam o projeto, pensando bibliografia, artistas e até as escolhas de trabalhos, dos artistas selecionados e também do meu trabalho artístico. Após a matriz encavada serão feitas as primeiras impressões, as chamadas provas de artistas, e então verei se a imagem corresponde ao que havia almejado. Acredito que o momento da qualificação será importante para ter outros olhares que deverão contribuir na minha pesquisa e como posso construir da melhor forma, com mais qualidade a partir da experiência de outros docentes. Então, finalizamos esses estudos de impressão, vamos perceber de forma mais clara o que deve ser melhorado, e aí então teremos uma matriz pronta para imprimir a imagem que esboçamos no início, com a melhor qualidade de imagem possível a partir de todas as ferramentas e procedimentos que tive acesso.

Assim, apresento o meu projeto, depois de todo esse trajeto no ateliê gráfico que me fiz presente, e ele ganhará mais sentido quando entrar em contato com minha comunidade e as pessoas em geral interessadas.

CARTOGRAFIA IMAGÉTICA: imagens do feminino

Ane Beatriz dos Santos Reis



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

Sempre tive interesse em pesquisar sobre as representações do feminino na História da Arte. Imagens de diversas épocas, estilos artísticos e o que podemos saber da história dessas imagens. Elaborei um projeto de mestrado com o tema “Imagens do feminino na cidade do Recife” que investigaria em um perímetro determinado na cidade, especificamente o Recife Antigo. Mas, após conhecer a Comunidade de Conceição das Crioulas, o espaço foi trasladado para a área rural de Salgueiro/PE e o interesse em pesquisar também foi transferido para pessoas e histórias que não fazem parte dos considerados notáveis, mas de histórias que precisam ser ouvidas e

divulgadas por pesquisadoras/es, são vidas que buscam entrar na história reservada até aqui, à elite (PINEAU, 2006, p. 337).

Nessas histórias de não notáveis, mas de pessoas com muitas narrativas de lutas a contar, a pesquisa se debruça em uma questão norteadora – que imagens das histórias da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas são representações do feminino? Representações do imaginário que são transmitidas na oralidade e fazem parte do processo da educação quilombola no cotidiano e nas escolas da comunidade. Essa pergunta será norteadora para um processo investigatório de escuta, de encontros, de contação de histórias que não necessariamente está preso a uma mediação linear dos procedimentos metodológicos escolhidos, mas um processo cíclico, que será mediado conforme os encontros que forem acontecendo.

Assim, a imagem produzida para o memorial da pesquisa converge em um círculo, pois não seguiu um desenho em linha, ordenado em etapas. Representa o processo cíclico da pesquisa para compreender as imagens das mulheres, nos processos de reconhecimento de si, nas histórias da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Processo que envolve a escuta das histórias da comunidade; a identificação, nas histórias, das imagens do feminino e o registro das histórias e imagens investigadas. Nesse movimento cíclico tanto a pesquisadora quanto participantes não estarão passivas/os aos desdobramentos da pesquisa, o que nos aponta Ferrarotti, (1991) sobre a interação inextricável e absolutamente recíproca entre a/o observadora/dor e a/o observada/o, esse diálogo promoverá um conhecimento mútuo e compartilhado.

Referências

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. **Revista Sociologia**, problemas e práticas, Lisboa, n. 9, p. 171-177, 1991. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1239>.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200009&lng=pt&tlng=pt.

CAMINHOS DA PESQUISA

Anna Rayanne Lins de Moraes



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

A arte sempre me intrigou. Durante minha vida escolar fui uma aluna com boas notas no componente curricular, era a menina “jeitosa e de bom gosto”, que fazia trabalhos belos mas, tudo mudou quando conheci uma professora que mostrou o outro lado da arte, o feio, o não belo, o chocante, o abstrato. Tenho a imagem gravada desta professora, de nome Joselma, a dançar na quadra com representantes da comunidade indígena Fulni-ô. Tenho registrada a imagem do seu rosto ao ver a nossa instalação com luzes vermelhas, papel higiênico e jornal. Seus olhos brilharam. E os meus brilharam por conseguinte. Ali acendeu a centelha. E a arte passou a me intrigar ainda mais.

Sendo filha de professores muitas das conversas em casa giravam e ainda giram sobre educação. Hoje “painho” está aposentado da sua função de professor de química, e “mainha” exerce a profissão de fisioterapeuta. Mas, durante seus anos em sala “mainha” foi professora de Arte, e uma das minhas várias funções era a de cinegrafista e editora de imagens. Lembro do prazer estampado no rosto dos estudantes do 6º ano ao verem seus curtas na pequena exibição organizada por ela no pátio da escola.

Das releituras das obras do escritor Aguinaldo Silva, meu conterrâneo da cidade de Carpina, exibidas no auditório para toda a escola. Dos trabalhos. Das exposições. E, recentemente, do encontro com estes estudantes em uma apresentação de mamulengo, tão característico da nossa cidade. Mas, o que me lembro, principalmente, é o desafio enfrentado pela professora licenciada em ciências biológicas para imergir no mundo da arte e sensibilizar aqueles pequenos estudantes.

O cruzamento das histórias destas duas mulheres com a minha e com a arte tecem o fio condutor do desenvolvimento deste trabalho, a professora de arte por formação e a estudante; a mãe professora de arte por necessidade e a filha; e a estudante e filha, hoje professora de arte. Estas histórias compõem a formação da minha identidade docente, objeto de estudo desta pesquisa, e se repetem na minha trajetória profissional. Por isso escolhi a imagem de uma árvore que está sempre em crescimento e “bebendo” de suas raízes. Os ramos se entrecruzando, representam também os caminhos que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa.

CORPO EM TRANSIÇÃO

Brenda Gomes Bazante



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

Houve um tempo em que pensei que nunca seria feliz. Minha pele era amarela pálida, quase sem cor, de tanto que usava camisas de manga longa. De forma alguma deixava qualquer parte de meus braços e ombros aparecerem. Tinha ódio deles e me achava a pessoa mais feia do mundo. Nesse período a expressão cabisbaixa e triste tomava conta da face do pequeno Júnior, um menino que não entendia por que precisava sentar na cadeira dos barbeiros e ver seus cachos serem cortados quase que semanalmente, mesmo que ele chorasse dizendo que não queria cortar os cabelos.

Esses e outros relatos estão presentes na investigação “Cadê as Travas Transcorpocinéticas?” em desenvolvimento no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV UFPE/UFPB. A A/r/tografia será a metodologia empregada, mas as narrativas biográficas e autobiográficas estarão presentes. Pineau (2016) define biografia como a “escritura da vida de outrem” (p. 329) e autobiografia como “a escrita de sua própria vida” (p. 340). O autor também apresenta as características do Relato de Vida, método que “aponta para a importância da expressão do vivido pelo “desdobrar narrativo”, quer essa enunciação seja oral ou escrita” (PINEAU, 2016, p. 340) e das Histórias de Vida que significa “o objetivo perseguido de construção de sentido temporal, sem prejudicar os meios” (PINEAU, 2016, p. 341).

Sobre a narrativa autobiográfica, Pineau (2016, p. 340) defende que “em oposição à biografia, ela constitui um modelo no qual, no limite, ator e autor se sobrepõem

sem um terceiro mediador explícito”. Nessa sobreposição, enquanto reviro memórias, preciso levar em conta que cada indivíduo não totaliza a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio de seu contexto social imediato, ou pequenos grupos sociais de que faz parte. Estes grupos são, por seu tempo, agentes sociais que totalizam o seu contexto. De modo similar, a sociedade totaliza cada individualidade específica por meio por meio das instituições mediadoras que focalizam esta sociedade no indivíduo com crescente especificidade (FERRAROTTI, 1991, p. 174).

Na pesquisa que desenvolvo no PPGAV UFPE/UFPB, também incluo narrativas biográficas de três outras mulheres trans, pois pretendo construir essa pesquisa de forma coletiva (GOLDBERG, 2016). Assim, as relações totalizadoras acima expostas tornam-se importantes quando percebo que ao analisar os dados obtidos nas entrevistas que farei com as colaboradoras deste estudo, preciso atentar para as diferenças existentes nas experiências vividas por mim e pelas participantes. Afinal, apesar de ter passado por vivências similares àquelas experimentadas por outras mulheres transgêneras, eu não conheço as particularidades de suas vivências.

Luciane Goldberg, pesquisadora da autobiografia, chama a atenção para esta questão quando defende que pesquisadores(as) podem cair na tentação de se achar exímios conhecedores(as) da infância por terem, naturalmente, sido crianças. No tocante a questão da transexualidade, concordo com Goldberg (2016, p. 22) e assim como a pesquisadora coloco-me “então na busca do diálogo desse encontro com o ‘outro’, da conaissance – conhecimento – conascimento com esse outro, conhecimento de sua ecologia, seu modo de existência, suas intenções e suas exigências”.

Ferrarotti (1991) apresenta algumas atitudes que o(a) pesquisador(a) do campo biográfico deve possuir. De acordo com o autor, “a especificidade do método biográfico implica ultrapassar o trabalho lógico-formal e o modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia científica estabelecida (FERRAROTTI, 1991, p. 172). Nesta perspectiva, “o observador está radicalmente implicado na sua pesquisa, ou seja, no campo do objeto de investigação” (FERRAROTTI, 1991, p. 171) e “longe de ser passivo, modifica continuamente o seu comportamento de acordo com o observador” (FERRAROTTI, 1991, p. 171).

Pensando nesta modificação, elaborei os questionários de forma dinâmica com mais de uma pergunta para cada tema, buscando obter respostas que indicassem aspectos ligados às transformações corporais que as entrevistadas realizaram após suas transições de gênero. Além disso, considerando a tecnologia que temos à nossa disposição, ofereci diversas alternativas para o envio das respostas, por meio de e-mail, mensagens de texto ou de áudio via WhatsApp ou direct via rede social Instagram.

Estas respostas alimentam o processo criativo em torno de um móbile que representa o conceito de Transcorpocinetismo. Termo que desenvolvo no Mestrado e que está ligado a representação das mudanças nas esferas cirúrgicas, estéticas e endocrinológicas realizadas por mulheres trans e travestis por meio da Arte Cinética. Nesse processo procuro entender como as narrativas biográficas e autobiográficas podem me ajudar a desenvolver o conceito acima mencionado e os referidos móveis nele baseados. Sobre esta ligação com o meio, Ferrarotti (1991, p. 172) diz que “devemos procurar os fundamentos epistemológicos do método biográfico noutro lugar, na razão dialética capaz de compreender a práxis sintética e recíproca que governa a interação entre o indivíduo e o sistema social”. Logo, a abordagem biográfica – que subverte a

epistemologia clássica – presente na Pesquisa “Cadê as Travas Transcorpocinéticas?” e as Histórias de Vida nela narradas, “estão hoje na encruzilhada da pesquisa, da formação e da interação onde se entrecruzam outras correntes tentando refletir e exprimir o mundo vivido para dele extrair e construir sentido” (PINEAU, 2016, p. 338).

As vivências trazidas para essas investigações dizem respeito a mudanças corpóreas. Como dito anteriormente, elas acontecem em três esferas e têm a finalidade de ajustar o corpo “masculino” ao corpo “feminino”. Através de um cabelo que pouco a pouco cresce e por meio de seios e quadris que vão ganhando volume, este corpo movimenta-se em direção uma silhueta “feminina”, abandonando a identidade cisgênera compulsoriamente atribuída desde o nascimento (BUTLER, 2020; PRECIADO, 2017). Estas intervenções serão apresentadas na Escultura “O Torso da Trava Transcorpocinética”, produto da pesquisa em desenvolvimento no PPGAV UFPE/UFPB.

A partir da leitura de Goldberg (2016) percebo o potencial do termo “Autobiografismo” para minha investigação. Segundo a autora este conceito pode ser definido como biografia desenhada, ou seja, “uma biografia de traços, símbolos, formas e imagens que, assim como a narrativa textual, produz subjetividade, uma individualidade do traço, derivada de uma originalidade do olhar” (GOLDBERG, 2016, p. 23).

Por fim, assim como Pineau, acredito que “a aparição contemporânea dos relatos e histórias de vida possa ser interpretada como indicadora da liberação de um segundo limiar da modernidade, de uma revolução bioética, biopolítica” (2016, p. 338), rupturas que remetem “aos indivíduos o encargo de construir sentido com suas vidas” (PINEAU, 2016, p. 339).

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. **Sociologia – Problemas e Prática**, n. 9, p. 171-177, 1991. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1239>. Acesso em: 13 dez. 2020.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo**: Desenho Infantil e Biografização com Crianças em Situação de Acolhimento Institucional. 2016. 346 p. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Centro de Educação, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2016.

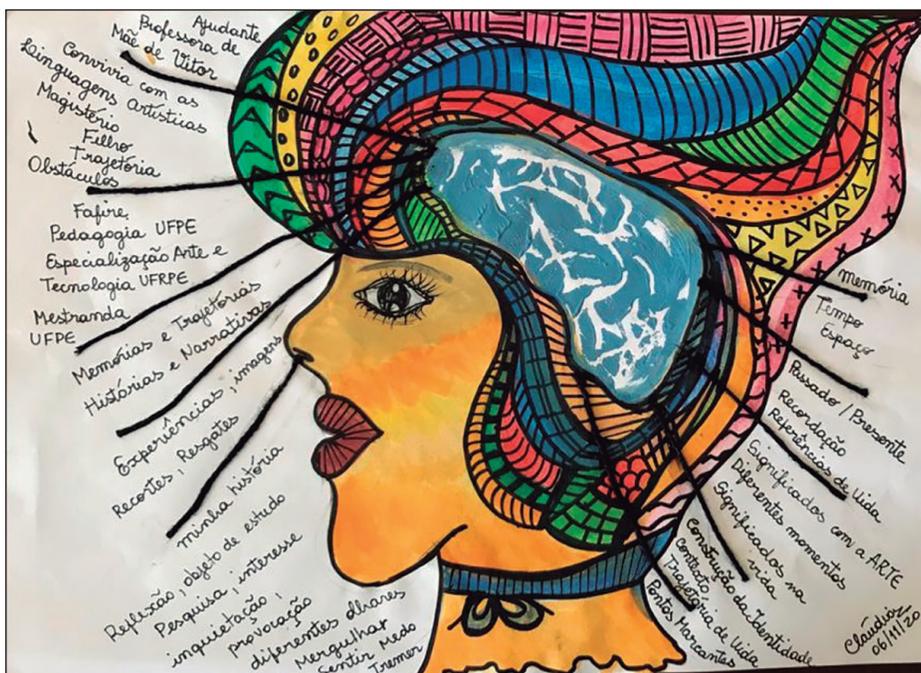
PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S1517-97022006000200009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 13 dez. 2020.

PRECIADO, P. Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas da identidade sexual. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

HISTÓRIAS E RESGATES DA MEMÓRIA

Cláudia Magalhães Rodrigues dos Santos



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

Ao observar a cartografia imagética produzida sobre a história da minha vida com a Arte/Educação percebo que a imagem produzida, resgata a memória de momentos inesquecíveis, marcantes da minha vida, subjetivando o meu memorial de pesquisa.

Acredito que todos os caminhos trilhados com a arte, me propicia percorrer a memória realizando registros gradativos e seletivos de várias experiências adquiridas. E assim, me vejo narrando minha história de vida e recordando diferentes fatos temporais com significações na minha vida com o campo da arte. Dessa forma, elaboro a minha construção identitária, a partir de práticas educativas, histórias e relatos, trazendo recortes de acontecimentos da minha vida pessoal e profissional.

Aos poucos, a escrita vai brotando, vou pensando, contextualizando e fazendo história com a arte e lembro que, desde pequena, convivia com algumas linguagens artísticas, mas não possuía o entendimento que tenho hoje, tudo havia um significado, percorridos com uma trajetória subjetiva e única.

O tempo foi passando, realizei o sonho de ser pedagoga/UFPE, especialista em Artes e Tecnologia/UFRPE, agora mestranda de Artes Visuais/UFPE, uma trajetória com muitos significados. Hoje, sou mãe, professora, contadora de histórias, estudante, mestranda de Artes Visuais, e nesse percurso surge o meu interesse de pesquisa. Por ter um filho com deficiência visual que passou por vários desafios para concluir seus

estudos, fui percebendo pela experiência vivida o surgimento de uma inquietação e a construção do objetivo da pesquisa: compreender como a disciplina de artes visuais é trabalhada com estudantes com deficiência visual na sala de aula. Para tanto, delineei os seguintes objetivos específicos: compreender o que pensam os sujeitos da prática pedagógica (docentes, coordenadores/as e gestores/as) sobre o ensino de Artes Visuais para a pessoa com deficiência visual; identificar os recursos materiais e estruturais disponíveis para o desenvolvimento da prática em Artes Visuais para a pessoa com deficiência visual e por fim, identificar e analisar a prática dos/das docentes de Artes visuais que atuam com estudantes com deficiência visual.

Percebe-se que, aos poucos, a pesquisa vai ganhando corpo e mostrando pistas para entender a minha formação, entrecruzando com os aspectos vivenciados com a arte/educação. Nessa direção, adentrando nas leituras de profusas referências, que dialogam com a minha pesquisa, começo a estabelecer e tecer um diálogo entendendo meu objeto de estudo. Sendo assim, os fios vão tecendo, provocando diferentes olhares com a pesquisa, constituindo uma reflexão relevante sobre arte/educação, sobre educação para pessoas com deficiência e mais especificamente, sobre ensino de artes visuais para pessoas com deficiência visual. Mergulhamos na pesquisa, sentimos um temor que nos paralisa e percebemos que esse movimento são tantas idas e vindas, um tremor que nos apaixona.

GUIAS E LUTA

Cleyton de Melo Nóbrega



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

A pesquisa autobiográfica faz com que as pessoas compreendam detalhes mais específicos sobre as trajetórias de vida uns dos outros. Quando refletimos sobre a relação das histórias de vida e os possíveis processos de produção artística, podemos analisar que o fruto da obra do artista está ligado de maneira muito expressiva às experiências passadas por essa pessoa na trajetória de sua vida. É importante estarmos atentos sobre as diferentes possibilidades de criar artisticamente a partir das experiências individuais.

A imagem formulada, ou melhor dizendo, criada por mim em outro momento da disciplina, mostra o meu próprio punho fechado em frente a um matagal, nela ainda resolvi colocar um colar de contas envolvendo o meu pulso. O intuito da composição da imagem foi o de expressar a relação construída por mim através da pesquisa e de minha trajetória autobiográfica com problemáticas recorrentes às pessoas negras e nossa luta contra o racismo, aliando estes pontos com as minhas práticas e potencialidades artísticas expressadas por meio do corpo em diálogo com a linguagem performativa.

Existe em minha pesquisa o intuito de construir pontes com os preceitos decoloniais em busca de uma vontade de expressar a minha relação de vida, luta e resistência pelo fato de ser negro e morar em um bairro periférico da Região Metropolitana do Recife.

A pesquisa tem me guiado por caminhos que me levam a questionar o meu papel enquanto artista visual e pessoa. E em como a performance negra pode contribuir para a mudança de perspectiva e fomento da força e resistência do povo negro na atual conjuntura político-social em que vivemos.

MANDALA COM ESPIRAL

Elizabeth de Carvalho Simplicio



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

No texto de Pineau (2006) “As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial”, o autor trata de técnicas e abordagens metodológicas, biográficas e autobiográficas utilizando os seguintes questionamentos: Quem faz a história de vida de quem? Por quê? Para quê? Com o quê? Quando? Até onde? Já na tese de Goldberg (2016, p. 10, grifos da autora) “Autobiografismo: Desenho Infantil e Biografização com Crianças em Situação de Acolhimento Institucional”, a autora explica, ainda no resumo, que sua pesquisa utiliza uma metodologia que trabalha “**com** a criança e não somente **sobre** ela, a partir da escuta-sensível, do diálogo, da interação, da mediação, da co-construção e da intervenção”.

Esses dois pontos resumem a metodologia autobiográfica, na qual as histórias de vida estão hoje na encruzilhada da pesquisa, da formação e da intervenção onde se entrecruzam outras correntes tentando refletir e exprimir o mundo vivido para dele extrair e construir um sentido. Dito isto, acredito que posso lançar mão dessa metodologia, uma vez que minha pesquisa, na linha de processo criativo, envolve não só a obra da fotógrafa Telma Saraiva, mas também meu envolvimento com a cidade do Crato-CE, cidade onde viveu a citada artista. Quero, portanto, desenvolver em minha dissertação uma construção imagética afetiva a partir de aspectos estéticos da fotopintura característica da obra de Telma Saraiva, para, ao final, responder à questão: qual a relação, do ponto de vista artístico, entre Telma Saraiva e eu?

No caminho para chegar à resposta, far-se-á necessário identificar as características estéticas das fotopinturas tradicionais da região do Cariri-CE e traçar um paralelo com a obra de Telma Saraiva, no sentido de identificar em quais pontos Telma Saraiva reproduzia ou subvertia a técnica da fotopintura, ao mesmo tempo, que irei desenvolver meu próprio pensamento artístico, criador e estético através de uma construção imagética afetiva.

Referências

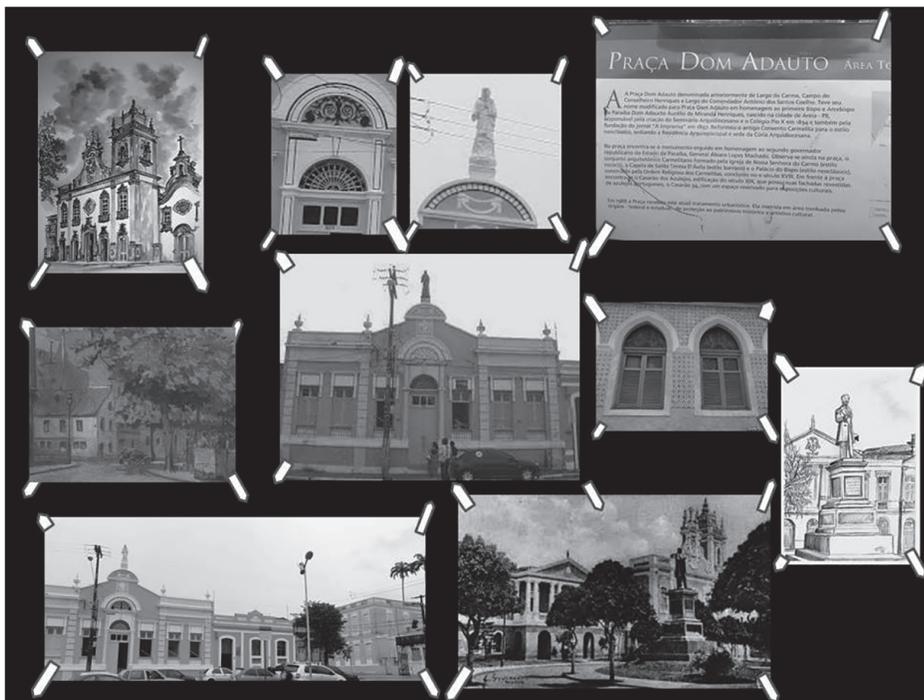
GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo: Desenho Infantil e Biografização com Crianças em Situação de Acolhimento Institucional**. 2016. 346 p. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Centro de Educação, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2016.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S1517-97022006000200009&lng=pt&tlng=pt.

CONEXÕES ENTRE “BIOGRAFIAS E HISTÓRIAS DE VIDA” E “AUTOBIOGRAFIA”: um paralelo com a minha pesquisa acadêmica

Emanuelly Mylena Velozo Silva

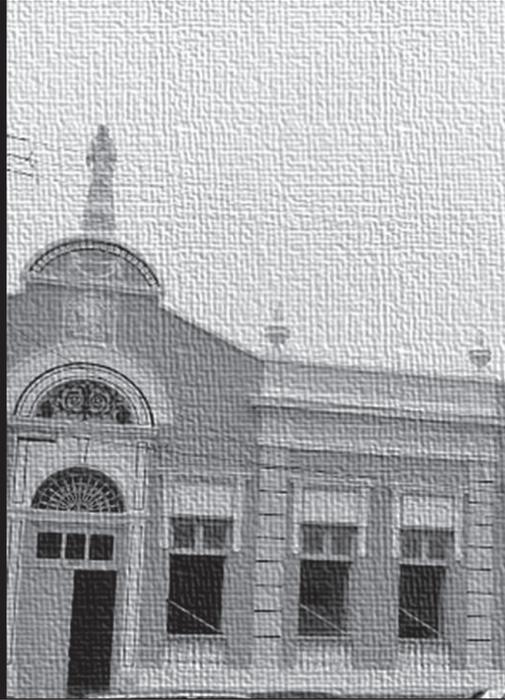
Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização



MEMORIAL DE PESQUISA –
BASEADO NO MODELO DOS
PAINÉIS DO “ATLAS
MNE MOSYNE”, DO
HISTORIADOR ABY WARBURG.

QUADRO DE TERMOS-CHAVE

PATRIMÔNIO - MEMÓRIA
COLETIVA - ARQUITETURA -
CIDADE - IMAGEM/TEXTO -
ELEMENTOS VISUAIS -
MONUMENTO HISTÓRICO -
BEM MATERIAL E CULTURAL -
HISTÓRIA - ARTE -
DOCUMENTOS -
PASSADO/PRESENTE -
NARRATIVA ATRAVÉS DA
MATÉRIA - RESSONÂNCIAS



A pesquisa em patrimônio material, principalmente em arquitetura, foi bastante discutida acerca de sua materialidade – os objetos, monumentos, documentos possuem apenas valor material e “físico”? A grande questão foi que, após a constituição de 1988, os valores imateriais dos patrimônios, inclusive nos materiais, foram evidenciados. Em uma igreja, por exemplo, os valores imateriais são tão importantes quanto os materiais – as vivências, as histórias ocorridas, as tradições, festas, expressões e todas as relações humanas com o objeto importam tanto quanto às questões materiais.

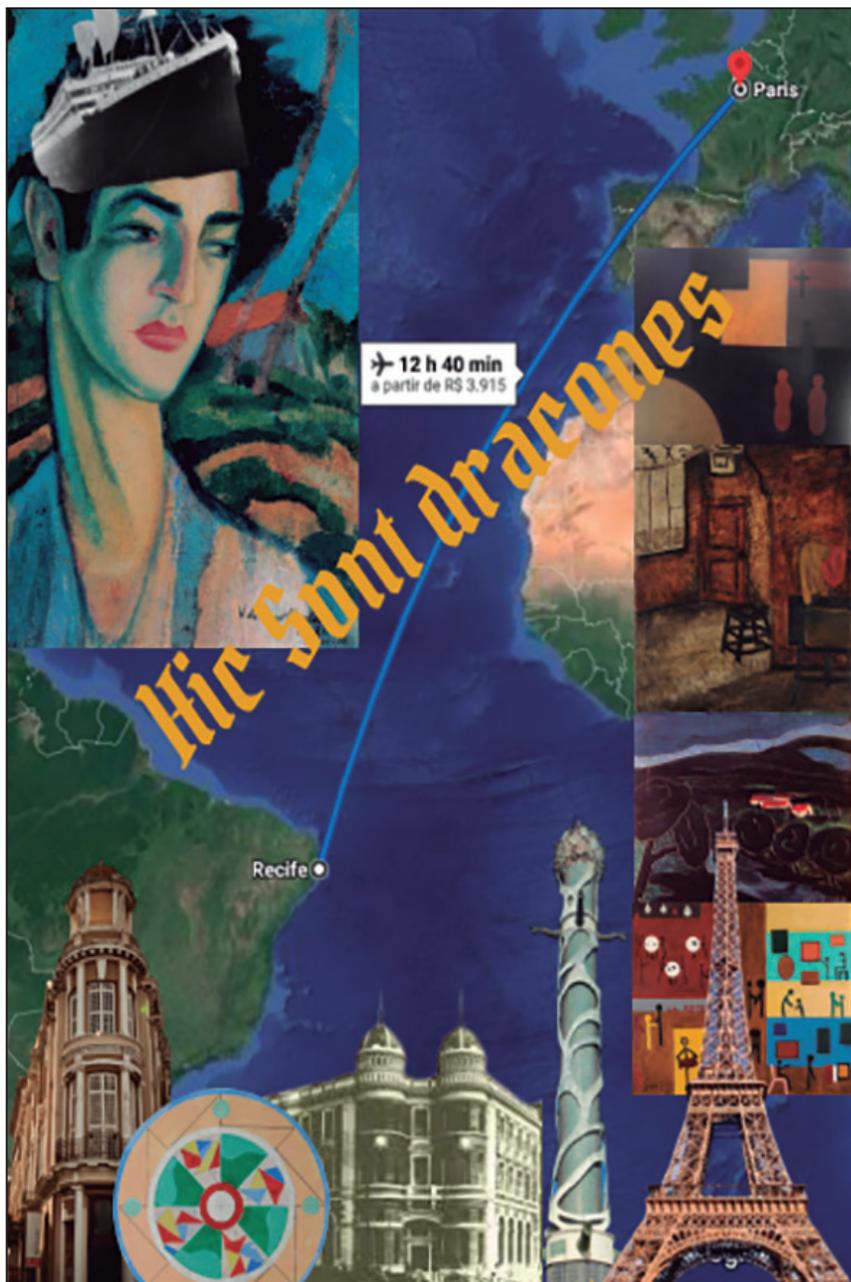
No meu memorial de pesquisa, coloquei palavras que para mim são indissociáveis do monumento histórico, neste caso, arquitetônico: narrativas através da matéria, ressonâncias, memória coletiva. Na minha pesquisa, não pretendo contar esses sentidos através de entrevistas, ou pelo ponto de vista biográfico, mas pelo ponto de vista das narrativas que foram criadas através dos “tempos” do monumento, por arquivos – principalmente fontes primárias – como documentos, manuscritos, periódicos, jornais da hemeroteca, por exemplo, fotografias e outras imagens – como os próprios elementos que compõem a arquitetura do objeto. Na perspectiva de trabalhar na compreensão que essas fontes trazem como narrativa de vivências e histórias contidas naquele edifício é fazer do próprio monumento uma fonte documental que expressa os tempos da cidade e suas transformações através da arquitetura.

A questão autobiográfica que eu trouxe para a pesquisa não foi como metodologia, mas os aspectos autobiográficos compõem um dos primeiros parágrafos do meu texto. Acredito que é essencial que o leitor, seja ele da área da pesquisa ou não, saiba o porquê da escolha do tema, descrito através das próprias palavras do autor do texto.

AQUI HÁ DRAGÕES

Felipe Neves dos Santos Cesar

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização



A maneira cartesiana na qual nos pautamos e somos condicionados no ambiente profissional, que incluo a pesquisa acadêmica, exige muitas vezes que nos afastemos das experiências pessoais para alcançarmos uma postura de “neutralidade” diante das nossas atividades. A indicação das leituras sobre Biografia e Histórias de Vidas e Autobiografia”, assim como as discussões e trocas de experiências ocorridas em sala, tem permitido ampliar nossa visão sobre diferentes metodologias que podem corroborar para o enriquecimento das nossas pesquisas.

Numa dessas reflexões motivadas pela disciplina, pude ativar conexões, até então inconscientes, a partir de uma experiência vivenciada no Santander Cultural em 2012, período que escolhi seguir a profissão de educador. Foi na exposição Zona Tórrida ocorrida naquele ano, que vi pela primeira vez pinturas de Joaquim do Rego Monteiro, meu atual objeto de pesquisa. As experiências vividas no período daquela exposição foram muito marcantes para mim, algo que “coincidentalmente” também inclui um feedback dado pela professora Fabiana Vidal no final da minha mediação junto aos seus alunos do Colégio de Aplicação. Talvez esse fato seja desconhecido pela professora, mas certamente gostaria de um dia poder compartilhar e lhe agradecer!

A exposição Zona Tórrida teve a curadoria de Clarissa Diniz e Paulo Herkenhoff. Ambos justificavam o recorte temporal e temático da exposição a partir da produção imagética modernista realizada no Nordeste, de 1920 até a contemporaneidade e pela luminosidade peculiar presente naquelas pinturas.

Aquelas e aqueles artistas compartilhavam, além do nascimento ou vivência na região mais quente e ensolarada do Brasil, a presença de uma luz dura, brusca e tórrida nas suas produções artísticas. Diante das 46 obras que compunham a exposição, as pinturas de Joaquim eram as que mais me traziam incômodo. Recorrer ao catálogo a fim de conhecer aquele pintor e responder às inquietações provocadas por aquele universo simbólico foi um exercício inútil e ingênuo, afinal, como Herkenhoff e Diniz (2012, p. 44) já denunciavam naquelas páginas, o desconhecimento sobre a vida e obra de Joaquim continua sendo um “grave problema historiográfico”.

Hoje, após 8 anos daquelas vivências, alicerçado por leituras promovidas na disciplina Processos de Investigação em/sobre/com Artes Visuais, percebo que o desejo de investigar a vida e obra de Joaquim do Rego Monteiro parte de uma identificação pessoal com a vida daquele jovem artista, pela intrigante poética das suas pinturas e pelo desejo de responder meus questionamentos silenciados por quase uma década.

A pesquisa já estava em mim, o meu objeto já me acompanha há muito tempo, mas a possibilidade de desafiá-lo, encarando-o como integrante de uma nova etapa de vida, que é o mestrado, só aconteceu depois de uma longa jornada de alegrias e tristezas. Minha pesquisa histórica parte fundamentalmente da minha História de Vida, e essa consciência só foi percebida pela ampliação das leituras realizadas e pelo desejo de preencher vazios existenciais.

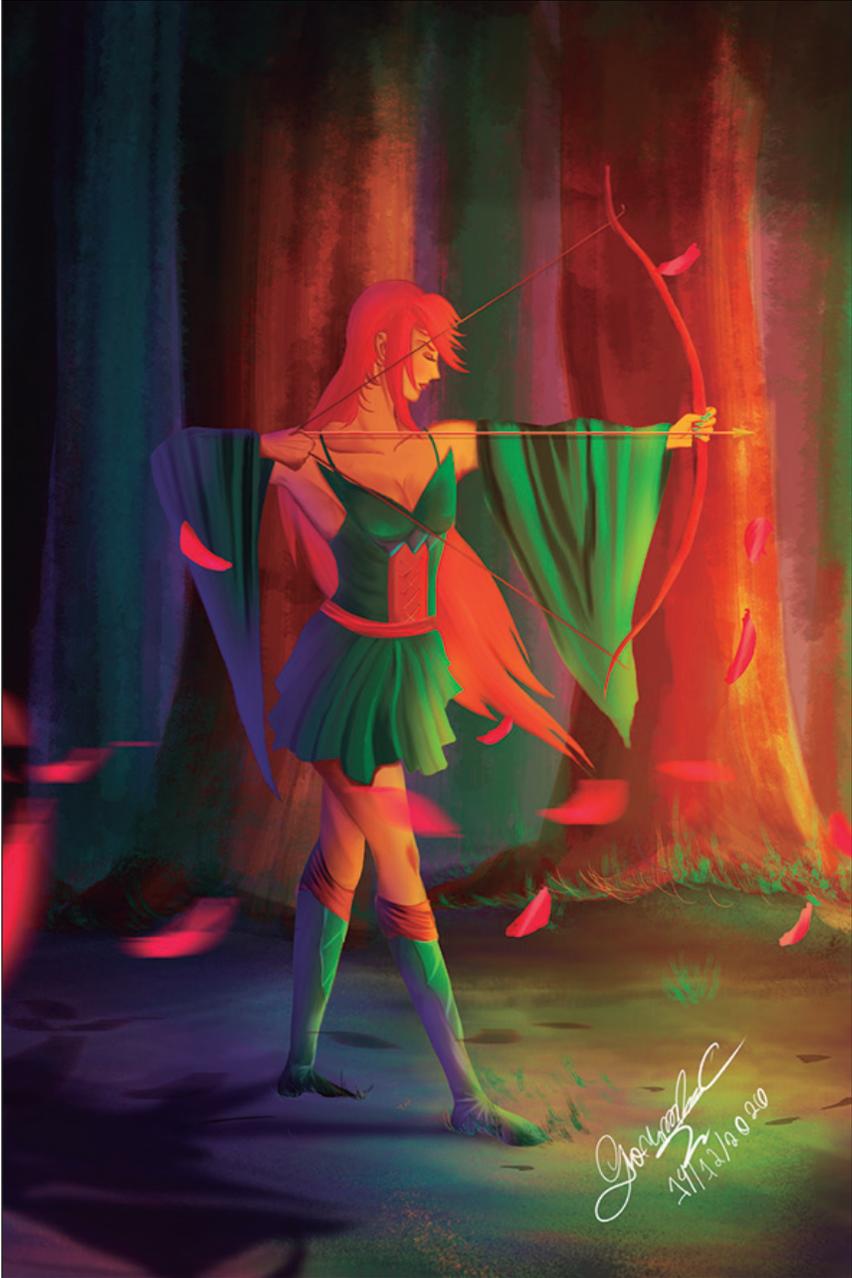
Referência

HERKENHOFF, Paulo; DINIZ, Clarissa. **Zona Tórrida**: certa pintura do Nordeste. Recife: Santander Cultural, 2012.

ARTBOOK

Giovanni Lucena Costa

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização



A pesquisa que venho desenvolvendo trata de uma análise da minha obra sob perspectiva da crítica genética, que por sinal, envolve elementos autobiográficos e autonarrativas, que dizem respeito ao ecossistema que compõe as correspondências passivas e ativas do meu universo mental concreto e imaginário.

O trabalho de Goldberg (2016) é composto por uma autonarrativa de caráter transdisciplinar que integra conceitos de outros campos das humanidades, como psicologia, além da pedagogia em diálogo com as artes visuais, o que torna bem interessante o seu escopo teórico, bem fundamentado, ao mesmo tempo que pessoal, emotivo, autobiográfico. Aliás, o referido estudo me fez refletir sobre a minha proposta de pesquisa, que consiste numa análise da minha própria obra. Uma obra que para entender, preciso primeiro compreender qual o solo fértil que me faz poder pisar no chão. Entender-me primeiramente como ser humano para, posteriormente, me entender como artista.

Posto isso, devo entender que preciso encontrar o equilíbrio ideal entre o texto acadêmico com a autonarrativa, de forma que não fuja dos pré-requisitos acadêmicos, e também não abra mão da questão humana que existe em meu trabalho.

Um aspecto que acabei de conectar com o meu trabalho é o fato de Goldberg (2016) ter trabalhado com o imaginário infantil, isso é, construir uma base sólida em torno da arte/educação voltada para crianças. O aspecto que me fez refletir é que, embora eu não seja criança, existem muitos elementos que ali estão presentes nas crianças que foram estudadas e pesquisadas no trabalho dela que também se encontram presentes no meu trabalho. Assim como a linguagem corporal, segundo alguns psicanalistas, uma linguagem universal, talvez da forma de expressão por meio da linguagem não verbal, como no desenho, também talvez seja universal.

No meu trabalho busco refletir sobre as técnicas de desenho, e como elas me ajudam a tornar fantasia em realidade. Imaginação realista? Ou realismo imaginativo? Realismo imaginativo é um termo que encontrei pela primeira vez sendo falado pelo artista visual e ilustrador James Gurney (2009), que consiste na arte figurativa, influenciada pelo realismo natural das coisas em intersecção com a temática de fantasia. Entender o meu apreço e consideração por esta temática acaba se tornando também uma questão.

A questão da exposição é uma graça, no entanto, um risco. O limite entre exposição e pesquisa existe? Talvez, para Goldberg (2016), não existe tal limite para uma pesquisa cuja metodologia seja embasada na autobiografia, no entanto, quando penso no meu universo mental, penso que existe uma diferença entre expor o meu carinho pelo personagem Mestre Yoda, de Star Wars Uma Nova Esperança (1977) e a minha vida pessoal durante as minhas aventuras escolares na adolescência.

Dramas românticos, desventuras amorosas, timidez, coisas que possuem tanta relevância que justificam a minha obra de arte ser do jeito que é quanto a importância de um personagem de um filme de animação, ficção fantástica, científica, ou games, a exemplo de O Rei Leão, Alien, Star Wars, Cavaleiros do Zodíaco, Final Fantasy, Caverna do Dragão, Dungeons & Dragons. É engraçado que embora cite essas obras fantásticas, uma personagem da vida real, a minha namorada, também diz muito sobre o que é a minha obra hoje. A porta que abre o fascínio por uma mulher foi aberta, e quando foi aberta, lá estava ela. E como eu a vejo? Uma guerreira, de espada, escudo

e armadura, com o máximo de preparo para qualquer combate possível, uma cavaleira de ouro, do signo de áries, que luta ao meu lado pelas doze casas do zodíaco.

A filosofia é a chave? Talvez, uma autoanálise. Nem todos se entendem completamente, mas esse é o charme da pesquisa autobiográfica, a dificuldade, as auto-descobertas, as sensações. É conectar todo esse universo mental, esse imaginário dos filmes, desenhos, jogos, que eu mais gosto, com as fundamentações teóricas de Argan, talvez...? Ou Gombrich; ou Nietzsche, por que não? Se ele comentou sobre aquela Ponte, de Monet (1899), por que não comentaria sobre uma pesquisa que embasa a crítica genética, que traz elementos de autonarrativa, os quais o citam como um dos pensadores que influenciaram a obra de um jovem rapaz mestrando de um programa de Pós-Graduação de Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco, que durante a adolescência, por algum acaso, leu os seus livros? Também aprecio os conceitos de Campbell, Jung, eles foram bem importantes.

A pesquisa autobiográfica é trabalhosa. É difícil, é como retirar uma espada de uma rocha! Mas a sensação que O Rei Arthur deve ter tido, deve ter sido sensacional. Essa é a graça desse tipo de pesquisa.

Referência

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo: Desenho Infantil e Biografização com Crianças em Situação de Acolhimento Institucional**. 2016. 346 p. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Centro de Educação, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2016.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

CARTOGRAFIA

Ingrid Borba de Souza Pinto Domingos



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

A profissão docente possui papéis de representação construídos historicamente, culturalmente e socialmente. Nesses papéis estão presentes as narrativas e trajetórias dos/as professores/as e estas também representam características e modos que os/as definem como professores/as pertencentes a um grupo (LOURO, 2013).

A escola é também, um ambiente de recorte da sociedade na qual estamos inseridos/as é, nesse contexto, o principal, ou um dos primeiros, locais de formação de conceitos e reconhecimento de gêneros e de identidades dos sujeitos.

Ao me reconhecer professora e nas narrativas construídas historicamente, percebi que as minhas ações pedagógicas, artísticas e de pesquisa caminhavam juntas dentro dos estudos das pedagogias feministas. Essas pedagogias procuraram apontar alternativas e estratégias para repensar e deslocar as desigualdades de gênero, sexualidades e estruturas de poder e saber nos espaços educativos.

Diante do contexto de experiências relatadas, percebo, nas minhas narrativas, um local de compreensão, interpretação e construção de sentidos para a prática docente. A pesquisa narrativa, no campo das ciências sociais, dá ênfase ao autorrelato, as memórias, a escrita de si e os diários como dispositivos investigativos que reconhecem a multiplicidade de relatos da pós-modernidade.

Deste modo, essa prática torna visível a diversidade dos significados humanos entremeando aspectos da vida íntima com a história social. Dão destaque também, as subjetividades na produção de conhecimento caracterizando assim “alternativas e o desdobramento da imaginação do pensamento social e cultural” (MARTINS; TOURINHO; SOUZA, 2017, p. 11).

Referências

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, E. Clementino de (org.). **Pesquisa Narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2017.

TRAJETÓRIAS DE MIM: encontros, desencontros e atravessamentos⁸

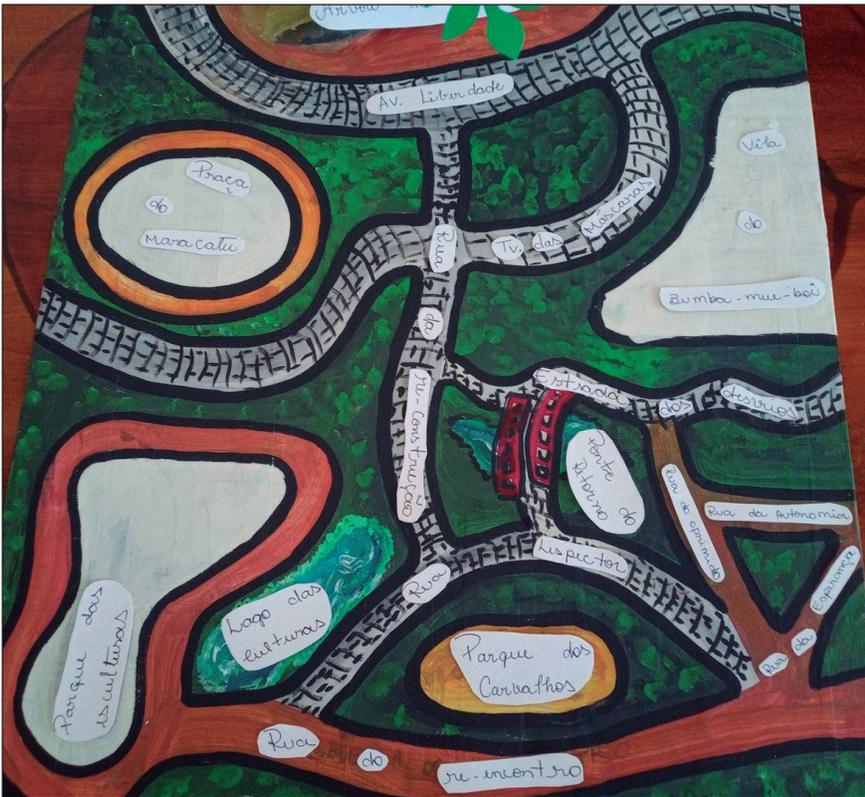
Jéssica Ribeiro de Oliveira



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

8

Esse trabalho tem como base a dissertação intitulada "As pedagogias culturais de gênero materializadas na arte figurativa de mulheres artesãs de Tracunhaém – Pernambuco" que encontra-se em desenvolvimento, na linha de pesquisa Educação e Diversidade do programa de pós graduação em educação contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste – sob orientação do Prof. Dr. Mário de Faria Carvalho com bolsa FACEPE – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco.



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

“Me levanto sobre o sacrifício de um milhão de mulheres que vieram antes e penso o que é que eu faço para tornar essa montanha mais alta para que as mulheres que vierem depois de mim possam ver além – legado”.

Rupi Kaur (2018, p. 216)

Pensar pesquisa, é pensar a vida. Não vejo minha vida, meu caminhar sem me ver enquanto pesquisadora, mas também não consigo me ver pesquisadora sem olhar para meu trajeto, meus (des)caminhos e (des)encontros com a vida. Para mim, vida e pesquisa são inseparáveis, ou até mesmo uma coisa só. Desde que me propus tornar-me pesquisadora, sinto que, apesar do rigor que a academia carrega, das regras e rituais que precisamos cumprir a fim de receber um título, percebo o ato de pesquisar como sendo a própria pulsão de viver. Então, para pesquisar é preciso ter tesão pela pesquisa, logo pela própria vida. Mas de onde vem esse desejo pulsante de ser/estar/tornar-me pesquisadora? O que me leva a pesquisar o que venho me propondo a realizar na academia? Desde quando me percebo enquanto uma pesquisadora? Esses questionamentos me acompanham há algum tempo ao longo de minha jornada dentro da academia.

Tais questões retomaram para meus pensamentos cotidianos desde que me lancei na tentativa de fazer um curso de mestrado e me propus a escrever uma dissertação. Aventura essa que às vezes têm me aparecido grandiosa, tanto no sentido sentimental espiritual da tamanha importância que esse trabalho tem para mim, como algo que sempre me pareceu inalcançável, fora dos meus limites. Mas também no sentido de ser um trabalho um tanto quanto difícil, árduo e também prazeroso como é a vida. É desses pensamentos cotidianos, elucubrações diárias sobre a pesquisa, a vida, a dissertação, o mestrado, meu caminhar, minha família, tudo junto numa mesma convergência que nasce este texto, proposto na disciplina Processos de Investigação em/com/sobre artes visuais, que cursei no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB, com as professoras Fabiana Vidal e Maria Betânia e Silva, na tentativa de provocar um olhar para esse caminhar, ou descaminhar, como sendo uma potência no pensar/fazer pesquisa.

Considero que desde meu encontro com a professora Rosângela Tenório de Carvalho na disciplina de teoria curricular no curso de Pedagogia do centro de educação na UFPE que me desloquei para um lugar outro. Costumo dizer que meu encontro com ela foi um acontecimento. As discussões sugeridas por ela me fizeram buscar uma tentativa de desnaturalização do meu olhar, do meu sentir, de perceber a pesquisa – e a própria vida.

A partir das provocações da professora, que depois se tornou orientadora (e hoje amiga), comecei a me debruçar em temas caros à minha pesquisa. No curso de pedagogia comecei a analisar diversos artefatos culturais, filmes, histórias em quadrinhos, desenhos animados, brinquedos, brincadeiras e jogos infantis, sempre sob o enfoque de gênero e/ou sexualidade. Para mim, importava, e importa, pensar como e por que as pessoas se constituem de tal maneira, e não de outra. Questionar a existência dos polos, das dicotomias e binarismos. E sobretudo questionar a posição da mulher na cena social, cultural, política, econômica. A partir disso passei a pensar a noção de mulher, ou mulheres, a partir de autoras como Judith Butler (2017), bell hooks (2019a; 2019b; 2019c) e Guacira Lopes Louro (1997; 2010).

Ainda no curso de Pedagogia o encontro com a professora Thereza Didier também provocou deslocamentos, com ela, e com tantas outras mulheres e amigas potentes, produzi um filme curta-metragem inspirado na vida e obra de Clarice Lispector. O filme intitulado Clariceando inspirou um debate em torno da luta feminista na cidade do Recife-PE, e sobretudo da luta de mulheres em seus cotidianos. Em paralelo a isso, aconteciam movimentos que partiam de dentro da Universidade Federal de Pernambuco pela mobilização de melhoria de segurança, melhor iluminação, como uma tentativa de diminuir os casos de abusos e estupros ocorridos dentro da Universidade e em seu entorno. Partindo dessas inquietações, entre 2016 e 2017, começo a pensar no trajeto de todas essas mulheres que atravessaram meus caminhos dentro da universidade, mas também das mulheres que me atravessaram e me atravessam ao longo da minha vida, e também no meu trajeto enquanto mulher.

Parto desses deslocamentos provocados por Rosângela e Thereza para acessar minhas memórias e repensar minha trajetória a partir das tensões de vida da minha mãe, e de tantas outras mulheres que atravessaram esse percurso. Passei a refletir em torno das construções dos gêneros e pensar esses atravessamentos, de como essas questões me motivaram, por que gênero e artefatos da cultura?

Mikaela Vieira e Caroline Oliveira, amigas que o curso de Pedagogia me trouxe e que me ensinaram a refletir diariamente em torno da temática gênero e feminismos, foi com elas que compreendi sobre a importância de entender que o lugar de onde falamos se faz extremamente importante para compreendermos as trajetórias das outras com vivências diferentes das nossas. Deysiane Lopes, amiga querida que me deslocou inúmeras vezes ao longo de nossa história, compartilhando comigo de diversas lutas e anseios em torno do debate de gênero, Maria Carmelita, minha avó materna, mulher potente, viveu sozinha por longos anos, livre e independente, me ensinou ao longo de sua vida a importância de lutar, de brigar por liberdade e pelo direito de ser/estar o que, e onde, quiser. Cada uma dessas mulheres, com suas trajetórias, caminhos, encontros e desencontros me ajudaram no meu caminhar, no meu tornar-se mulher-pesquisadora.

Mas, além delas e tantas outras que não caberiam nesse texto, apresento a vocês leitoras: Maria Aldilene, para mim é minha “mamãezinha” mulher negra, cisgênero, viveu um relacionamento abusivo com seu primeiro companheiro, meu pai. Se separa dele e se reencontra nas artes plásticas. Torna-se artista. Se reinventa enquanto mulher e se faz escultora, produzindo obras em papel machê, inspiradas na cultura popular do carnaval de Olinda. Minha mãe adota o nome artístico de Aldilene Paz, sobrenome de seu atual companheiro, também artista, mas se descola da imagem do companheiro-artista, e se constrói artista pelas próprias mãos.

Tais experiências foram importantes para reflexões sobre a minha própria trajetória enquanto mulher e de outras mulheres do meu convívio social; a pensar como nossos caminhos estão carregados de padrões de gênero e sexualidade; sobre a subalternização dos sujeitos que fogem dessa lógica dicotômica (homem-mulher, masculino-feminino). e, também, a lançar um olhar curioso buscando entender como e por que esses padrões são estabelecidos na sociedade. A partir desses questionamentos, e dos atravessamentos das outras nos meus (des)caminhos e sobretudo inspirada na vida e obra de minha própria mãe, passei a pensar a produção artística de mulheres artistas

e artesãs⁹ como potência pedagógica a partir de uma pedagogia cultural de gênero como resistência e (re)existência. Entendendo a produção artística das mulheres do município de Tracunhaém-PE como possibilidade outra na constituição de se fazer mulher-artista com e a partir da arte. Considerando os atravessamentos possíveis e reverberações que tais obras podem suscitar tanto em quem produz o artefato, como para quem consome.

No caminhar das perspectivas das pedagogias culturais, parto do campo teórico-metodológico dos Estudos Culturais para pensar e refletir em torno das produções artísticas dessas mulheres, da Zona da Mata Norte de Pernambuco, considerando-as como sujeitas que foram subalternizadas no que se refere ao gênero, enquanto mulheres artistas-artesãs. Mas também problematizar a própria arte-artesanato produzido por elas vista como uma arte popular, não erudita e assim tentar uma (des)construção de que seria uma produção menos importante cultural e socialmente.

Referências

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Tradução: Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Tradução: Bhuvli Libanio. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019b.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019c.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

9 Não me refiro ao termo enquanto pequeno ou menos importante, mas com a intenção de valorizar as mulheres que assim se reconhecem enquanto tais.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

CARTA NÁUTICA SOBRE OS TERRITÓRIOS, EXPERIÊNCIAS E PROCESSOS

João Victor Pinto Baía



Ao refletir sobre a produção do memorial da pesquisa, tentei de forma visual representar os meus sentimentos sobre aquilo que eu pesquisei, mais especificamente sobre a minha experiência pessoal com o ensino e aprendizagem do desenho. Estudar sobre metodologias de ensino de desenho sempre foi algo que me motivou, mesmo que de forma indireta, principalmente pela experiência em estudar o desenho dentro da universidade. Ser instigado a reproduzir visualmente aquilo que antes eu estava observando em uma folha de papel, pareceu extremamente desafiador nos primeiros momentos, mas foram extremamente motivadores para aquilo que eu passaria a pesquisar no futuro.

Observando minha evolução enquanto artista ao longo de alguns poucos anos eu percebi como o estudo sobre o desenho é complexo e tão complexo quanto aprender é o processo de ensino a partir desse viés artístico. Dessa forma, minha pesquisa é uma forma de tentar compreender um dos infinitos caminhos que podemos navegar sobre esse processo de aprendizagem, através de uma abordagem mais pessoal e autobiográfica.

Assim, meu memorial de pesquisa representa a vastidão do mar de conhecimento, que busco conhecer cada vez mais. Os lugares nominados que foram apresentados, representam aquilo que busco, não como objetivos delimitados, mas conceitos que considero pertinentes, como “viver a experiência”, “acompanhar o processo” e “habitar o território”, conceitos que dialogam diretamente com a metodologia cartográfica, presente na minha pesquisa e que passou a ser uma forma, não só de investigação, mas de pensamento acerca daquilo que pesquiso e produzo. Portanto, pensar no tipo de escrita que será utilizada é uma forma de pesquisa também.

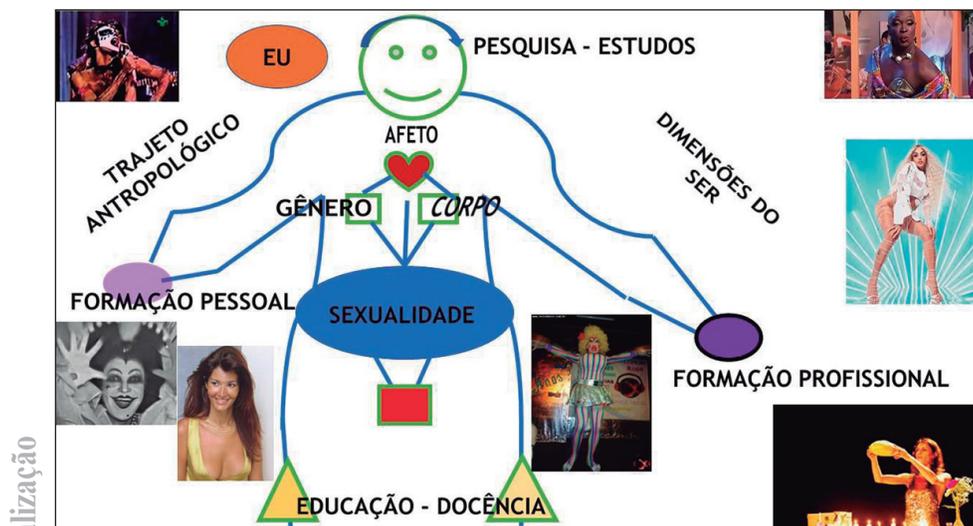
Refletir sobre uma escrita “biográfica”, “história de vida” ou “autobiográfica”, como Pineau (2006) exemplifica, é uma maneira de pesquisar e transmitir a informação sobre aquilo que está sendo pensado. Nesse sentido, minha pesquisa dialoga com um tipo de pesquisa autobiográfica, visto que ela é uma escrita sobre a própria vida e experiência, pois “a autobiografia representa um meio pessoal maior, e talvez incontornável, do exercício em um círculo diferente do ‘curva-se (fechar) reflexivo e do desdobra-se (abrir) narrativo” (PINEAU, 2006, p. 340).

Referência

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S1517-97022006000200009&lng=pt&tlng=pt.

CAMINHOS EM TRANS FORMAÇÃO

Luís Massilon da Silva Filho



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

No início da vida adulta jovem, com a entrada no curso de Psicologia, já cursando Letras em outra Universidade e vencendo com muito receio as determinações rigorosas de uma família dominadora que queria que eu fosse militar, começou-se o trabalho introspectivo de autoaceitação, autoestima e autoafirmação, conquistando minimamente que fosse, a autonomia de poder ser o que gostaria, o que me representaria e expressaria os desejos que se revolviam em meu íntimo.

Aproveitando o ensejo do curso de Psicologia, foram anos de análise e sorte minha ter essa possibilidade de acesso a meios aceitáveis de autoconhecimento. Assim, fui me apercebendo nessa “masculinidade” e enfatizando a condição homossexual e compreendendo que podemos ser muito mais que homens ou mulheres e que podemos, na vivência humana, estabelecer outras categorias de existência e reconhecimento identitário.

Nesse trajeto antropológico fui me inserindo em outros trabalhos e questões sociais e me aproximando cada vez mais do diálogo com as diversas formas de ser e existir das corporalidades, travestilidades e transexualidades. Uma de minhas ações como profissional e de cunho social foi o desenvolvimento de um projeto na cidade que vivo (Arcoverde-PE), em que, a partir do meu papel de docente do curso de Psicologia, abrimos espaço para atendimento de aconselhamento psicológico e psicoterapia breve, por alunes estagiaries, para pessoas LGBTQIA+, proporcionando uma maior proximidade com a vivência de corpos trans e seus procedimentos de constituição subjetiva.

O ingresso n’O Imaginário, Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura, na Universidade Federal de Pernambuco – Centro

Acadêmico do Agreste, permitiu-me dar uma nova dimensão de olhar, escutar, perceber, sentir o sensível que há muito parecia envolto em mim por uma capa masculinizadora e adormecida.

Acredito que pelo viés hereditário – minha mãe era artista plástica e professora de música, artes e desenho –, a arte esteve muito próxima dos meus projetos sociais, pessoais e profissionais, e sempre quando havia uma ocasião que permitisse, estava eu me inteirando junto a essas pessoas, dos seus modos de transformar-se, de performar-se, de caracterizar-se, de externalizar o afloramento de suas potencialidades transgressoras, artísticas e poéticas. Talvez, buscando ali, um resgate do meu feminino tão reprimido na infância e na adolescência. Permeia em mim, a necessidade de investigar, averiguar como os processos de subjetivação de pessoas trans se estabelecem, como seus corpos se constituem e fazem da arte um impulso para desmistificar papéis antes inviabilizados de serem existentes.

O que os corpos transmitem por meio da territorialidade vivida é foco de minha atenção enquanto pesquisador, de buscar aprofundar os termos de constituição da visibilidade trans por meio da arte, de forma a entender a suplantação de aspectos superficiais e passageiros desse devir, desse plano de consistência como retratam Deleuze e Guattari (1995).

Daí, existe em mim um sentir que me direciona a ir mais além do que está dito e posto no campo científico, há com certeza, espaço para novas interlocuções nesse campo da educação. Alguns estudos enfatizam que algumas possibilidades trans, apesar de aceitas, são ainda citações que se mantêm desgastadas, pelo fato de esse percurso de corpos trans ainda estar recheado de incidentes, imposições, negações e impossibilidades.

Por esta percepção busco aqui uma maneira de expressar as transições, as transposições e transgressões que esses corpos procuram estabelecer na visão psico-socio-educacional e artística de suas identificações.

Referência

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

A VIDA É UM CARNAVAL: a memória e a tradição do frevo na construção artística e cultural da família Moraes

Marco César de Oliveira Brito Filho



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

De que forma as histórias de vida se fazem presentes na construção de uma pesquisa? Respondo essa pergunta trazendo a temática da minha pesquisa. A memória e a tradição que foi criada por meu bisavô através de um legado artístico musical passou de geração em geração até a atualidade, logo por que será que estou investigando minha família? Sim, através da minha pesquisa, busco também desvendar de que forma os indivíduos que fazem parte da família puderam contribuir de maneira significativa para a arte da memória do meu bisavô, Edgard Moraes. A maioria dos familiares que até hoje perpetuam o legado dele são da área da música, porém eu, como futuro mestre em Artes Visuais, busco analisar essas histórias de vida através das imagens – fotografias, matérias jornalísticas, fontes visuais. Ao mesmo tempo em que crio minha pesquisa, construo visualidades a respeito de quem sou e qual a minha atuação diante da família, da academia e da sociedade a que pertencço.

Na construção do meu TCC, Valores do passado: um olhar fotográfico do Coral Edgard Moraes no carnaval de Pernambuco, orientado pela Profa. Dra. Maria Betânia e Silva que foi feito também a partir da mesma temática que sigo pesquisando no Mestrado em Artes Visuais, pude compreender o teor autobiográfico em uma pesquisa ao analisar imagens que eu construí e em muitas das elucidações produzidas eu podia me ver, tanto pelo fato de eu pesquisar a minha própria família, mas também pelo fato de trabalhar com a arte das imagens e das emoções que elas nos proporcionam.

Tudo isso que já foi explanado é defendido por Goldberg (2016, p. 57) ao refletir que “a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos”.

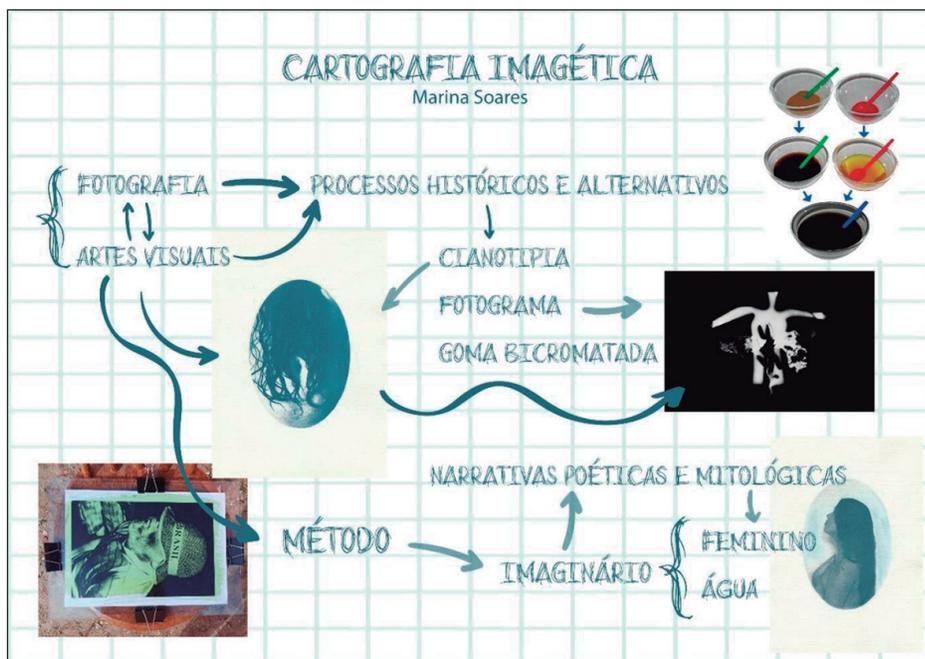
Através das leituras propostas, passamos a compreender que somos formadores de nossas escolhas. Os estudos autobiográficos, biográficos e as histórias de vida induzem a pensarmos de forma extremamente subjetiva. Através da arte, podemos compreender de uma maneira mais clara, por exemplo, por meio das imagens, das fotografias e dos relatos orais a nossa cultura, nossos gostos e quem nós somos. Ao avaliarmos tais prerrogativas, passamos a compreender territórios e a escrever nossa própria história. Eu vejo isso na construção da minha pesquisa que, ao demarcar um eixo temático a ser investigado, posso centralizar todas as minhas forças para desvendar os mistérios por trás da pesquisa. Sendo minha família a temática principal da pesquisa, torna-se fácil compreender as relações criadas pela proximidade e por estar dentro do meio, porém, a dificuldade é se colocar fora dela, ao criticar, ao eliminar traços para que a produção investigativa ganhe corpo.

Referência

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo**: Desenho Infantil e Biografização com Crianças em Situação de Acolhimento Institucional. 2016. 346 p. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Centro de Educação, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2016.

CARTOGRAFIA IMAGÉTICA

Marina Soares da Silva



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

Sou fotógrafa e artista visual. Utilizo a Fotografia com foco em processos históricos e alternativos como: fotograma, papel salgado, cianotipia e goma bicromatada, além da linguagem da videoarte. Minha pesquisa de mestrado é na área de Processos Artísticos em Artes Visuais e tem como objetivo geral: apresentar e discutir poeticamente sobre o conjunto das minhas obras em fotografia e videoarte realizadas através de processos alternativos de revelação e impressão fotográfica, onde a poética se funda nas narrativas míticas relacionadas a água e ao feminino. O referencial teórico parte dos pensadores do Imaginário: Gaston Bachelard (1998), Gilbert Durand (2012) e Danielle Rocha Pitta (2017).

Minha relação com a fotografia é antiga, meu primeiro contato com ela se deu através de álbuns de família – rever momentos dos quais não mais lembrava e, aqueles que nem mesmo havia vivido era algo prazeroso. Com o passar dos anos essa relação se tornou mais íntima. Passei a sentir o desejo de capturar momentos através da minha perspectiva, com traços de poesia. Lembro-me que entre os 10 e 12 anos de idade fiz minhas primeiras fotografias com uma câmera analógica, registrando o entusiasmo da minha irmã vestida de roupas estranhas posando pelos cômodos da casa, um filme que não foi revelado. Mais tarde ganhei uma câmera digital da qual voltava sua lente frequentemente para meu ambiente familiar e paisagens rurais.

Durante a Graduação fiz estágio no Laboratório de Fotografia do Agreste – FotoLab, lá conheci os processos históricos e alternativos em Fotografia, que me proporcionaram uma visão mais ampla do que é a fotografia, um tempo diferente do comum. Desde então tenho explorado essas técnicas em sintonia com minha poética que tem se estruturado nas narrativas míticas e nas pesquisas sobre o imaginário, bem como nas questões sobre identidade e memória afetiva. Busco atingir uma dimensão estética e provocar emoções através do belo e do sensível. A fotografia para mim é a representação imaginária do mundo real e dos sonhos, das nossas intimidades e visões de mundo. A poesia motiva meu olhar, seja ela escrita, visual ou sonora.

Em minha pesquisa, trago a fotografia como visão de mundo, guiada pela pesquisa e escrita autobiográfica. A pesquisa autobiográfica faz uso de novas oportunidades e expressões metodológicas das quais a ciência tradicional não dá conta, pois nela o indivíduo se exime da neutralidade, do predomínio da razão e o distanciamento entre pesquisador e objeto de pesquisa. A escrita autobiográfica enquanto narrativa, dá sentido às minhas experiências pessoais, funciona como uma lente por meio da qual reconheço o significado de tais experiências e percepções, observando como elas atuam como partes de um todo.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**: Ensaio Sobre a Imaginação da Matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

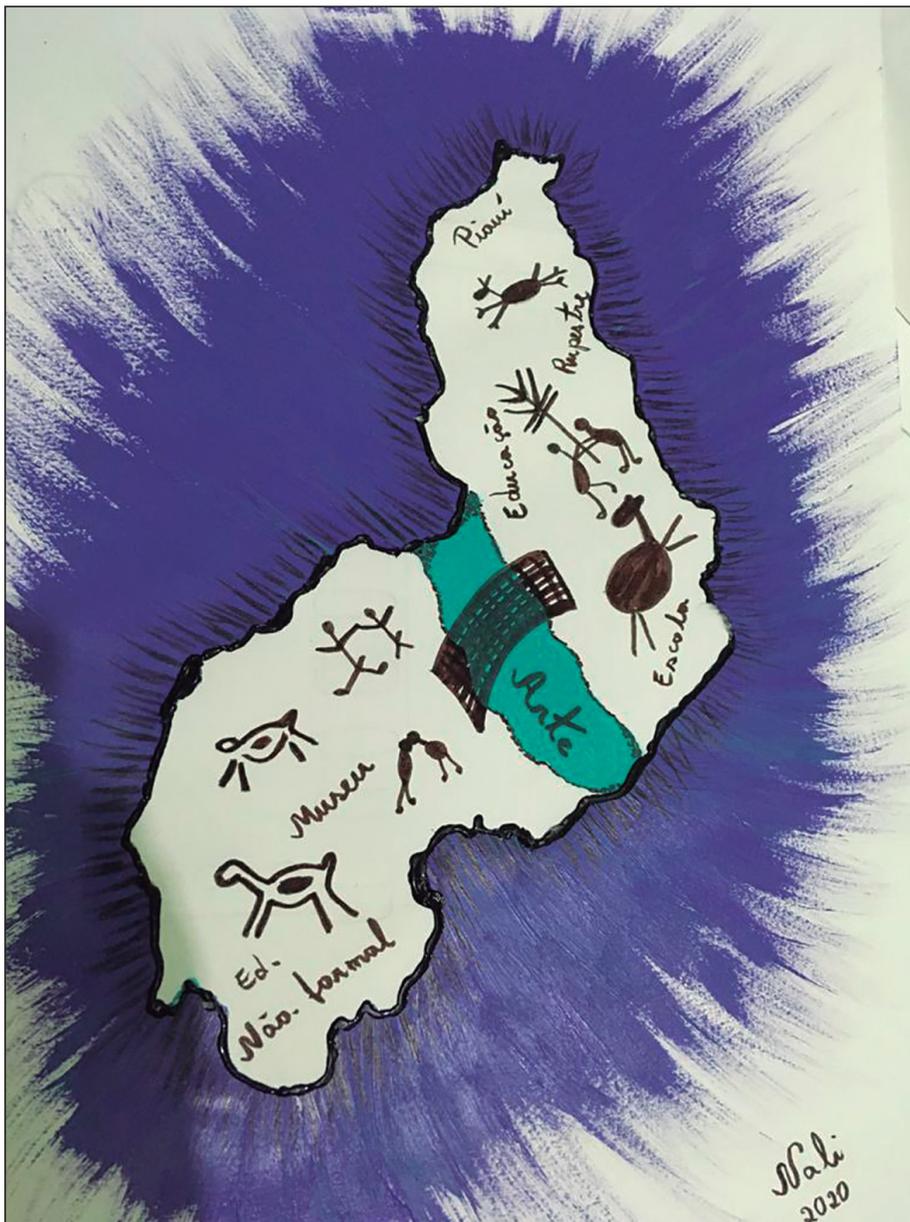
DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: Introdução à Arquetipologia Geral. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

CAMINHOS ENTRELAÇADOS: museu e escola

Naliana da Silva Mendes

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização



A pesquisa em desenvolvimento tem por tema “O Museu do Homem Americano como instrumento de ensino e aprendizagem da arte rupestre em São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil” e tem como sujeitos, professores de Arte e alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, mais especificamente, do nono ano, da rede municipal da cidade de São Raimundo Nonato.

O referido estudo visa analisar a influência do Museu do Homem Americano como instrumento no processo de ensino e aprendizagem de arte rupestre na cidade de São Raimundo Nonato no Piauí, Brasil. Dentre as motivações que impulsionam o desenvolvimento da pesquisa, destacamos três delas: 1. O estudo apresenta-se como extremamente relevante para a prática docente da pesquisadora, tendo em vista, que a proposta de análise do museu como ferramenta de ensino e aprendizagem atravessa sua trajetória docente; 2. Pela possibilidade de expansão das produções acadêmicas acerca do Museu do Homem Americano, tendo em vista a atual escassez de produções no campo científico que o tragam como referência; 3. Pela possibilidade de acesso aos espaços culturais por um número considerável de visitantes, ao estimular o contato entre a escola e a instituição museu.

Ainda na perspectiva da análise da referida pesquisa, cabe um breve comentário acerca da imagem que foi produzida para representar a mesma. Na produção trazemos o mapa do Piauí, local onde a investigação se realiza. Como o estudo versa sobre o ensino da arte rupestre, foram inseridos alguns grafismos que fazem referência às pinturas encontradas no Parque Nacional da Serra da Capivara. E por fim, as palavras que permeiam a pesquisa como, por exemplo, museu, educação não formal, escola, educação, arte rupestre.

No que se refere à coleta de dados, é importante destacar que a pesquisa busca compreender o que pensam professores e alunos das escolas municipais de São Raimundo Nonato, por meio de questionários com questões abertas e fechadas. Tal questionário, no tocante aos docentes, será direcionado para traçar o perfil dos mesmos, como, por exemplo, entender se durante sua formação desenvolveu o hábito de frequentar museus ou centros culturais, o que conseqüentemente resultaria em práticas profissionais que valorizem esses locais como espaços de conhecimento. Do mesmo modo, os questionários voltados para os discentes, buscam traçar o perfil dos mesmos, procurando desvendar se esses já tiveram ou não, algum contato com a instituição museu ou com o Museu do Homem Americano.

Outro ponto a ser levantado, faz referência à delimitação da pesquisa apenas com escolas públicas de São Raimundo Nonato, destacamos como critérios de exclusão, as escolas particulares e as escolas da rede pública da zona rural, dada a dificuldade de acesso a estas.

Desta maneira, a pesquisadora busca compreender a relação escola e museu, na atualidade, pois enquanto discente da rede pública de ensino, tanto no nível fundamental como no médio, essa era uma prática escassa e podemos afirmar, com certo grau de convicção, de que era nula. Porém, ao visitar o Museu do Homem Americano, percebeu-se que um espaço rico em conhecimento não poderia passar despercebido pelas instituições de educação formal. Neste sentido, desperta o interesse em aprofundar os estudos acerca dessa relação e buscar compreender como as escolas da região, mais precisamente professores da disciplina de arte, veem o Museu e como fazem deste um espaço de aprendizagem para seus alunos.

Quando escrevi sobre os elementos disparadores da minha pesquisa, meu pensamento ainda estava em elementos próximos ao tempo em que eu falava, que na minha visão teriam sido o que me levou a pesquisar sobre isso.

Expressão e criatividade. Por que pesquisar sobre isso? O que eu tinha em mim, da minha formação docente na universidade, das minhas aulas durante a infância e adolescência que poderiam despertar o desejo sobre compreender o que existe na expressão e criatividade das crianças?

Fui voltando no tempo. Cheguei em 1997, meu nascimento. Alguns dias antes da aula sobre autobiografia, eu conheci um documento que foi escrito quando eu nasci que, segundo minha mãe, foi um cálculo astrológico de acordo com minha data de nascimento. Uma projeção do que seriam algumas características minhas e possíveis aproximações com algumas áreas. Passei 23 anos da minha vida sem conhecer esse documento e algumas frases do texto me deixam curiosa: não gosta de ser restringido por ninguém; você normalmente sobressai nas áreas ligadas às artes.

Essa primeira frase imediatamente remeteu aos meus professores de artes na escola e mais especificamente, a um deles sobre o qual tenho mais lembranças. O professor tinha uma didática de “pôr a mão” nas nossas produções durante a aula, para nos ajudar, ou ensinar alguma coisa. Essa escola que estudei era particular, em uma cidade pequena do interior de São Paulo, onde pensamentos conservadores eram bem comuns. O professor, nas minhas memórias, tinha sido formado pela escola de belas artes de São Paulo, muito ligado à técnica artística, que dominava perfeitamente. Penso que em função disso, quando eu fazia meus desenhos e pedia por ajuda, do tipo “professor, como eu desenho isso?”, ele fazia para mim. Isso me incomodava um pouco. Quando percebi esse tipo de movimento fui me esquivando de pedir ajuda, fazendo sozinha, porque meu desenho era meu desenho. Se o professor desenha para mim, não é meu. E eu tinha capacidade de fazer sozinha, assim como todas as pessoas têm. Essas práticas de “fazer” nos desenhos dos outros, desde então, segue me incomodando muito.

Nessa cadeia de pensamentos, chego ao ano de 2019, quando me encontrava docente de artes visuais, em uma ONG de Recife. Minha trajetória me tirou da cidade pequena, a universidade me afastou dos pensamentos conservadores e academicistas de ensino da arte e agora eu estava ali, sozinha, no mesmo papel de professor que eu tanto questioneei na minha formação na escola.

Juntei todas as ideias revolucionárias de ensino de arte que aprendi na universidade e criei um plano de ações que seria minha regra de atuação. O primeiro aspecto que levei para os estudantes foi a ideia de que não existe feio, bizarro, estranho, exótico ou todas as outras palavras que eles usavam para não dizerem “feio”. Minha intenção era me afastar de ouvir frases como “meu desenho está feio”, “seu desenho está feio”. Na minha aula não usaríamos essas palavras. O segundo aspecto: está com dúvida de como fazer? Eu te ensino, mas não faço por você, pois você é capaz de fazer sozinho, do seu jeito. Não existe perfeito, existem várias formas de olhar para determinada coisa. Por fim, evite dizer: não sei, não consigo. Essa última foi a mais difícil para que os estudantes assimilassem, mas ainda assim eles estavam aprendendo a lidar com essa outra forma. Acontece que algumas crianças estavam muito condicionadas a pedir que eu fizesse, ou que o amiguinho fizesse, ou copiar do

amigo. Ou ainda, fazer o desenho e olhar para o desenho do lado e depois amassar tudo ou riscar tudo. Eu fiquei muito triste e intrigada com isso. Frases como “não consigo” eram comuns. Desenhos muito parecidos a figuras estereotipadas, muito parecidos entre si. E essas situações foram plantando dúvidas em mim. Sobre como a expressão e a criatividade deles ocorria e como eu poderia trabalhar para incentivar, sem fazer por eles. Trabalhar para dar autonomia expressiva, segurança, para que eles pensassem além dos desenhos estereotipados.

Cheguei aqui, no mestrado, pesquisando sobre a criatividade e expressão plástico- corporal de crianças em vulnerabilidade social. Buscando responder não só algumas questões junto e sobre as crianças, mas minhas próprias questões.

Minha cartografia memorial é um mapa, mas é uma árvore também. Porque não queria só indicar caminhos, mas trazer raízes, trazer trajetórias que me trouxeram aqui.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

CAMINHO DE PEDRAS SOBRE O MAR

Patricia Correia Vilela da Silva



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

Quando paramos para refletir sensivelmente sobre nossas experiências, descobrimos a imensidão de sentimentos vividos. Em minha cartografia trago um caminho de pedras sobre o mar e assim como a imensidão do mar e toda nossa experiência não podemos enxergar além do horizonte, precisamos apenas seguir em nosso caminho de pedras sobre esse mar. Trago nessa representação alguns fragmentos de “relatos de vida” que me ajudaram a entender meu próprio caminho e assim me sentir mais confiante para dar os próximos passos.

Muitas coisas nos passam pela cabeça em nossa jornada, insegurança, medo, que reflete um mar agitado mas, também podemos nos deparar com o mar calmo e brilhante e com isso nos despertar a sensação de confiança, de alegria mas nunca de segurança pois o próximo passo mesmo que bem planejado será sempre uma surpresa.

É pensando nessa imprevisibilidade de percurso, na formação docente e principalmente, diante do contexto pandêmico que essa investigação busca compreender as (re)invenções e (re)organizações da formação inicial da licenciatura em Artes Visuais da UFPE no contexto da pandemia a partir das práticas vivenciadas. Sabemos que muitas reorganizações e adaptações foram feitas no processo ensino-aprendizagem e que a tecnologia se tornou a espinha dorsal desse percurso e é importante refletirmos sobre as ações que estão sendo tomadas para podermos sair desse período com perspectivas melhores sobre a educação.

Para entender melhor essa esfera tenho como objetivos específicos: investigar as ações de ensino realizadas no contexto pandêmico; conhecer a partir de narrativas (auto)biográficas as inquietações dos sujeitos, discentes e docentes, no contexto pandêmico; Identificar as transformações, (re)invenções e (re)organizações das práticas vivenciadas no contexto pandêmico.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

UBUNTU

Rennan Mendes dos Santos



Querer teorizar sobre o afrofuturismo é uma condição que extrapola a minha existência enquanto indivíduo. O olhar a partir de uma existência individual não contempla a relação social estabelecida com o tema e a proposição política na luta pela humanidade.

Na cosmologia africana nós não somos vários e sim um. Essa condição dos indivíduos enquanto unidade reflete as influências do sistema colonial e da não condição de criação das nossas próprias histórias. Mas, o ser um ao invés de vários não exclui nossas subjetividades, mas as formas como lidamos com as consequências geradas pelo sequestro dos nossos ancestrais e nossa condição de vida na diáspora africana. O que nos torna coletivo, nessa condição de diáspora, é a dor gerada pelo racismo. Uma concepção genocida que nos coloca em pé de igualdade na condição de morte, tanto matada quanto simbólica, aos nossos corpos semelhantes. É o que Ciconello (2008) define como “corpo matável”, imerso na invisibilidade e na naturalização do ato fúnebre.

Se a biografia é uma metodologia que busca, a partir do individual enxergar o coletivo, a nossa coletividade biográfica, histórica e autobiográfica grita pela individualidade.

Um corpo invisível em transe no espaço é um corpo negro no chão estirado, coberto por guarda-sois, jornais, papelão... é um corpo morto no chão e a vida que continua mergulhada na naturalidade e cega para as estatísticas. Quando um negrx fala, os seus ancestrais e descendentes falam juntxs!!!

O afrofuturismo é uma condição biográfica, é uma história de vida, é uma autobiografia coletiva de uma vida marcada pela invisibilidade dos corpos. Como ser indivíduo se nossa humanidade não é nem “coletivada”? Destaco nesse questionamento as memórias/incômodos existenciais sobre a coletividade negra pelo viés valorativo que quase nunca é propagado pelos espaços de poder.

Pensar em um futuro, um futuro que nos é negado é manter viva nossa biografia ancestral, é possibilitar a propagação da nossa memória atravessando a barreira do

tempo da diáspora contemporânea. É por isso que sempre será Ubuntu! Ubuntu é uma filosofia africana que tem por origem o conceito do “*Eu sou porque você é*”. Esse conceito tem origem nos povos bantos de origem africana subsaariana que sofreram com o processo de diáspora e escravização colonizadora, inclusive sequestrados para trabalho escravo no Brasil. Ubuntu nos diz que para sermos seres humanos temos que respeitar uns aos outros, pois o que me faz existir é a existência do outro. Assim quero que minhas confluências permeiem tantas outras nas trocas transatlânticas que nos fazem ser negros em diáspora. Mas, que também seja uma condição pautada na humanização dos corpos e no respeito ao diferente, ou não negro.

A produção narrativa sobre as trajetórias culturais nos espaços acadêmicos tem tomado outro viés de interesse em busca de novas formas de valorização das individualidades e suas ações.

Os estudos sobre biografia têm início em XVIII embasados na onda crescente da revolução epistemológica para além do quadro da epistemologia clássica, buscando dar visibilidade e voz ativa às subjetividades em seus contextos sociais.

A reapropriação dos espaços de poder, como o pensar/refletir sobre si, é uma condição basilar de legitimação da própria vida fincada na pesquisa-ação- formação. Os anos de 1980 foram fundamentais para um aprofundamento nessa nova forma de analisar o mundo a partir do individual e estendeu-se em gêneros distintos, mas com a mesma finalidade: biografias, histórias de vida e autobiografias. Este último com a particularidade dispensável do interlocutor na pesquisa, sendo o autor narrador de sua própria existência. Pineau (2006) diz que na história de vida, o autor é o próprio agente da pesquisa atravessado pelo tempo. Assim como para Ferrarotti (1991), o narrador é o sujeito-pesquisador- intérprete da pesquisa. Já a biografia é a história de um indivíduo produzida por outro, um pesquisador externo como interlocutor da voz do biografado.

Referências

CICONELLO, A. O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. In: OXFAM INTERNATIONAL (org.). **From poverty to power: how active citizens and effective states can change the world**. Londres: Oxfam International, 2008.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico (Dossier «Biografia e Patrimônio»)**. Editora CIES-ISCTE, 1991. p. 171-177. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1239>. Acesso em: 9 nov. 2020.

GOLDBERG, Luciane Germano. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n. 2, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022006000200009>. Acessado em: 9 nov. 2020.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200009&lng=pt&tlng=pt.

ARTEDOSCORPOS EM MIM

Ridelda Barbosa de Moura

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização





Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização





Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização





Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização





Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização



E os meus pensamentos são todos sensações. Penso com os olhos e com os ouvidos, e com as mãos e os pés, e com o nariz e a boca. Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la e comer um fruto é saber-lhe o sentido. (PESSOA, 2010. p. 51-52).

Na minha lembrança mais antiga de atravessamento com as questões de arte, lembro-me de desejar brincar carnavais, para seguir as troças carnavalescas, e lembro-me de ter visto o Boi Tira Teima pela janela de casa, mas não pude segui-lo.

Na adolescência estudei música clássica (viola clássica) mas, tive que parar para trabalhar, também lembro de ter feito dança e teatro por quase 10 anos. Agora, imersa no mundo artístico, descobri nas artes plásticas, ênfase no Origami, a minha maior paixão nas facetas artísticas.

Esta mulher, agora vestida de arte, tinha um sonho de se graduar numa universidade pública e ele se tornava mais longe a cada ano. Primeiro porque os concursos eram massacrantes para quem era oriunda de escola pública, já que eram 4 dias de provas, um processo que só fortalecia a dualidade do acesso ao ensino. Também, porque eu tinha que me dividir entre trabalhar e estudar. Mesmo assim não desisti deste sonho, o qual só consegui realizá-lo quando um presidente olhou para o interior e decidiu criar universidades ali.

Eu queria cursar “Artes Plásticas”, mas me inscrevi para Pedagogia, já que o curso que queria era uma realidade apenas na capital. Passei, descobri que amava a profissão, afinal já dava aulas para crianças e adolescentes desde bem mocinha, e mais que a profissão, aprendi a gostar de pesquisar. Entrei na universidade dizendo: Vou pesquisar arte! Mas não tive a sorte de encontrar pessoas que me conduzissem a isso, e segui trilhando outros caminhos.

Na universidade, percorri todas as suas instâncias: ensino, pesquisa, extensão, movimento estudantil, congressos, dificuldades, sorrisos e muita tristeza, quando um dos meus amigos se foi no auge da sua juventude por homofobia. Mas é preciso dizer que estes amigos a fizeram amar ainda mais a arte, a cultura popular, os festejos de São João e, principalmente, o carnaval, pois juntas viveram os melhores carnavais.

Ao sair da universidade, com sonhos de mestrado e doutorado, cursei uma especialização em Educação e Direitos Humanos, que me fez compreender o sentido de respeitar o outro, independentemente de qualquer condição. Passei alguns anos longe da academia, parte por medo de achar não ser capaz, parte por justificar com base em experiências de outres que era uma vida de renúncias, parte por imaginar que se fosse para estudar coisas que não me trouxessem para perto do sensível e da arte, não as queria.

Me tornei mãe e com a maternidade desejei resgatar uns sonhos esquecidos com o tempo, a fim de mostrar para minha filha que ela deve sempre acreditar e buscar realizar seus anseios. Retornei à universidade, agora no mestrado, e o melhor, unindo o amor à arte, a cultura e educação.

Num curto período, a artista se descobriu. Sim, artista, pois descobri que, de fato, era artista quando li da escritora que “Artista é espécie de gente que nunca vai deixar de ser criança” (FALCÃO, 2003) e nas lembranças da menina que “brechava” escondida o Boi na janelinha da sua casa, e se deparou com um fato: ela sempre foi apaixonada pelo “Boi Tira Teima”.

Permita-me cantar um trecho de uma apresentação do “Boi Tira Teima” que me faz unir todas as mulheres anteriormente apresentadas, envoltas aos sonhos de cada uma delas: “Na entrada da porteira eu levei uma carreira, d’um boi preto e branco, chamado Boi Tira Teima”. Hoje, sou a mulher pesquisadora que encontrou no “Boi Tira Teima” a satisfação de poder se debruçar nas teorias, a partir do trabalho realizado por eles, mas também a partir das sensibilidades.

Referências

FALCÃO, Adriana. **Pequeno dicionário de palavras ao vento**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

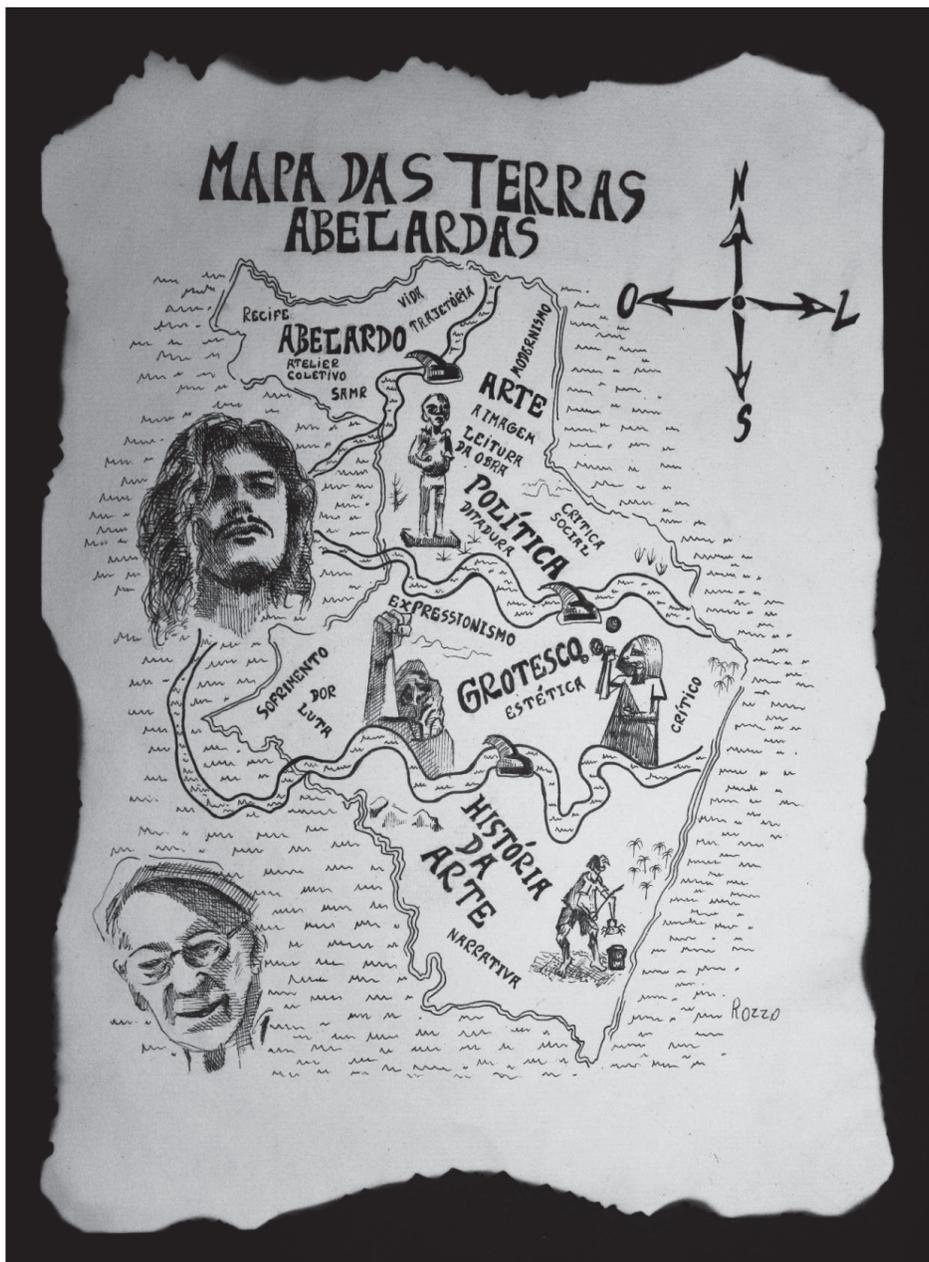
PESSOA, Fernando. **Poemas de Alberto Caeiro: obra poética II**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

MAPA DAS TERRAS ABELARDAS

Rosalvo Felisberto de Oliveira Filho

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização



Para realização da minha pesquisa, elegi as obras de Abelardo da Hora, principalmente aquelas que dialogam com a estética do grotesco, como fonte para as minhas reflexões. Levei em conta, para escolha desse recorte, minha relação com a arte, os estudos da Estética, História da Arte e também as relações sociais e políticas presentes nessas produções artísticas e as formas que dialogam com estas.

Considero importante ressaltar que minha escolha temática representa também um posicionamento político e estético. Parto de reflexões políticas e sociais suscitadas pelas obras de Abelardo da Hora, para construir um raciocínio que se relaciona à pesquisa no campo da História da Arte. Percebo que vários elementos influenciaram o meu contato com as produções do artista, como o fato de eu ser residente da cidade do Recife, onde tive vários contatos com as obras dele, as quais sempre me chamaram atenção justamente pelo teor de denúncia sobre o cenário social da cidade. Ainda destaco que antes mesmo de iniciar a pesquisa já percebia, nas representações artísticas de Abelardo, a presença de uma intensa desigualdade social, indivíduos em situação de extrema miséria que se encontram à margem da sociedade.

Outro aspecto importante para a minha escolha é o fato da permanência no cenário contemporâneo de vários desses elementos denunciados pelo artista em suas obras. O pensamento político conservador e a ditadura militar também foram situações contrapostas pelo artista, que foi alvo, principalmente na década de 1960, de censura e perseguição do regime militar daquele momento. Abelardo foi um grande ativista pelos direitos à liberdade artística, intelectual e individual, de forma que as reflexões sobre suas obras, tornam-se importantes até mesmo nesses momentos atuais. É importante ressaltar que atualmente temos um avanço do pensamento político conservador, incluindo manifestações públicas pelo retorno da ditadura militar e até mesmo cerceamento de direitos adquiridos. Enxergo, desta forma, uma forte possibilidade de diálogo entre as produções de Abelardo da Hora e a situação política e social na qual estou inserido.

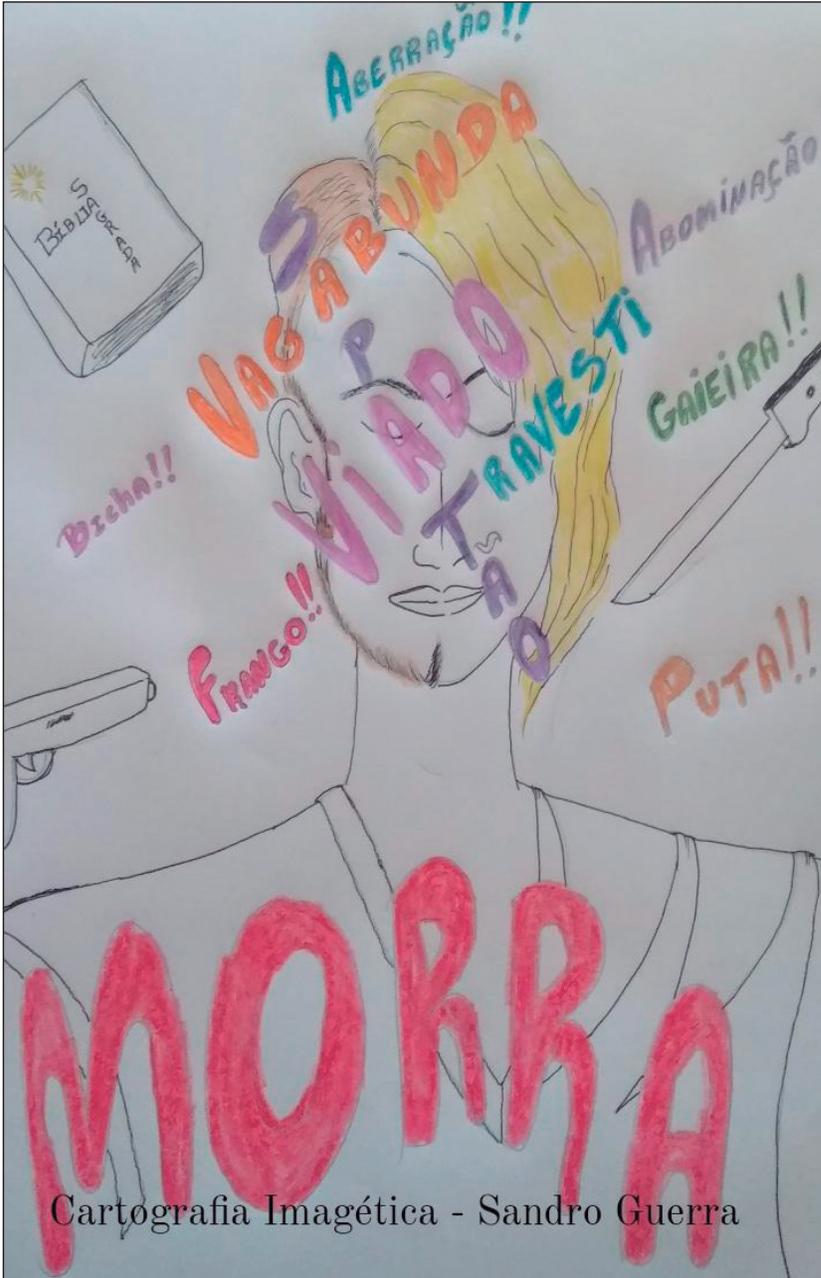
Ressalto também a relação estética que tenho com as produções do artista, já que seus trabalhos chamam minha atenção em função do seu expressionismo e da forma como as figuras exprimem sentimentos como angústia, dor e sofrimento. Busco, em minha pesquisa, estabelecer uma relação entre a estética do grotesco e as produções artísticas de Abelardo da Hora, bem como refletir a forma como este utilizava o grotesco como instrumento de denúncia política e social. É preciso deixar claro que esta é uma leitura pessoal, já que o artista não fazia referências ao termo “grotesco” quando refletia sobre suas produções. Apesar de ser uma reflexão minha, me baseio em autores que dissertam sobre a estética do grotesco para desenvolver o diálogo entre esta categoria e as produções artísticas de Abelardo. Ao longo do meu percurso acadêmico, desenvolvi interesses nas disciplinas de História da Arte, principalmente a História da Arte de Pernambuco, como também nos estudos em estética, de forma que esta pesquisa sobre Abelardo surge como uma oportunidade de estudar e aprofundar esses temas que me intrigaram ao longo do meu percurso acadêmico e pessoal.

A partir desses elementos, entendo a influência do meu percurso biográfico na minha pesquisa e principalmente a narrativa com a qual venho construindo minha escrita, já que os elementos a serem estudados, refletidos e desenvolvidos, possuem uma forte relação com meu percurso antropológico e acadêmico e não existe a possibilidade de dissociá-los do processo da pesquisa.

MORRA

Sandro Gonçalves Guerra

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização



Cartografia Imagética - Sandro Guerra

A leitura dos textos acerca do método biográfico nos leva a uma espécie de desequilíbrio, uma saída da zona de conforto, mas que ao mesmo tempo nos abre perspectivas e outras nessa frente de trabalho para a pesquisa. Inicialmente, gostaríamos de situar tal método historicamente. Em seu texto “As Histórias de Vida em Formação: Gênese de uma pesquisa-ação-formação existencial”, Gaston Pineau nos diz:

Três períodos se destacam na história do movimento das histórias de vida de 1980 a 2005: um período de eclosão (os anos de 1980), um período de fundação (os anos de 1990) e, finalmente, um período de desenvolvimento diferenciador (os anos de 2000, cf. Quadro 1). Aqui fazemos um sobrevôo histórico sobre a emergência das práticas de trabalho com histórias de vida nesse período (PINEAU, 2006, p. 3).

Isto já nos deixa claro o quanto essa metodologia é jovem e no texto ele ainda nos traz informações bem inquietantes como, por exemplo, uma corrente que defende que essa metodologia não passa de uma “ilusão biográfica”, apesar de outra corrente tratá-la como “revolução biográfica”.

No entanto, com o avançar das leituras, começamos a perceber que além de não ser tão simples quanto parece à primeira vista, é de fato um método que busca para si instrumentos de validação, e que ocupa um lugar de destaque nas ciências sociais como a antropologia, sociologia, história, educação e até mesmo a administração de empresas.

O que nos parece é que o método consiste em relatos da vida cotidiana, acontecimentos biográficos de determinado indivíduo ou grupo – nosso objeto de pesquisa – e que nós podemos trazer esses relatos bem como combiná-los com os dados do grupo do qual esse indivíduo faz parte. Ao fazermos isso, podemos vislumbrar como esse indivíduo se relacionou ou como se relaciona com o grupo porque, para o método, um dado muito importante é esta subjetividade do indivíduo, bem como a experiência em si e a experiência provocada pela subjetividade, o que, levanta várias e várias outras questões.

Pesquisar a violência de gênero nos anos finais das escolas municipais públicas do Ipojuca, onde atuamos enquanto professor de Arte, dialoga com inquietações diversas e múltiplas de nossa biografia, de nossa história enquanto aluno, educando, ser aprendiz que viveu os últimos anos da ditadura militar em uma escola pública que, inclusive, era dirigida pela sobrinha de um general. Ou seja, que ali estava em função do seu grau de parentesco e que dizia a todo momento: “A minha escola”. Logo, quando pensamos nosso tema e universo de pesquisa, nos deparamos com memórias desta vida estudantil, na virada dos anos 1970 para os de 1980, no ginásio – era essa a nomenclatura usada naquele contexto – de uma escola pública estadual de Pernambuco, em Recife, no bairro de Beberibe, onde meninas eram ridicularizadas pelos meninos apenas por serem meninas, onde meninos que apresentavam qualquer traço afeminado viravam chacota e eram agredidos verbal e fisicamente. E, hoje, quarenta e quatro anos depois, agora na condição de professor, ainda me deparo com cenas muito semelhantes, com comportamentos discriminatórios e preconceituosos por parte de alunos/as, professoras/as, gestores/as, funcionários/as de todos os níveis que agridem ou silenciam diante de agressões por motivação das diferenças de gênero, ancorados por discursos moralistas e/ou religiosos.

Quem, de nós profissionais da educação, nunca se deparou com uma cena de homofobia dentro da escola ou com uma cena de machismo e tentativa de silenciamento de alunas por alunos? Quem de nós nunca se deparou, na sala dos professores/as, com colegas fazendo piadas de cunho machista, sexista, homofóbico? Quem de nós nunca presenciou alguém da equipe pedagógica da escola usando discursos religiosos ou a palavra de Deus para respaldar seus preconceitos de gênero ou sua postura patriarcalista?

Não há como não estabelecer vínculos diretos entre nosso desejo de pesquisa, entre nossas motivações de pesquisa e nossa biografia, pois tudo está ligado à educação, à formação, ao desejo de justiça e cidadania, e é aqui que temos que redobrar nossa atenção e cuidado para que estejamos alertas e atentos à coleta de dados de nossos sujeitos de pesquisa, pois naturalmente todo ser humano tende a esconder sua sombra e mostrar para o mundo como ele/a quer ser visto/a, além de tentar racionalizar para justificar suas atitudes e condutas, ainda que essa racionalização passe meramente por questões de uma cosmogonia, moralismo ou falso moralismo. Cabe ao/a pesquisador/a estar atento a isso e inclusive se incluir nesse processo, caso contrário, a metodologia vire a tal *ilusão biográfica* citada por Pineau (2006). E como não cair neste erro? Como não produzir a tal *ilusão biográfica*? Checando as informações coletadas através de outras fontes. Assim sendo, esse referencial nos faz entender que, ao pensarmos na pesquisa em desenvolvimento no PPGAV UFPE/UFPB sobre as questões de gênero nas aulas de Artes dos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública do Ipojuca – PE, além de coletarmos os dados por meio de entrevistas com professores/as, faz-se necessário buscar também em outras fontes, a exemplo das questões normativas das escolas e das práticas dos/as professores/as, de modo a buscar compreender como e se vem acontecendo o enfrentamento das questões de gênero no contexto em tela.

Referência

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S1517-97022006000200009&lng=pt&tlng=pt.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

ABRINDO UMA CARTOGRAFIA ACADÊMICA: para não me esquecer de caminhar

Thais Leandro Cavalcanti

2014: Agosto de 2014 - me graduo em Comunicação Social/Jornalismo (UFPE), após apresentação da monografia: **"O pornô saiu do armário: a resignificação do gênero pornô a partir dos filmes da Erika Lust"**, sob orientação da Prof^a Dr^a Fernanda Capibaribe. Cresci profundamente como profissional e ser humano com Fernanda. Fui incentivada pela banca (composta pelo Prof^o Dr Thiago Soares e o pesquisador Guilherme Gatis) a continuar a pesquisa sobre a relação da pornografia com o feminismo.

2015: Começo a fotografar e considerar a ideia de um mestrado. Entro no Instituto Candela e fui transformada pela **foto g r a f i a** e pelas reflexões do prof. Ivan Alecrim, que sempre incentiva o estudo da **História da Arte** às alunas/os.

2018: Entro numa pós-graduação em **Estudos Cinematográficos**, na UNICAP. Uma das cadeiras que tive mais apreço chamava-se **Cinema e Artes Visuais**, ministrada pelo Prof^o Dr. André Antonio. Começo a dar forma à minha pesquisa que, à princípio, seria sobre a estética dos filmes de **Erika Lust** (produtora espanhola de filmes **pornôs independentes**).

2019: André torna-se meu orientador na pós-graduação. Fui incentivada a prestar mestrado para mais de um programa. Tentei no PPGAV, então, pelo desejo de estudar estética com um novo olhar. Em dezembro, comemoro a entrada no mestrado.

2020: difícil brincar de intelectual numa pandemia - mas tive a sorte de cruzar com profissionais e seres humanos maravilhoso neste interim. Com o Prof Dr. Marcelo Coutinho, encontro um orientador que me estimula no projeto e me respeita. Não foi um ano fácil para ninguém, e cresci como indivíduo e também especialmente por ter entrado no mestrado de Artes. Cada professora tem sua influência (in)direta na pesquisa. Por fim, o esqueleto do projeto **"Quando a América Latina pode ter uma língua queer que fala, crítica e goza? - O estilo e riscos pornográficos em três ficções filmicas com cenário brasileiro"** tem tomado rumos que acredito e confio. Espero que o resultado pareça um lar a se habitar à/ao leitor/a, tal como tem sido para mim.

Final de 2015: meu projeto de pesquisa não é aprovado no PPGCOM/UFPE. Para minha surpresa, porém, passei e com uma ótima nota no PPGCOM/UFF. Corri para Niterói, estudei para a prova e passei na segunda etapa com uma nota ainda melhor - aparentemente o suficiente para conseguir uma bolsa em outro estado. No entanto, não passei na terceira etapa (entrevista), mas me animei com o simples fato de perceber que minha pesquisa era **uma pesquisa possível!**

podemos começar?

Por **Thais Leandro Cavalcanti**, mestranda do PPGAV UFPB/UFPE

:: cartografia acadêmica para não me esquecer de caminhar ::

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

Tenho fascínio por (auto)biografias, autoficções, cartas e outros tipos de produção que revelem traços da vida de autoras/es que admiro. Talvez por gostar de cartas, também apresento uma grande atração pelas quebras de quarta-parede nas mais diversas produções artísticas. Não à toa – e falo como espectadora – a performance de Marina Abramovic em “A artista está presente” seja tão provocativa neste sentido, porque ainda que tenhamos passado uma vida sendo afetado pelas obras de determinada/o autor/a, a *presença* de seu corpo por si só diante de nós à espreita de *nossa* reação é disruptiva e desconcertante.

De volta à minha pesquisa, lembro-me, portanto, de uma performer e sexóloga considerada pioneira nas produções pós-pornô: Annie Sprinkle. Seu filme “*Deep inside Annie Sprinkle*” (1981, EUA) ultrapassa uma barreira que os filmes pornôs de então apenas simulavam fazer: quebra verdadeiramente uma quarta-parede. O fato de a primeira cena do filme ser uma espécie de diário narrado no qual a atriz-protagonista

relembra momentos seus através de um álbum de fotos me leva novamente a pensar que estou diante de uma *presença* que escreve pornograficamente através de sua própria escrita de si. Encarei aquilo como algo brutalmente honesto e, portanto, revolucionário. Pois bem, também influenciada pelo filme “O Guia Pervertido do Cinema” (Sophie Fiennes, 2006, Reino Unido), em que o filósofo Slavoj Žižek faz análises filmicas insertos nos clássicos da cinematografia, comecei a pensar em uma espécie de metodologia que implicasse a *presença* do corpo. Quer dizer, qual o grande referencial de afecções que um/a autor/a tem que não seu próprio corpo e todo a instância de relações de saberes/poderes que o constituíram hoje?

Assim, tenho elaborado a ideia de construir análises filmicas que funcionem como uma espécie de carta, em que eu possa estar implícita. Análises filmicas que correspondam à ideia do que, *para mim*, deve ser uma análise: uma produção nova, assumidamente pessoal, um material suplementar ao corpus analisado. Meu projeto de dissertação (“Quando a América Latina pode ter uma língua *queer* que fala, critica e goza? – O estilo e riscos pornográficos em três ficções filmicas com cenário brasileiro”) tem como intenção a análise de filmes que me são muito caros, a saber: “A Rosa Azul de Novalis” (Rodrigo Carneiro e Gustavo Vinagre, 2019, Brasil), “Latifúndio” (Érica Sarmet, 2017, Brasil) e “Intruders” (Travis Mathews, 2018, Brasil, Espanha, EUA). Como bem analisado por Lucía Egaña Rojas:

Uma metodologia é sempre uma ficção. Quando penso na figura da metodologia, especialmente a acadêmica, imagino-a como um algoritmo, um conjunto de instruções ou regras sucessivas que têm por objetivo eliminar a dúvida em torno dos procedimentos¹⁰ (ROJAS, 2012 *apud* MOMBAÇA, 2016, p. 5).

Deste modo, sigo redescobindo o que seria uma linguagem pornográfica hoje e quais ferramentas metodológicas – como sujeito-escritora, me aciono enquanto personagem, espectadora ou ambos? – ela me dispõe.

Referências

A ROSA AZUL DE NOVALIS. Gustavo Vinagre e Rodrigo Carneiro. Brasil: Carneiro Verde Filmes. 2019. Streaming (MUBI). 70min.

DEEP INSIDE ANNIE SPRINKLE. Annie Sprinkle, Joseph W. Sarno. EUA: Evart Enterprises, 1981. VHS. 92 min.

INTRUDERS. Travis Mathews. Espanha, Brasil, EUA: Lust Films. Streaming (XConfessions). 20min.

LATIFÚNDIO. Érica Sarmet. Brasil: curta-metragem experimental. RJ, 2017, 11 min.

10 Tradução livre para: “una metodología es siempre una ficción, Cuando pienso la figura de la metodología, específicamente la académica, la imagino como un algoritmo, un conjunto de instrucciones o reglas sucesivas que tienen por objetivo eliminar la duda en torno a los procedimientos”.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, ano 17, v. 1, n. 28, p. 341-354, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25925>. Acesso: 19 fev. 2021.

O GUIA PERVERTIDO DO CINEMA. Sophie Fiennes. Reino Unido, Áustria, Holanda: Produtora, 2006. DVD. 150min.

ROJAS, Lucía Egaña. **Metodologias Subnormales**. Disponível em: http://www.bibliotecafragmentada.org/wpcontent/uploads/2012/12/EGANA_Lucia_Metodologias-subnormales.pdf.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes Visuais 3, 11, 12, 23, 36, 37, 45, 49, 50, 58, 60, 61, 67, 75, 77, 82, 85, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

Autonomia do método 28, 33, 42, 47, 88

B

Biografização com crianças 33, 47, 53, 54, 61, 76

C

Conhecimento 11, 12, 13, 17, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 42, 46, 64, 72, 80

Corrente de pesquisa-ação-formação 28, 34, 42, 47, 53, 54, 72, 88, 105

D

Deficiência visual 49, 50, 114

Desenho infantil 33, 47, 53, 54, 61, 76, 117

G

Gênese de uma corrente 34, 42, 47, 53, 54, 72, 88, 105

H

História da Arte 39, 41, 102, 114, 115, 119

Histórias de vida em formação 28, 29, 31, 34, 42, 47, 53, 54, 72, 88, 104, 105

I

Investigação 3, 12, 15, 23, 45, 46, 47, 58, 67, 72, 80, 85

M

Mulheres 36, 42, 44, 46, 65, 67, 68, 69, 73, 98, 114

S

Situação de acolhimento institucional 33, 47, 53, 54, 61, 76

T

Territórios e tempos 30, 76

V

Vida em formação 28, 29, 31, 34, 42, 47, 53, 54, 72, 88, 104, 105

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Ana Carolina Monteiro da Fonte

Mestranda em Artes Visuais pela UFPE/UFPB. Licenciada em Educação Artística (UFPE) e Especialização em Psicologia no Âmbito da Saúde Mental (FAFIRE). Possui certificação em Ed. Infantil (Early Childhood Education) na Arapahoe Community College, CO – E.U.A, como também certificação internacional no Ensino do Inglês como uma segunda Língua (Advanced TESOL/TESL) pela Global Leadership College, Canadá – EAD. Atuou como professora de Artes Visuais e como professora de inglês para crianças, jovens e adultos. Também atuou como Coordenadora Pedagógica e como Arte Terapeuta-Educadora no Centro de Reabilitação em Múltiplas Deficiências da Fundação Altino Ventura e no Centro de Apoio Psicossocial Nise da Silveira (CAPS) – Secretaria de Saúde de Olinda. E-mail: ana.fonte@ufpe.br.

Ana Paula Abrahamian de Souza

Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (DEd-UFRPE) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI – UFRPE/FUNDAJ). Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (2005), Especialização em Ensino da Dança (ESEFE/UPE), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco e Doutorado em Educação (PPGE-UFPE). Atualmente é membro associado da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED e conselheira da Federação dos Arte-Educadores do Brasil – FAEB. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPECAE-UFRPE) e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades. Desenvolve pesquisas no campo epistêmico da Arte/Educação e dos Estudos Culturais em Educação com ênfase no Corpo, Gênero e Sexualidades. E-mail: anapaula.souza@ufrpe.br.

Andréa Sobreira de Oliveira

Mestranda em Artes Visuais pela UFPE/UFPB. Licenciada em Artes Visuais no Centro de Artes Reitora Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau (URCA). Educadora Cultural na Exposição Ponte SP x Juazeiro do Norte, no CCBNB – Cariri. Exposição no Salão de Vinhedo, SP. Atuou no educativo da Mostra Naif, SESC Crato – CE. Exposição na mostra Batom, lápis e TPM, Piracicaba, SP. Artista selecionada no 70º Salão de Abril em Fortaleza-CE. Atuou como professora substituta na área de Artes Gráficas no Centro de Artes – URCA. Membro dos Grupos de Pesquisa Ateliê de Pintura e Novos Zeriguiduns Inter (Nacionais) Gerados na Arte-NZINGA, Centro de Artes – URCA. Estuda e desenvolve trabalhos nas linguagens da Gravura, Desenho, Pintura e História em Quadrinhos, com pesquisa acerca da mulher e problematizações em seu contexto contemporâneo. E-mail: andrea.sobreira@ufpe.br.

Ane Beatriz dos Santos Reis

Professora de Artes Visuais na Educação Básica, mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais PPGAV/UFPE/UFPB; pesquisadora do Grupo de Pesquisa do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário da UFPB; licenciada em Artes Visuais pela UFPE. Acredita que o contar da história da arte não necessariamente deve seguir uma linha cronológica dos fatos e das histórias, como também não contar apenas histórias da arte hegemônica, mas sim conectar lugares, pessoas, diferentes épocas e tecer relações do passado com o presente vislumbrando o contar de novas histórias no futuro. Pesquisar uma história da arte cíclica nos possibilita não somente conhecermos as histórias da arte, mas criar outras a partir delas, aguçar a criatividade e trilhar novos caminhos. E-mail: ane.reis@ufpe.br.

Anna Rayanne Lins de Moraes

Mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) UFPE/UFPB. Especialista em Paisagismo pela Faculdade de Ciências Humanas Esuda (2016). Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (2013). Professora titular do Curso Técnico em Design de Interiores na Secretaria de Educação Integral e Profissional de Pernambuco. Desenvolve pesquisa no campo da Arte/Educação, investigando a formação e a identidade docente. E-mail: anna.rayanne@ufpe.br.

Brenda Gomes Bazante

Mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Especialista em Metodologia do Ensino de Artes pela Faculdade de Educação São Luis (2019). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Norte do Paraná (2018). Diretora do Ateliê de Artes Visuais Flor de Antúrio. Artista visual e pesquisadora do campo da escultura com ênfase na Arte Cinética. Desenvolve pesquisas no campo da Arte Cinética e Dissidência de Gênero, procurando entender como narrativas autobiográficas podem ajudar a representar, por meio de um móvel, as mudanças corporais realizadas por mulheres transexuais e travestis. E-mail: brenda.bazante@ufpe.br.

Cláudia Magalhães Rodrigues dos Santos

Mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Especialista em Arte/Educação pela Faculdade Campos Elíseos. Especialista em Arte e Tecnologia pela UFRPE. Graduada em Pedagogia pela UFPE. Graduanda em Artes Visuais com Ênfase em Tecnologias (UFRPE). Gestora cultural em uma associação de cunho artístico, histórico, cultural e defesa dos direitos sociais, instituição sem fins lucrativos. Monitora no Projeto Brincarte da UFRPE. Contadora de Histórias pelo Instituto Federal do Sertão Pernambucano – Campus Petrolina. Pesquisadora do campo das Artes Visuais e da pessoa com deficiência visual, procurando compreender como os/as docentes de Artes Visuais trabalham com pessoas com deficiência visual na sala de aula. E-mail: claudia.magalhaesrodrigues@ufpe.br.

Cleyton de Melo Nóbrega

Licenciado em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em teatro, arte-educação, mediação cultural e artística por meio da linguagem da performance em espaços expositivos/culturais. Especialização em Museus, Identidades e Comunidades – Fundação Joaquim Nabuco. Mestrando Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Pesquisa sobre representatividade negra em museus na região Nordeste. E-mail: cleyton.nobrega@ufpe.br.

Elizabeth de Carvalho Simplício

Mestranda em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Bolsista do Programa de Demanda Social da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Graduação em Fotografia pela Universidade Católica de Pernambuco (2019); Graduada em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco (1998); Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1992). E-mail: elizabeth.carvalho@ufpe.br.

Emanuelly Mylena Velozo Silva

Graduação em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (2018). Especialização em andamento em História da Arte pela Universidade Estácio de Sá. Mestrado em andamento no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB, na linha de Pesquisa “Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais”. E-mail: emanuely.velozo@ufpe.br.

Fabiana Souto Lima Vidal

Docente de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFPE e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Doutora em Educação pela UFPE (2016). Mestre em Educação – UFPE (2011). Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas – UnB. Licenciada em Educação Artística/Artes Plásticas – UFPE. Editora-chefe da Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPECAE) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Formação de Professor e Profissionalização Docente (UFPE). Integrante da Rede de Representantes da Federação de Arte/Educadores do Brasil – FAEB/PE – 2019-2021) e vice-coordenadora do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. E-mail: fabiana.vidal@ufpe.br.

Felipe Neves dos Santos Cesar

Mestrando em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Possui Graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2011) e graduando em Licenciatura Letras/Espanhol (UFPE). Atualmente é educador na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Tem experiência na área de História, História da Arte, com ênfase em Arte-Educação. E-mail: felipe.cesar@ufpe.br.

Giovanni Lucena Costa

Mestrando em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Membro do projeto de pesquisa e extensão do PPGAV: Arte, Museu e Inclusão. E-mail: giovanni.lcosta@ufpe.br.

Ingrid Borba de Souza Pinto Domingos

Mestranda bolsista do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Licenciada em Artes Visuais pela UFPE (2018). Graduada em Design Gráfico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, IFPE (2014). De 2016 a 2017, participou como estudante bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID Artes Visuais (2016) e posteriormente foi pesquisadora bolsista no programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Pesquisa Científica PIBIC (2017). Atua profissionalmente como arte/educadora, artista visual e designer gráfico em editais e projetos culturais. E-mail: ingrid.borba@ufpe.br.

Jéssica Ribeiro de Oliveira

Mestranda em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste. Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE-Recife). Tem em suas pesquisas interesse nos estudos sobre Currículo entrelaçando relação com estudos sobre gênero e sexualidade em artefatos culturais, revistas, mídias, desenhos animados, produções artísticas etc. e suas análises se fundamentam em estudos da Análise Cultural na perspectiva dos Estudos Culturais. E-mail: jessica.ribeiro@ufpe.br.

João Victor Pinto Baía

Mestrando em Artes Visuais pelo PPGAV UFPE/UFPB. Possui Graduação em Artes Visuais – Licenciatura – UFPE/2019. Estudou desenho e pintura com o Professor Doutor Fernando Lúcio no Espaço Fernando Lúcio de Belas Artes (FELLBA) – Curso de Belas Artes, desenho e pintura (2016-2018). Na Graduação, atuou como monitor das disciplinas de Fundamentos da Linguagem Visual 1 e 2, Desenho 1. Aluno bolsista do PIBIC 2016/2017 pelo CNPq. Premiado em primeiro lugar na categoria Linguagens, Letras e Artes no 25º Congresso de Iniciação Científica da UFPE com o projeto Ensino das Artes Visuais em Pernambuco: Teoria e Prática em Re-Vista. Tem experiência na área de Arte-Educação e técnicas artísticas. Foca sua produção artística e de pesquisa na metodologia clássica do ensino do desenho e pintura, baseada na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris do século XIX. E-mail: joao.baia@ufpe.br.

Luciane Germano Goldberg

Arte-Educadora. Doutora em Educação (2016) pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Educação Ambiental (2004) e Licenciada em Artes Plásticas (1999) pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG – RS. Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará – Departamento de Teoria e Prática de Ensino – Faculdade de Educação. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Artes,

PROF-ARTES (UFC), Linha de Pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes. Líder do Diretório de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA). Coordenadora do projeto de Pesquisa “Ateliê do Iprede: experiência estética na 1ª infância no 3º setor” (PIBIC/UFC). Colaboradora do programa de Extensão “Ateliê do Iprede” (ICA/FACED/IPREDE). Experiência na área de Arte-Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: arte-educação, educação estética, histórias de vida, desenho infantil, pesquisa (auto)biográfica com crianças, direitos das crianças e dos adolescentes, arte-educação-ambiental. E-mail: lucianegoldberg@ufc.br.

Luís Massilon Da Silva Filho

Mestrando em Educação Contemporânea pelo Centro Acadêmico do Agreste da UFPE. Especialista em Psicomotricidade pela Universidade de Fortaleza. Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Integrante do IMAGINÁRIO – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE/CNPq) e do Grupo de Pesquisa sobre Contemporaneidade, Subjetividades e Novas Epistemologias – G-Pense! (UPE/CNPq). Professor da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde/PE. Psicólogo Clínico – Psicoterapeuta Breve de Abordagem Psicanalítica – Clínica de Psicopedagogia de Arcoverde. Possui interesse nas áreas de: Educação Contemporânea, Corporalidades, Gênero e Estética. E-mail: luis.mfilho@ufpe.br.

Marco César de Oliveira Brito Filho

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Possui Graduação em Gestão de Turismo pelo IFPE (2016), Graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela UFPE (2018) e Graduação em Design Gráfico pelo Centro Universitário dos Guararapes – Faculdade dos Guararapes – UNIFG (2019). Tem experiência na área da Educação, com ênfase em Artes Visuais, além de atuação no Turismo e Design Gráfico. Minhas top-skills são: comunicação, atenção, detalhista e organizado. Trabalha também como freelancer e Youtube. E-mail: marco.britofilho@ufpe.br.

Maria Betânia e Silva

Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2004). Graduada em Educação Artística/Artes Plásticas – Licenciatura pela Universidade Federal de Pernambuco (1992). Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (2020). Professora da Graduação e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Atua no Ensino das Artes Visuais com ênfase nas temáticas: memórias, história do ensino de arte, formação docente em arte, práticas pedagógicas em arte. E-mail: maria.bsilva2@ufpe.br.

Marina Soares da Silva

Graduada em Design (2019) pela UFPE e mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Arte Visuais UFPE/UFPB. Participou em 2018 do projeto Teia Postal: Arte Postal e Fotografia Contemporânea – CAC/UFPE. Premiada com menção honrosa no 2º SEPEC – Semana de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura. É

pesquisadora do Grupo de Pesquisa Symbolismum – Estudos sobre o Imaginário e Complexidade – CAC/UFPE. É fotografa com foco em Processos Históricos e Alternativos em Fotografia como: Fotograma, Papel Salgado, Cianotipia e Goma Bicromatada. Teve o fotolivro VÉU exposto no Instituto Moreira Salles no Festival ZUM (São Paulo – SP, 2019), ensaios fotográficos exibidos no N9 Novem/FotoLab/CAA/UFPE (Caruaru – PE, 2017) e no Pequeno Encontro da Fotografia (Olinda – PE, 2017 e 2018). Tem poemas publicados na revista Philos Neolatina – Revista de Literatura da União Latina. E-mail: marina.ssilva@ufpe.br.

Naliana da Silva Mendes

Mestranda pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Especialista em História, Cultura e Sociedade pela UESPI (2014) e em Educação Especial pela UESPI (2013). Graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela UFPI (2011). Membro da Rede de Pesquisa e (In)Formação em Museologia, Memória e Patrimônio (REDMUS) da UFPB/CNPq. É Professora de Arte do Instituto Federal do Piauí (IFPI) em regime de dedicação exclusiva. Tem experiência na área de Arte, com ênfase em Artes Visuais. E-mail: naliana.mendes@ufpe.br.

Niara Mackert Pascoal

Mestranda em Artes Visuais do Programa Associado de Pós-Graduação da UFPE/UFPB. Possui Licenciatura em Artes Visuais pela UFPE (2018). Foi bolsista do Núcleo de Acessibilidade da UFPE, na função de tutora para assuntos de acessibilidade educacional (2017-2019). Foi monitora das disciplinas de Fundamentos da Linguagem Visual 1 e 2. Foi estagiária no setor de artes visuais do SESC, sede administrativa em Pernambuco. Tem experiência na área de Arte/educação, gestão e produção cultural e técnicas artísticas. Como artista, foca sua produção em fotomontagem, fotografia e aquarela. Tem como objeto de pesquisa e produção acadêmica arte e inclusão de pessoas com deficiência, arte/educação infantil. Foi membro do grupo de estudos da UDESC Apotheke na Escola em 2020. Atualmente é educadora social na área de artes visuais no Movimento Pró Criança – unidade Piedade, ministrando o curso de Artes Visuais. E-mail: niara.mpascoal@ufpe.br.

Patricia Correia Vilela da Silva

Mestranda em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Especialista em Arte e Tecnologia UFRPE (2019). Tecnóloga em Design Gráfico IBRATEC (2015). Graduada na Licenciatura em Educação Artística/ Artes Plásticas – UFPE (2009). E-mail: patricia.cvsilva@ufpe.br.

Rennan Mendes dos Santos

Mestrando em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação UFPE/UFPB. Possui Graduação em Artes Visuais pela UFRPE e Graduação em Letras pela UPE. É especialista em Cultura Pernambucana pela Faculdade Frassinetti do Recife e especialista em Comunicação, Semiótica e Linguagem Visual pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. É técnico em Multimeios Didáticos pela Escola Técnica Almirante Soares Dutra (EASD/SEDUC-PE) e atualmente cursa Graduação tecnológica

em Produção Audiovisual – Filmmaker – pela UNINABUCO. Tem experiência nas áreas de Educação, Educação a Distância, Formação de Professores, Educação Tecnológica, Ensino das Artes e Mídias Contemporâneas, Produção Cultural, Audiovisual, Fotografia, Literatura e Língua Portuguesa. E-mail: rennan.santos@ufpe.br.

Ridelma Barbosa de Moura

Mestranda em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste – UFPE/CAA, bolsista Capes. Especialista em Educação e Direitos Humanos pela UFPE. Graduada em Pedagogia – UFPE/CAA. Integrante d'O IMAGINÁRIO – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE/CNPq). Possui interesse nas áreas de: Educação; Cultura Popular; Estudos culturais; Pedagogias culturais; Imaginário; sensibilidades; arte; Educação e Direitos Humanos. E-mail: ridelma.moura@ufpe.br.

Rosalvo Felisberto de Oliveira Filho

Mestrando em Artes Visuais, pelo Programa Associado de Pós-Graduação UFPE/UFPB, na linha de pesquisa de Teoria e História da Arte, graduado, com láurea, em Artes Visuais – licenciatura, pela Universidade Federal de Pernambuco. Atuando nos seguintes temas: Arte/educação, Arte Sequencial (quadrinhos), Ilustração, Estética do Grotesco e Teoria e História da Arte. Pesquisador componente do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre o Imaginário e pesquisador componente do Grupo de Pesquisa Arte, Cultura e Memória. E-mail: rosalvo.oliveirafo@ufpe.br.

Sandro Gonçalves Guerra

Possui Graduação em Licenciatura em Educação Artística/Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco (2002). Especialista em educação e atualmente é professor II da Prefeitura Municipal de Ipojuca. Tem experiência no Ensino Superior nas áreas de Arte; Turismo; RH; Marketing e Logística. Experiência em Teatro e Cinema como ator, diretor, dramaturgo e roteirista. E-mail: sandro.guerra@ufpe.br.

Thais Leandro Cavalcanti

Mestranda no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPE/UFPB. É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela UFPE (2014). Pesquisa questões relacionadas a gênero, sexualidade, pornografia e pós-pornô, estéticas queer e do artifício. E-mail: thais.lcavalcanti@ufpe.br.

SOBRE O LIVRO

Tiragem: 1000

Formato: 16 x 23 cm

Mancha: 12,3 X 19,3 cm

Tipologia: Times New Roman 11,5/12/16/18

Arial 7,5/8/9

Papel: Pólen 80 g (miolo)

Royal Supremo 250 g (capa)

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou a comercialização